

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Instituto de Psicologia

Lívia Tonelli Bartolomei

**A questão das identificações e identidades de gênero: um estudo teórico-clínico  
psicanalítico**

SÃO PAULO

2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Instituto de Psicologia

**A questão das identificações e identidades de gênero: um estudo teórico-clínico  
psicanalítico**

(versão corrigida)

Lívia Tonelli Bartolomei

Dissertação apresentada Instituto de  
Psicologia da Universidade São Paulo  
para obtenção do título de Mestre em  
Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia  
Clínica

Linha de pesquisa: Estudos  
Psicanalíticos

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Marina  
Ferreira da Rosa Ribeiro

SÃO PAULO

2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

**Catálogo na publicação**

Biblioteca Dante Moreira Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo  
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Bartolomei, Livia Tonelli

A questão das identificações e identidades de gênero: um estudo teórico-clínico psicanalítico. / Bartolomei, Livia Tonelli; orientadora Marina Ferreira da Rosa Ribeiro - São Paulo, 2019.

102 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

1. Identificação . 2. Identidade de gênero . 3. Psicanálise . 4. Feminilidade. 5. Masculinidade.

I. Ribeiro, Marina Ferreira da Rosa II. Universidade de São Paulo. III. Título.

Nome: Bartolomei, Livia Tonelli

Título: A questão das identificações e identidades de gênero: um estudo teórico-clínico psicanalítico

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia  
da Universidade de São Paulo para a obtenção do  
título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em:

**Banca Examinadora**

Profa. Dra. Marina Ferreira da Rosa Ribeiro (orientadora)

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Silvia e Rogério, aos meus irmãos, Thiago e Rodrigo e às suas companheiras, Francine e Ivana, e ao Luiz Fernando Gomes Machado, agradeço pelo apoio incondicional, pelo amor e pelo exemplo;

A Clara e Beatrice, por ajudarem a renovar em mim a esperança de ver um futuro melhor, agradeço;

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marina Ferreira da Rosa Ribeiro, agradeço pela confiança, pela competência e pela sensível presença;

Aos colegas do grupo de pesquisa Tais de Oliveira Nicoletti, Rachele da Silva Ferrari, Janderson Silvestre, Davi Flores, Péricles Pinheiro Machado Jr., Fernanda Parra dos Anjos, Claudia Perrotta, Celina Diaféria e Fátima Flórido, agradeço pela amizade, pela atenta leitura de meus textos e pelas sugestões, pelo amparo e pelo constante incentivo; em especial à Ivy Semiguem, sou grata pelo apoio e pelas trocas de conhecimentos sobre Jean Laplanche;

A todos meus amigos, de perto e de longe, sou grata pelo carinho de sempre e pela paciência com a minha ausência; em especial, à Luiza Testa e ao Lucas Tozo, agradeço pelo companheirismo nos momentos de angústia tão peculiares à escrita de uma dissertação;

Aos meus os pacientes, que certamente contribuíram para a concretização desse percurso, agradeço. Especialmente à Ariel, sou grata pela possibilidade de crescimento no encontro com sua história.

## RESUMO

Bartolomei, L. T. (2019) A questão das identificações e identidades de gênero: um estudo teórico-clínico psicanalítico (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

No presente trabalho, fizemos uma investigação teórica e histórica sobre a introdução do conceito de gênero no campo da psicanálise, desde John Money e seus estudos sobre o hermafroditismo, passando por Ralph Greenson e o conceito de des-identificação, até chegar a Robert Stoller, psicanalista reconhecido como o primeiro pesquisador da área a se debruçar profundamente sobre o tema e a formular o conceito de identidade de gênero. Apresentamos também as ideias de Jean Laplanche e sua Teoria da Sedução Generalizada, chegando à ideia de gênero como um fator envolvido na sedução generalizada e à importância da designação na constituição do gênero na criança. Em seguida, passamos à compreensão do pensamento de Paulo de Carvalho Ribeiro no que concerne ao nosso tema de pesquisa, trabalhando o conceito de identificação feminina primária, bem como a imitação e a noção da passividade como marca das origens do sujeito psíquico. Posteriormente, analisamos e discutimos dois fenômenos humanos: o filme "Eu, Mamãe e os Meninos", que traz como personagem principal um rapaz às voltas com questões sobre sua sexualidade e sua identidade de gênero; e o fato clínico de uma adolescente que também se angustiava por conta de questionamentos em relação ao mesmo tema. Procuramos articular diferentes aspectos teóricos acerca da construção da feminilidade e da masculinidade por meio dos conceitos apresentados. Buscamos, como diria Laplanche, colocar a teoria psicanalítica para trabalhar, ou seja, expandir o campo das interpretações acerca das identidades de gênero.

**Palavras-chave:** Gênero. Psicanálise. Identificação feminina primária. Teoria da Sedução Generalizada.

## ABSTRACT

Bartolomei, L. T. (2019). The Question of Gender Identifications and Identities: a Theoretical-Clinical Psychoanalytic Study. Dissertation (Master degree) - Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo.

The present work aims to investigate historically and theoretically the introduction of the concept of gender into the Psychoanalysis field since John Money's studies on hermaphroditism to Ralph Greenson's concept of disidentification and Robert Stoller, known as the first researcher to have fully elaborated on the theme and formulated the concept of gender identity. We will also present the ideas of Jean Laplanche's General Theory of Seduction, which lead to the idea of gender as an element involved in the general seduction and the importance of designation in the constitution of a child's gender. Next, we will approach Paulo de Carvalho Ribeiro's reasoning with regards to our theme, working on the concept of primary feminine identification, as well as imitation and the notion of passivity as a mark of origin of the psychic subject. Subsequently, we will analyze and discuss two human phenomena: the movie "Me, Myself and Mum", whose protagonist is a boy struggling with his sexuality and gender identity; and the clinical fact of a teenager distressed over questions around the same theme. We have tried here to articulate a diversity of theoretical aspects about the construction of femininity and masculinity through the presented concepts. We have sought, as Laplanche would say, to put the psychoanalytic theory to work, that is, to expand the realm of interpretation with respect to gender identities.

**Keywords:** Gender. Psychoanalysis. Primary Femininity Identification. General Theory of Seduction.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	11
<b>ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS</b> .....	17

### PARTE 1

<b>1- História do conceito de gênero na psicanálise</b> .....	22
1.1 John Money e o hermafroditismo .....	22
1.2 Ralph Greenson e a des-identificação .....	24
1.3 Robert Stoller, o transexualismo e as identificações .....	27
1.4 Joyce McDougall, a sexualidade, o gênero e as neo-sexualidades .....	32
<b>2 - Jean Laplanche</b>	
<b>2.1 Breve história da teoria da sedução - de Freud a Laplanche</b> .....	40
<b>2.2 Teoria da sedução generalizada</b> .....	43
2.2.1 - A situação antropológica fundamental .....	43
2.2.2 - A sedução originária .....	44
2.2.3 - O recalçamento originário, a constituição do inconsciente e a origem pulsão. 45	
<b>2.3 O Sexual em Laplanche</b> .....,.....	48
<b>2.4 Crítica de Laplanche à teoria de Stoller</b> .....	52
<b>3 - Paulo de Carvalho Ribeiro</b>	
<b>3.1 - A identificação feminina primária</b> .....	55
3.1.1 Crítica à teoria tradutiva do recalçamento e ao bebê tradutor .....	56
3.1.2 A identificação feminina primária .....	58
3.1.3 O pensamento de Jacques André .....	58
3.1.4 Retomando o pensamento de Paulo de Carvalho Ribeiro .....	59
<b>3.2 - A imitação</b> .....	63
<b>3.3 - Algumas discordâncias de Paulo de Carvalho Ribeiro</b> .....	66
<b>3.4 - Algumas alterações e atualizações do pensamento de Paulo de Carvalho..</b> 69	



## **PARTE 2**

<b>4.1 - Filme - <i>Eu, Mamãe e os Meninos</i>.....</b>	<b>73</b>
<b>4.2 - Fato clínico - Ariel em busca de um lugar psíquico .....</b>	<b>85</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>99</b>

## APRESENTAÇÃO

O pensamento dominante referente às normas de diferenciação sexual no século XVIII era a ideia de que o homem seria o corpo-base a partir do qual o corpo feminino se assentaria, isto é, reinava uma visão monista da diferença sexual: a mulher era pensada e entendida como um “homem invertido” - seus órgãos sexuais seriam versões invertidas dos órgãos masculinos. Ou seja, a vagina seria como um pênis interno, os lábios seriam correlativos ao prepúcio, enquanto o útero seria o escroto e os ovários corresponderiam aos testículos. O corpo feminino seria uma versão menos importante e inferior do corpo masculino, pensamento que teve como base as concepções de Galeno desde o século III a.C. À mulher, faltariam a vitalidade e o calor vital que constituiriam o corpo masculino (Laqueur, 2001).

Apenas a partir do final do século XVIII há uma mudança nessa visão hegemônica, passando a prevalecer uma noção de “dois sexos”, ao contrário da visão monista anterior, visto que nesse momento os revolucionários europeus precisavam fundamentar a desigualdade social entre homens e mulheres, para que fossem compatíveis com os ideais igualitários que pregavam. Mulheres passam a ser vistas como frágeis, infantis e incapazes de realizar as tarefas intelectuais para as quais os homens seriam qualificados, não por serem imperfeitas, mas biologicamente diversas. Assim, o corpo masculino não é mais o modelo de perfeição e possuidor de um calor vital ausente nas mulheres. Agora passa a existir a abstração da divisão em dois sexos, naturalmente diferentes. Os sujeitos passam a ser avaliados como adequados ou fora da norma por suas condutas morais a partir da natureza biológica de seus sexos, daquilo que a sociedade espera que o sujeito faça enquanto ocupa esse lugar de homem ou mulher (Laqueur, 2001).

É interessante perceber, a partir desse pequeno histórico sobre os discursos relativos às diferenças sexuais,

que as noções de "diferença biológica de sexo" e "diferença cultural de gêneros" não são dados crus, que se impõem, de forma compulsória, à consciência de leigos e cientistas. Tanto o "sexo biológico" quanto o "gênero cultural" são idéias informadas por crenças científicas, políticas, filosóficas, religiosas etc. sobre a "natureza dos seres humanos". (Costa, 2001)

Dessa forma, entendemos que o que é socialmente considerado masculino ou feminino, as concepções sociais de homem e mulher foram - e continuam sendo - alteradas ao longo da história. Os chamados “estudos de gênero” surgem na seara da antropologia, a partir de estudos sobre o parentesco e seu papel na constituição das diferentes sociedades, no debate sobre a relação entre cultura e natureza, e também na problematização crítica das noções essencialistas e universais sobre masculino e feminino (Perucchi, 2009).

Ceccarelli (2010) afirma que, na área dos estudos de gênero, “Trata-se, de um lado, dos movimentos feministas com as teorias que os sustentam; e, de outro lado, das práticas políticas às quais estes movimentos conduzem” (p. 269). Porém, continua o autor, o conceito de gênero não está limitado aos estudos feministas, nem à militância política propriamente dita.

É conhecida a polêmica existente entre os movimentos feministas e a psicanálise, discursos que surgiram na mesma época. Os saberes psicanalíticos subverteram o pensamento iluminista dominante de um sujeito universal e consciente, mas foram questionados pelas feministas por, entre outras coisas, não fazerem uma crítica ao modelo social patriarcal e centrado na família, assim como pelo postulado de uma fase fálica no desenvolvimento psicosssexual tanto dos meninos como das meninas, ou seja, o pressuposto da existência de uma lógica fálica como estruturante do psiquismo.

Algumas feministas viam em Freud uma possibilidade de emancipação, enquanto outras o viam como defensor de uma posição falocêntrica. Autores psicanalíticos como Ernest Jones, Melanie Klein e Karen Horney questionavam a concepção freudiana da fase fálica e da inveja do pênis nas meninas. Klein, por exemplo, entende que a inveja do pênis é herdeira da inveja do seio, o que coloca a inveja do pênis como secundária, e não primária como propunha Freud. Além disso, ela aponta para vivências de sensações vaginais precoces, assim como Horney (1923), que em seus estudos desenvolveu a ideia de uma inveja do útero presente nos homens, que seria inclusive mais intensa do que a inveja do pênis vivenciada pelas mulheres.

De acordo com Ceccarelli (2010), esse tensionamento teve seu auge a partir dos textos *O futuro de uma ilusão*, de 1927, e *O mal-estar na civilização*, de 1929, pois Freud não menciona a opressão social vivida pelas mulheres, mesmo versando nesses textos sobre as injustiças sociais e as vivências das classes oprimidas.

As concepções freudianas sobre a sexualidade e as origens do sujeito psíquico são consideradas revolucionárias e inéditas - conceitos como bissexualidade psíquica e a própria sexualidade infantil, entre outros, trazem ideias originais, inclusive tratando da questão do gênero, embora Freud não tenha utilizado esse conceito especificamente. Mesmo atualmente, o termo *gênero* ainda carrega controvérsia no interior da psicanálise, já que, de acordo com Ceccarelli (2010), alguns psicanalistas consideram que as ideias de Freud seriam suficientes para explicar as questões das identidades de gênero e suas problemáticas adjacentes. Aqui, nos referimos aos psicanalistas para os quais os processos sociais podem interferir na construção da subjetividade, mas que consideram que os conflitos são sempre relacionados a mecanismos intrapsíquicos inconscientes, isto é, independentes do social. Por outro lado, ainda de acordo com o autor, para outros psicanalistas, as noções de gênero e identidade de gênero podem nos ajudar a entender certos conflitos e angústias. São os psicanalistas que se apoiam na premissa freudiana de que toda psicologia individual também é, ao mesmo tempo, social.

O interesse pela questão das identidades de gênero na minha trajetória começou na graduação em psicologia, quando estudamos a formação da identidade a partir do ponto de vista da psicologia social e da estratégia de pesquisa de construção da narrativa da história de vida. Foi meu primeiro contato com pessoas transexuais ou que apresentavam conflitos acerca de suas identidades de gênero, e me causou grande impacto o sofrimento ao qual estavam expostas, tanto pelo recorrente sentimento de incompreensão e o preconceito do entorno para com as suas formas de ser, quanto pelas próprias angústias pessoais que enfrentavam numa espécie de busca contínua pela conciliação entre seus corpos e seus psiquismos. Tendo posteriormente seguido o caminho da psicanálise clínica, a questão das identidades de gênero nunca saiu do meu campo de interesse.

A presente pesquisa surge, portanto, dessa inquietação e do questionamento sobre o que a psicanálise, no constante entrelaçamento entre a teoria e a prática clínica, tem a dizer a respeito dos movimentos psíquicos que constituem as identidades de gênero, bem como a feminilidade e a masculinidade. Não temos aqui a pretensão de esgotar o tema, mas pretendemos que possa ser um ponto de partida para quem se interesse por ele e que possa funcionar, também, como uma ferramenta de abertura ao diálogo, tão importante ao tratarmos de um assunto que, apesar de atualmente ser bastante explorado pela mídia, sendo tema de

personagens de novelas, seriados e filmes, assim como de diversas reportagens, ainda é alvo constante de estigmas e preconceitos.

Poderíamos citar diversos exemplos de discriminações sofridas tanto por pessoas que diferem da norma com relação à identidade de gênero, quanto por manifestações culturais que tratam do tema. Foi bastante polêmico o caso ocorrido em 2017 em Porto Alegre, no qual houve o encerramento antecipado de uma exposição sobre diversidade sexual denominada "Queermuseu". A exposição havia sido realizada pelo Santander Cultural e trazia mais de 270 obras de 90 artistas plásticos, com temas sobre a diversidade da expressão de gênero e a diferença na arte e na cultura em diferentes períodos, mas sofreu críticas e forte pressão popular para que fechasse as portas antes do previsto. Outra situação de grande repercussão no país foi a censura ocorrida em algumas cidades, como Rio de Janeiro e Jundiaí, à peça teatral *O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu*. A peça foi considerada ofensiva e imprópria por apresentar Jesus interpretado por uma travesti, o que levanta a questão sobre quais os lugares possíveis de serem ocupados por pessoas que não se encaixam no que é esperado a respeito do gênero, os seres abjetos de que nos fala Butler<sup>1</sup> (1990/2003).

Na primeira parte da pesquisa, nos dedicamos ao arcabouço teórico acerca do tema da identidade de gênero na psicanálise. Em primeiro lugar, trazemos um histórico sobre o aparecimento do conceito de gênero no campo da psicanálise, desde John Money e seus estudos sobre o hermafroditismo, passando por Ralph Greenson e o conceito de des-identificação e o importante caso de Lance, até chegar a Robert Stoller, psicanalista reconhecido como o primeiro pesquisador da área a se debruçar profundamente sobre o tema da identidade de gênero, termo forjado por ele durante suas pesquisas na Universidade da Califórnia, Los Angeles. Nessa seção, também nos interessaram as ideias de Joyce McDougall sobre a sexualidade, o gênero e as neo-sexualidades.

No segundo capítulo dessa parte, apresentamos as ideias de Jean Laplanche e sua Teoria da Sedução Generalizada. Para isso, consideramos necessário nos aprofundarmos na trajetória conceitual do autor, desde a situação antropológica fundamental, passando pelos aspectos da sedução originária, para chegar aos conceitos de recalçamento originário e às suas

---

<sup>1</sup> "Abjeto" é um termo utilizado por Judith Butler, filósofa que dedica grande parte de seus estudos aos problemas de gênero. O termo refere-se aos corpos excluídos da normatividade, aqueles não-inteligíveis, que muitas vezes são desconstituídos de sua humanidade e, por isso, relegados à invisibilidade.

noções e sobre o inconsciente e a origem da pulsão. Esse caminho teórico nos levou à noção laplancheana de gênero como um fator envolvido na sedução generalizada e à importância da designação na constituição do gênero na criança. Na parte final dessa seção, nos atemos à crítica feita por Laplanche a alguns aspectos da teoria de Stoller no que diz respeito às questões de gênero.

O terceiro capítulo da primeira parte é destinado à compreensão do pensamento de Paulo de Carvalho Ribeiro no que concerne ao nosso tema de pesquisa. Inicialmente, tratamos de conceituar a identificação feminina primária, noção que foi elaborada pelo autor partindo de algumas concepções de Laplanche. Além da teoria da sedução generalizada e da sedução originária, Ribeiro se apoia no conceito de passividade pulsional de Jacques André, o que é abordado nesse momento do trabalho. Ademais, nesse ponto, expomos a crítica de Ribeiro à ideia de bebê tradutor de Laplanche, isto é, à noção de que a criança ocuparia uma posição passiva em relação ao adulto, que envia as mensagens enigmáticas, ao mesmo tempo em que deveria ser ativa o suficiente para tentar traduzi-las.

Entre outras questões, é essa crítica que leva Ribeiro a se aprofundar nas questões da imitação precoce do ponto de vista da psicanálise, o que o levou a escrever o livro *Imitação: seu lugar na psicanálise*, que também é um tópico da presente pesquisa. Nesse livro, a principal tese defendida por Ribeiro é da passividade como marca das origens do sujeito psíquico, isto é, a noção de que os bebês não nascem portadores de uma instância psíquica capaz de ter algum tipo de iniciativa, mas que a imitação precoce teria um papel fundamental nesse processo de constituição psíquica. Também nos interessou abordar as discordâncias do autor à crítica que Laplanche faz de Stoller. No último tópico dessa parte, nos dedicamos a fazer uma atualização do pensamento de Ribeiro a respeito do tema do gênero, visto que o autor continuou se debruçando sobre as questões referentes ao gênero e à constituição do psiquismo e, portanto, importantes alterações em suas concepções foram realizadas.

Na segunda parte da pesquisa, nos dedicamos às análises de uma produção cinematográfica e de um fato clínico, partindo do ponto de vista das conceituações feitas no primeiro capítulo. O primeiro fenômeno estudado é o filme *Eu, Mamãe e os Meninos*, de 2013, que narra a trajetória de Guillaume em sua busca por entender sua própria identidade de gênero. Acompanhamos o personagem em sua estreita e curiosa relação com sua mãe, assim como as tentativas que faz para dar sentido às suas experiências e ao relacionamento com os homens e com as mulheres que o cercam.

Nesse ponto, nos apoiamos principalmente nos conceitos elaborados por Paulo de Carvalho Ribeiro sobre a imitação e seu papel no processo de constituição psíquica, assim como sua ideia acerca de uma identificação feminina primária; na noção de Stoller sobre a identificação precoce entre mãe e bebê; no conceito de Greenson sobre o processo de identificação e a importância da des-identificação; e na ideia de Laplanche sobre designação enquanto importante fator envolvido na aquisição da identidade de gênero.

No segundo capítulo dessa parte, nos dedicamos à discussão e à análise de fatos clínicos psicanalíticos elaborados a partir do atendimento de uma adolescente que foi realizado pela própria pesquisadora e que trazia em seu percurso questões sobre nossos temas de interesse: as identificações e a identidade de gênero. Tendo a psicanálise nascido a partir da prática clínica, consideramos que o compartilhamento de tais experiências é essencial e pode contribuir para o enriquecimento da discussão entre teoria e prática da psicanálise.

Para sustentar nossa discussão sobre o fato clínico, recorreremos aos conceitos de identificação feminina primária de Paulo de Carvalho Ribeiro, à Teoria da Sedução Generalizada de Jean Laplanche, assim como à sua noção acerca do gênero e da importância da alteridade na constituição psíquica. Ademais, as ideias de Joyce McDougall sobre o gênero e sua noção de neo-sexualidades, além de seu relato de um caso clínico nos ajudam a pensar sobre a experiência apresentada.

## ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

É conhecida a definição clássica de Freud acerca da psicanálise, que a define como um procedimento de pesquisa, um método de tratamento e uma ciência:

Psicanálise é o nome de um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica. (Freud, 1923a, p. 253)

De acordo com Turato<sup>2</sup> (2008), a psicanálise, antes de ser uma abordagem terapêutica e um conjunto de teorias, é entendida como um método, com seus procedimentos próprios de investigação sobre os processos mentais que, através de outros modos (que não a relação afetiva próxima em análise com um profissional psicanalista), não se tornariam acessíveis. Entretanto, continua o autor, os conhecimentos da psicanálise passaram a ser aplicados em pesquisas de outras áreas do conhecimento. Turato cita Freud, que nas “conferências introdutórias” caracteriza a psicanálise a partir da técnica com a qual trabalha, e não o material de que trata. Ou seja, Freud entende que a psicanálise pode ser aplicada a outras áreas do conhecimento, como ciência da religião ou história da civilização.

Laplanche (1992), no entanto, tece uma crítica à concepção de que a psicanálise pode ser “aplicada”:

“Aplicação” suporia que, a partir de um domínio privilegiado, que, com efeito, é o tratamento, uma metodologia e uma teoria seriam abstraídas, para, em seguida, serem transferidas, sem mais - como numa engenharia - para um outro domínio, assim como a ciência aplicada de um engenheiro, para construir uma ponte, nada mais é do que uma engenhosa derivação a partir dos conceitos fundamentais da física ou da mecânica. (p. 11)

Para o autor, ao se pensar em casos como o de Leonardo Da Vinci ou de Schreber, estamos diante da psicanálise extramuros, extratratamentos, assim como nos estudos antropológicos como Totem e Tabu ou os estudos sobre a arte e a religião, tão presentes na obra freudiana. Nesse movimento de dirigir a psicanálise “para fora”, Laplanche distingue dois aspectos - o aspecto interpretativo, teórico, e o aspecto real. Essa dimensão real é a ideia de que a psicanálise, enquanto modo de ser, invade o cultural, torna-se um grande movimento cultural que se dirige para fora dos muros.

---

<sup>2</sup> Em seu importante tratado sobre a metodologia da pesquisa clínico-qualitativa.



Laplanche entende que o ser humano é autoteorizante, o que significa “dizer que toda verdadeira teorização é uma experiência que, necessariamente, engaja o pesquisador” (Laplanche, 1992, p. 13). A psicanálise e suas teorias e especulações devem ser revistas, permitindo assim existir a possibilidade de desarticulação, decomposição e recomposição.

Não é uma desvalorização mobilizá-la, isto é, torná-la móvel, remobilizá-la, desfazer seus laços artificiais para eventualmente reencontrar para ela outras valências, sem por isso rebaixá-la a algo puramente ilusório [...] mas, por outro lado, sem reduzi-la a um jogo de argumentos puramente racionais. (Laplanche, 1992, p. 14)

O que interessa, nos diz Laplanche, na história de experiências da psicanálise enquanto teoria, é a complexa dialética “onde encontramos, na evolução da teoria, o eco e, -às vezes, o decalque da evolução do ser humano.” (Laplanche, 1992, p. 15).

Utilizamos a metodologia laplancheana, entendendo a psicanálise para além da definição clássica de Freud acima apresentada, colocando em prática a ideia de “fazer o texto trabalhar”, ou seja, “fazer ranger alguma coisa, aguçar contradições, tentando inclusive fazer com que se expliquem; não pelo prazer de sublinhar as contradições [...], mas para fazer exprimir a alma dessas contradições.” (Laplanche, 1993, p.2).

A pesquisa de caráter teórico-clínico foi realizada em duas etapas. A primeira etapa deu origem ao capítulo um e consistiu em uma investigação teórica de alguns conceitos de feminilidade e masculinidade do ponto de vista da psicanálise, assim como a apresentação da história do conceito de gênero e alguns de seus desdobramentos ao longo do desenvolvimento de parte da teoria psicanalítica. O termo foi apresentado desde o momento em que foi absorvido e utilizado por pensadores da psicanálise, até sua participação nas teorizações de Robert Stoller, Jean Laplanche e Paulo de Carvalho Ribeiro.

A segunda etapa foi dividida em dois momentos. O primeiro momento da pesquisa trata da análise de uma produção cinematográfica escolhida por dialogar profundamente com o nosso tema: o filme francês *Eu, Mamãe e os Meninos* (2013). Assim, utilizamos o filme como ferramenta ilustrativa e de análise, com foco no personagem principal, Guillaume, para buscar refletir sobre os temas citados (aquisição da feminilidade e da masculinidade, identificação feminina primária, identidade de gênero, imitação) a partir de aspectos psicológicos do personagem e das relações estabelecidas durante sua história de vida.

Christian Metz, francês estudioso e teorizador de cinema, publicou um trabalho seminal acerca da utilização da psicanálise na análise de filmes, intitulado *Psychoanalysis and*

*Cinema: The imaginary signifier*<sup>3</sup> (1975/1982), no qual identifica quatro estilos de análise cinematográfica usualmente adotados nas pesquisas.

O primeiro estilo elaborado por Metz é uma abordagem nosográfica, na qual o filme é entendido como equivalente ao sintoma do roteirista (ou diretor), e busca-se rastrear algo sobre a neurose do cineasta. Aqui, o interesse não é o filme, mas quem o realizou. O segundo estilo seria uma análise caracterológica, na qual busca-se estabelecer relações entre o filme e a psicopatologia do cineasta, compreendida a partir de estudos biográficos. A terceira modalidade é o estudo psicanalítico do *script* fílmico, método utilizado na presente pesquisa. O quarto estilo se dedica a estudar o filme como obra cultural, mas não seu produto (o filme), ou seja, o foco se dá aos elementos como cenografia, edição, fotografia e sonoplastia.

Retomando o terceiro estilo: o estudo psicanalítico do *script* fílmico. Essa modalidade está vinculada às associações do analista ao filme e inclui a observação dos personagens, da trama, dos diálogos, da cenografia, ou seja, não se detém apenas ao *script* em seu sentido estrito (as páginas escritas a partir das quais o filme é produzido), mas também leva em conta as partes que compõem o roteiro em seu sentido mais amplo - “o complexo temático manifesto do filme” (Metz, 1975/1982, p. 27).

Nessa modalidade de estudo psicanalítico do filme, assume-se o *script* fílmico como objeto da análise, ou seja, transforma-se o *script* em significante, para que assim seja possível alcançar as significações menos imediatamente visíveis.

Sobre essa modalidade, clarifica Machado Junior<sup>4</sup>:

O entendimento do filme como texto implica uma operação de transformação do código audiovisual para o código narrativo, efetuada pela experiência do psicanalista como espectador. Nessa modalidade, o objeto de análise restringe-se *àquilo que pode ser contado a respeito de um filme*, isto é, o conteúdo manifesto que se revela de forma mais ou menos lógica e ordenada. [...] Nessa modalidade, o filme está colocado em posição análoga à do sonho, embora evidentemente não se trate de um sonho *per se*, e sim de uma experiência imaginária do analista como aquele que presencia o desdobramento de uma narrativa na tela do cinema e a reconstrói posteriormente com suas próprias palavras - semelhante ao trabalho de elaboração secundária do sonho contado pelo analisante no divã. (Machado Jr., 2014, pp. 44-45, grifos do autor)

Assim, nessa proposta de análise do filme descrita por Metz (1975/1982), há a transformação da obra fílmica em um conteúdo interpretável com base nas teorias

<sup>3</sup> Os comentários sobre o texto de Metz serão feitos a partir de minha tradução.

<sup>4</sup> Em sua interessante e profunda pesquisa de mestrado, na qual estudou a análise de filmes pela perspectiva de Melanie Klein e autores pós-kleinianos.

psicanalíticas, buscando-se apreender os significados latentes apresentados na obra. O analista pode associar, por exemplo, uma cena ou um conflito a uma dinâmica psicológica, que passa então a ser discutida à luz de seu arcabouço teórico e clínico. É um processo criativo de transformação do filme em uma narrativa própria, processo que Metz (1975/1982) compara ao trabalho de análise de um sonho, em que o conteúdo manifesto sofre transformações e interpretações, até resultar em uma compreensão própria e singular do fenômeno.

O segundo momento consistiu na discussão e na análise de um fato clínico psicanalítico elaborado a partir do atendimento de uma adolescente que foi realizado pela própria pesquisadora na clínica escola da USP. Os fatos clínicos psicanalíticos são entendidos como

Uma construção realizada por analista e analisando no âmbito do campo psicanalítico, partindo da relação decorrente da comunicação dos fatos ocorridos dentro e fora da sessão, dos sonhos, dos estados afetivos e do agir do analisando. Também fazem parte dessa construção a experiência do analista, bem como a teoria e a técnica utilizada e que lhe permitem atribuir novos significados aos fatos relatados. (Vollmer Filho, 1994, apud Silva e Macedo, 2016, p. 524)

De acordo com Dallazen et al (2012), existem algumas questões a serem observadas, ao utilizarmos os fatos clínicos como instrumento de produção de conhecimento, que possam, a partir de um lugar ético, cumprir as exigências acadêmicas, mas que, ao mesmo tempo, preservem os dispositivos analíticos. Em primeiro lugar, a confidencialidade e o sigilo devem ser garantidos, ou seja, dados que pudessem revelar a identidade do sujeito devem ser omitidos, o que evidencia um cuidado ético na produção dos fatos clínicos, que devem ser enfocados no fenômeno que está sendo investigado, e não na história e descrição do caso clínico de determinado paciente.

Além disso, ainda segundo os autores, há a escolha do fenômeno clínico a ser utilizado, que deve se restringir a atendimentos já finalizados para que se possa, assim, assegurar que o processo terapêutico não sofrerá influência do desejo do analista por investigar determinado conteúdo. A produção de conhecimento científico será feita *a posteriori* (ao estilo freudiano) e, dessa forma, o tratamento continuará existindo enquanto espaço ético e privilegiado para que o desejo do paciente possa emergir. Entende-se que o primeiro momento é quando o tratamento ocorre, em que cabe ao analista a escuta flutuante

dos conteúdos trazidos pelo paciente, sem que haja uma busca por escutar elementos referentes ao seu interesse de pesquisa.

É a elaboração secundária do analista pesquisador, a partir das memórias e dos registros realizados, além da produção transferencial, que servirá de material para os fatos clínicos.

Numa pesquisa com material clínico, à versão criada pelo analisando, narrador de sua história, somam-se as produções do analista sobre o material que escuta, interpretações atravessadas por seu próprio inconsciente. O material a ser pesquisado, portanto, já não se refere à história real vivenciada pelo sujeito que a conta, mas à criação de uma ficção por aquele que a escuta, o analista/pesquisador e suas possibilidades de produção inconsciente sobre a fala de seu paciente. (Dallazen et al, 2012, pp. 50-51)

Assim, é importante ressaltar que o fato clínico sempre trará produções do analista pesquisador, visto que é impossível (e desnecessário) que exista uma reprodução literal do vivido pela dupla em análise - os mecanismos de defesa, assim como os efeitos da transferência e contratransferência irão atuar na mente do analista. Ainda para Dallazen et al (2012), os fatos clínicos são úteis para ilustrar questões sobre as quais precisamos avançar dentro da seara da psicanálise, e esse objetivo só pode ser alcançado a partir da observação e das experiências clínicas. Os autores lembram que a psicanálise nasceu a partir da prática clínica de Freud no tratamento com histéricas, sendo continuamente desenvolvida e aprofundada por ele e seus sucessores, sempre com base em suas experiências e investigações clínicas.

Na prática da psicanálise sabemos que é essencial acolher e aceitar o desconhecido para que algo possa ser construído. “Trata-se, portanto, de reafirmar o caráter de abertura e de incompletude da Psicanálise como condições essenciais à sua vigência e pertinência como teoria, método e técnica.” (Silva e Macedo, 2016, p. 533)

## PARTE 1

### 1 – História do conceito de gênero na psicanálise

#### 1.1 - John Money e o hermafroditismo

A questão das origens e do desenvolvimento da feminilidade e da masculinidade permaneceu por muitos anos sem investigação: entendia-se que elas simplesmente corresponderiam, de forma natural, aos dois sexos biológicos, sem levar em conta as variações históricas e culturais. De acordo com Ovesey e Person (1999), a psicanálise foi a primeira teoria geral da personalidade que tentou explicar as origens do que chamamos atualmente de identidade de gênero. Segundo os autores, as primeiras conceituações psicanalíticas foram feitas antes de se formular uma clara diferenciação entre sexo e gênero: foi apenas em 1955 que Money e seus associados introduziram essa distinção a partir de estudos sobre hermafroditismo, considerando a autodesignação de gênero pela criança como fator decisivo no desenvolvimento da identidade masculina ou feminina.

John Money, psicólogo e sexólogo americano, usou pela primeira vez na década de 1950 o termo gênero relacionando-o às diferenças entre o sexo anatômico e uma espécie de “sexo psicológico”. De acordo com Lattanzio<sup>5</sup> (2011), foi mérito de Money se apropriar do termo *gender*, que era utilizado em outras esferas do conhecimento, como a linguística e a biologia, e inaugurar um novo campo de estudos, inclusive dando respaldo científico, por exemplo, a teorias que buscavam superar a ideia da desigualdade entre homens e mulheres como algo natural. Foi uma época de efervescência dos estudos e movimentos sociais que abordavam a questão da identidade sexual, e Money pôde, ao engendrar o termo nesse panorama, promover avanços nesse campo de estudos.

Money utiliza o termo *gender* pela primeira vez em uma publicação em 1955, intitulada *Hermaphroditism, gender and precocity in hyperadrenocorticism: psychologic findings*, no qual apresenta os resultados de um estudo com 60 pacientes hermafroditas (pessoas que apresentam ambiguidade sexual biológica) de zero a 50 anos, que foram classificados em sete formas de hermafroditismo, sendo que havia pelo menos um

---

<sup>5</sup> Lattanzio, F. “O lugar do gênero na psicanálise”. Dissertação de mestrado orientada por Paulo de Carvalho Ribeiro, que será um importante interlocutor em nosso trabalho.

representante de cada uma dessas formas. Estudar hermafroditas permitiria medir qual ou quais fatores teriam mais influência na composição do gênero: o sexo cromossômico, gonadal, hormonal ou o sexo designado pelos cuidadores. Money explica que o termo “papel de gênero” (*gender role*) “é usado para designar todas as coisas que a pessoa diz ou faz para revelar-se como tendo o status de menino ou homem, menina ou mulher, respectivamente. Isso inclui, mas não é restrito à sexualidade no sentido de erotismo.” (Money, 1955, p. 254, tradução nossa).

Analisando em 17 pacientes a contradição entre o sexo gonadal e o sexo atribuído pelos cuidadores, Money (1955) chega à conclusão de que todos, com exceção de três, percebiam-se pertencendo ao mesmo gênero com o qual foram criados, mesmo que tal gênero fosse contradito pelo sexo gonadal. Portanto, a estrutura gonadal por si só mostrou-se menos confiável enquanto prognóstico do papel de gênero de uma pessoa, enquanto o sexo atribuído pelos outros se mostrou o fator mais confiável.

Entretanto, o autor explica que dizer que o funcionamento hormonal não é um determinante direto e automático da masculinidade ou da feminilidade do sujeito não significa menosprezar a ligação entre a função hormonal e o papel de gênero, já que, por exemplo, o funcionamento hormonal desempenha enorme papel na diferenciação embrionária sexual tanto das estruturas reprodutivas internas quanto da genitália externa, e é a partir da percepção da genitália externa que os cuidadores e as outras pessoas inferem o gênero do recém-nascido e passam a criá-lo, além de ser o maior sinal que a criança em desenvolvimento tem sobre o seu próprio gênero. Assim, Money (1955) afirma que o papel de gênero será formado a partir das interpretações das experiências que a criança tem nos primeiros anos de sua vida, que tem influências tanto de fatores ambientais quanto hereditários ou constitucionais. O autor compara o papel de gênero à língua nativa:

Uma vez arraigada, a língua nativa de uma pessoa pode cair no desuso e ser suplantada por outra, mas nunca será inteiramente erradicada. Assim como o papel de gênero pode ser mudado ou, semelhantemente ao bilinguismo nativo, ser ambíguo, mas também pode estar tão arraigado que mesmo notórias contradições entre o funcionamento corporal e morfológico poderá substituí-lo. (Money, 1955, p. 258, tradução nossa)

Retomando o trabalho de Lattanzio (2011), o autor nos conta de outro artigo de Money com a colaboração dos Hampson, publicado dois anos depois do anterior. Nesse trabalho eles tentam fundamentar a ideia de que uma função psicológica que foi estabelecida após o nascimento pode ser impossível de ser erradicada, ao fazer uma relação entre a

formação do gênero e o *imprinting*, termo esse emprestado de Konrad Lorenz. O experimento do etólogo foi usado como meio de comparação:

ao contrário dos famosos gansos Greylag que aceitavam inquestionavelmente o primeiro ser vivo que viam como sendo sua mãe, os patos da espécie Mallard, após nascerem, ficavam em pânico até ouvir o grasnido usualmente feito pelas mães patas. Somente após Lorenz despender meio dia imitando continuamente e de cócoras o grasnido de uma pata é que os filhotes o reconheceram como sua mãe, e daí em diante tal relação tornou-se estabelecida e irreversível: os patos passaram a seguir Lorenz em excursões locais e, ao ouvir a imitação de grasnido feita por ele, eles vinham voando em qualquer época de suas vidas. (Lattanzio, 2011, p. 29)

Até aquele momento, não havia nas teorias da psicologia conceituações disponíveis que se propusessem a entender a irreversibilidade de uma função não biológica adquirida após o nascimento, e é por isso que Money faz essa comparação com o experimento feito com gansos, sem se alongar muito em seu raciocínio. Foi o esboço de um conceito posteriormente retomado por Stoller, que nesse momento ainda não havia sido relacionado ao processo de identificação (Lattanzio, 2011).

## **1.2 - Ralph Greenson e a des-identificação**

Cerca de dez anos depois, em 1966, Greenson articulou o conceito de des-identificação, baseado em seu importante estudo sobre Lance, um menino transexual de cinco anos e meio, o qual, segundo o autor, confundia o desejo de possuir a mãe com o de tornar-se essa mãe. O autor publicou um texto em 1968, elaborado a partir de sua apresentação no 25º Congresso Psicanalítico Internacional, em Copenhague em julho de 1967, cujo objetivo era destacar uma etapa específica do momento pré-edípico do desenvolvimento psicológico do menino, a des-identificação, que seria o fato de que "o menino, para chegar a um sentimento saudável de virilidade, deve substituir o objeto primário de identificação, a mãe, e se identificar com o pai." (Greenson, 1968, p. 263). Para ele, as dificuldades dessa etapa poderiam ser as responsáveis por alguns problemas de identidade de gênero nos homens e a dificuldades de sentirem como pertencendo ao sexo masculino, algo do que as meninas estariam livres. A des-identificação com a mãe também deveria ocorrer no caso das meninas, para que elas pudessem estabelecer sua própria identidade feminina, porém a identificação com a mãe, ao contrário do que acontece com os meninos, ajudaria a instituir sua

feminilidade. Seria por essa razão (a identificação infantil com a mãe) que os homens teriam mais inseguranças em relação a sua masculinidade do que as mulheres em relação a sua feminilidade.

Greenson explica que a des-identificação desempenha um importante papel na luta que a criança trava para liberar-se da fusão simbiótica infantil que foi estabelecida com a mãe, e que, no menino, sua capacidade de des-identificação irá definir o fracasso ou o êxito da posterior identificação com o pai, ou seja, os dois processos são interdependentes e complementares. Esses processos, segundo ele, sofrem também influência dos comportamentos da mãe e do pai, que podem favorecê-los ou dificultá-los.

O autor observou o que chamou de uma "dificuldade especial no desenvolvimento da identidade masculina" (Greenson, p. 264), tanto em sua experiência na clínica psicanalítica com neuróticos - onde notou os pacientes homens invejando as mulheres, principalmente suas mães -, quanto no trabalho em um projeto de pesquisa na Universidade de Califórnia, em Los Angeles (EUA), no qual estudava transexuais. Percebeu a prevalência de transexuais femininos, ou seja, que tem o corpo biologicamente masculino, mas que se identificam como mulheres e entendeu que os homens têm muito mais inseguranças no que diz respeito à sua própria masculinidade do que as mulheres à sua feminilidade.

Ele entendia que a inveja que todo bebê sente da mãe seria a principal força que motivaria o desejo do homem de ser mulher. Afirma: "cada sexo tem inveja do sexo oposto; porém, a inveja dos homens, escondida sob a fachada do desprezo, parece ser especialmente destrutiva para sua identidade de gênero" (Greenson, 1968, p. 264).

Como já citado, o autor apresenta o caso de Lance, um garoto transexual de cinco anos e meio que ele atendeu em sua clínica por quatorze meses, numa frequência de quatro vezes por semana, e onde pôde observar a questão da dificuldade na des-identificação com a mãe. Para Greenson, o menino apresentava perturbações em seu desenvolvimento, principalmente no que dizia respeito à distinção entre amar e se identificar com alguém e, por isso, vestia-se e agia como uma menina. Era como se o menino confundisse o amor que sentia pela mãe, pelo desejo de ser essa mãe. A análise do autor era a de que a mãe de Lance era possessiva e não mostrava respeito pelo marido e pelos homens em geral, e isso dificultaria seu processo de separação-individuação. Já o pai, ausente e medroso, não tinha momentos de prazer com o filho.

Ao longo do tratamento, Greenson se ofereceu ao garoto como uma espécie de "pai



substituto", um modelo masculino com o qual Lance poderia se identificar. No processo terapêutico, Lance passou a substituir a identificação com a mãe e a feminilidade dela, por uma identificação com Greenson para, posteriormente, identificar-se com o pai, que também passou por uma psicoterapia: "Pela primeira vez, Lance manifestava um comportamento que indicava estar indiscutivelmente na fase edipiana fálica" (Greenson, 1968, p. 266).

Para ilustrar essa mudança em um Congresso em Amsterdã, Greenson descreve uma importante passagem de seu trabalho com Lance. O garoto vestiu sua boneca Barbie como uma princesa e, quando Greenson diz que ela é muito bonita, que gostaria de abraçar e dançar com ela e que a amava, o menino diz: "Vá em frente, você pode ser a princesa", ao que Greenson responde: "Não quero *ser* a princesa, quero dançar com ela" (grifo do autor). Diante da frustração de Lance, Greenson repete a ação algumas vezes, até que o garoto permite que ele dance com a boneca.

A partir da análise desse caso e de sua experiência na Universidade da Califórnia, então, Greenson sugere que há no desenvolvimento do menino uma precariedade na consolidação da identidade de gênero masculino, já que seria necessário conquistar a masculinidade através do processo de des-identificação-identificação. O autor entende que, por conta de a menina ter a mãe como objeto de identificação (objeto primário e secundário) em seu processo de se tornar mulher, haveria uma facilidade na conquista de sua feminilidade. Já para o menino, haveria uma fragilidade na construção da identidade de gênero. A identificação contínua do menino com a mãe impedia ou dificultava sua consolidação da identidade de gênero masculino, ao passo que facilitava o estabelecimento da identidade de gênero na menina. Ou seja, o fracasso ou êxito na identificação posterior com o pai dependeria da capacidade de des-identificação do menino com a mãe.

A visão do autor sobre o desenvolvimento da identidade de gênero também é discutida no texto. Para ele, existiriam três fatores fundamentais nesse processo:

(a) consciência das estruturas anatômicas e fisiológicas em si mesmo, de acordo com Greenacre (1958), principalmente a face e os genitais; (b) a atribuição de um gênero específico, por parte dos pais e de outras figuras sociais importantes, de acordo com as estruturas sexuais existentes; (c) uma força biológica que parece estar presente no nascimento. (Greenson, 1968, p. 267)

Para ele, um quarto fator deveria ser acrescentado no caso dos meninos, que seria justamente a des-identificação da mãe e a construção da identificação com o pai. A grande dificuldade desse processo seria a necessidade de renunciar a uma relação materna próxima e

forneecedora de segurança, para se identificar com um pai menos acessível. O pai deverá oferecer motivos para que o filho se identifique com ele, caso contrário, como supostamente aconteceu com Lance, essa identificação ficará prejudicada.

Ao final de sua apresentação, Greenson traz alguns importantes questionamentos, os quais serão retomados posteriormente neste trabalho<sup>6</sup>:

O que ocorre com a identificação original com a mãe, depois que o menino se identificou com o pai? A identificação com a mãe desaparece, substituída pela nova identificação? Permanece, mas se torna latente, porque é superada em importância pela identificação com o pai? Quanto da identificação do menino com o pai é uma contra-identificação na verdade, uma "identificação por oposição", uma forma de compensar a antiga identificação? (Greenson, 1968, p. 268)

Marina Ribeiro (2011) nos explica que Greenson (1993) considera o fato de o travestismo ser predominantemente masculino, um grande argumento para a ideia de que o menino também deseja ser uma mulher como a mãe, e que o temor da homossexualidade nos homens neuróticos também pode estar ligado ao temor pela perda da identidade de gênero construída através desse difícil processo de desinvestimento da mãe e contra investimento no pai.

### **1.3 - Robert Stoller, o transexualismo<sup>7</sup> e as identificações**

Robert Stoller, psiquiatra e psicanalista americano e membro da Associação Psicanalítica Americana, se baseia nessas descobertas iniciais de Greenson sobre a associação da identificação primitiva com a mãe e as desordens de identidade de gênero, para formular uma teoria mais completa sobre a aquisição da identidade de gênero. Os dois pesquisavam juntos sobre as questões de gênero na Universidade da Califórnia, Los Angeles.

Stoller se opõe frontalmente ao ponto de vista de Freud sobre masculinidade inata e discorda também da suposta maior complexidade da posição da menina no processo de aquisição da feminilidade. A teorização sobre a natureza dessa identificação ocupa uma parte importante das publicações de Stoller e evidencia uma nítida evolução de suas ideias a esse respeito. (Ribeiro, P. 2005, p. 239)

É em 1964, em seus estudos sobre o transexualismo, que Stoller cria a noção de

---

<sup>6</sup> Ao trabalharmos o conceito de identificação feminina primária, de Paulo de Carvalho Ribeiro (2000).

<sup>7</sup> Stoller utilizava o termo “transexualismo” e, enquanto nos referirmos ao trabalho dele, seguiremos sua terminologia, mas nossa opção teórica não patologizante nos levará a utilizar o termo “transexualidade”.

“identidade de gênero” ou “gênero”, como é mais usado, para diferenciar o sexo, no sentido anatômico, da identidade, no sentido social ou psíquico (Knudsen, 2007). Em 1968 o autor publicou *Sex and Gender*, no qual aprofundou o que já havia sugerido quatro anos antes, distinguindo os conceitos de sexo e gênero.

Em seu livro *Masculinidade e Feminilidade - Apresentações do Gênero* (1968/1993), Stoller relata como e porque começou a estudar as questões da masculinidade e feminilidade. Existia um projeto de pesquisa de alguns colegas na Universidade da Califórnia que se dedicavam a estudar sobre o tema do “transexualismo”, os quais o convidaram a participar de entrevistas com transexuais. Stoller realizou algumas dessas entrevistas mas não se interessou profundamente, até que conheceu uma “mulher transexual<sup>8</sup>” (biologicamente mulher, mas que se considerava um homem) que o surpreendeu pela naturalidade de sua masculinidade e por sua apresentação masculina desde os primeiros anos de vida, além de sua inserção social enquanto homem: “A minha versão das respostas psicanalíticas contemporâneas era então inadequada; embora as teorias pudessem explicar o bizarro, elas não podiam explicar a naturalidade” (Stoller, 1993, p. 19).

Stoller passou então a se aprofundar nos estudos sobre masculinidade, feminilidade e o desejo erótico. Atendeu centenas de pacientes e suas famílias, tanto para fins de tratamento quanto para orientações, sendo que no início, por ser médico e estar ainda em formação como psicanalista, se ocupou especialmente de questões biológicas e diagnósticas, inclusive chegando a descobrir síndromes e a fisiologia e/ou a psicodinâmica envolvidas. Stoller cita a pesquisa de Money e os Hampsons (1955, 1957), autores que “(..) descobriram que o comportamento masculino e feminino de uma pessoa intersexuada era comumente, e fortemente, determinado pela designação do sexo no nascimento e pela subsequente educação da criança de acordo com aquela designação” (Stoller, 1993, p. 20).

Por mais de 12 anos, Stoller seguiu seus estudos, criando até mesmo categorias de comportamento de gênero cruzado e um diagnóstico diferencial para isso, momento no qual sentiu sua pesquisa assumindo uma forma organizada. O objetivo dessa classificação era principalmente estudar o desenvolvimento e a manifestação da “identidade de gênero”, que esclarece da seguinte maneira o vocabulário empregado:

*sexo* (qualidade de ser homem e mulher) refere-se ao estado biológico com estas

---

<sup>8</sup> Stoller se referia à mulher transexual como a que nasceu biologicamente mulher, mas se identificava enquanto homem. Atualmente a nomenclatura é a oposta: essa pessoa seria considerada um homem transexual.

dimensões - cromossomas, genitais externos, gônadas, aparatos sexuais internos (por exemplo, útero, próstata), estado hormonal, características sexuais secundárias e cérebro; *gênero* (identidade de gênero) é um estado psicológico - masculinidade e feminilidade. Sexo e gênero de modo algum necessariamente estão relacionados. Na maioria dos casos, no ser humano, as experiências pós-natais podem modificar, e em algumas vezes sobrepujar, tendências biológicas já presentes. (Stoller, 1993, p. 21, grifos do autor)

Utilizando cada vez mais a psicanálise em seus estudos, Stoller passou a pesquisar não apenas as manifestações e classificações, mas as origens dos comportamentos de gênero, envolvendo-se no que denominou “um experimento psicanalítico”, no qual trabalhava com o próprio paciente ou algum membro de sua família, enquanto o paciente era atendido por um de seus colegas.

A grande mudança que as investigações de Stoller trazem para a psicanálise, diferenciando-se das concepções freudianas, é de que existe um estágio ainda mais precoce no desenvolvimento da identidade de todos os sujeitos, no qual tanto o menino quanto a menina encontram-se "fundidos" com a mãe, e no qual vivenciam um sentimento que é o fundamento da feminilidade, e isso aconteceria anteriormente à masculinidade. Portanto, Stoller inverte o sentido da construção de gênero proposta por Freud, não em relação à escolha de objeto (a mãe é o primeiro objeto para meninos e para meninas), mas em relação à identidade de gênero. Stoller, assim, reforça a ideia de Greenson de que a menina encontra muito cedo a gratificação de ser mulher, enquanto o menino deve percorrer um caminho complexo em busca de sua masculinidade. Ou seja, para ambos os autores, não haveria uma masculinidade inata como supunha Freud<sup>9</sup>, assim como não existiria uma maior complexidade na trajetória da menina em busca de sua feminilidade.

Outra grande contribuição de Stoller, que juntamente com o exposto acima configura o que Lattanzio (2011) chama de “dupla inversão teórica”, foi a retomada da ideia de *imprinting*, que traz a seguinte noção:

Identidade de gênero ocorre num movimento que se origina do exterior antes mesmo da existência de um Eu suficientemente formado capaz de desejar algo. Assim, um importante passo foi dado na teoria psicanalítica em direção a uma primazia da alteridade na constituição identitária. (Lattanzio, 2011, p. 33)

---

<sup>9</sup> Freud diz isso na conferência XXXIII (Feminilidade) das "Novas Conferências". Relata uma suposta masculinidade primária e a recusa de uma feminilidade a devir (com a visão da castração feminina), recusa essa que acarretaria a saída do menino do complexo edípico e a entrada da menina.

Stoller, portanto, se opõe à concepção freudiana da primazia do falo, trazendo a mãe como figura central da construção identitária a partir do mecanismo de *imprinting*. Tal mecanismo é entendido por Stoller, de acordo com Ribeiro, P. C (2005), como algo anterior a uma identificação, já que não haveria um eu constituído, e o estado de fusão com a mãe, portanto, deveria ser pensado a partir dessa noção do *imprinting*, algo capaz de agir no próprio cérebro ainda em desenvolvimento e que seria responsável pelo surgimento da profeminilidade nas crianças.

Ainda no mesmo trabalho, Stoller (1993) propõe o termo "identidade de gênero nuclear", que seria a convicção de que a designação do sexo da pessoa foi anatômica e psicologicamente correta; “é a conexão em torno da qual a masculinidade e feminilidade gradualmente se desenvolvem” (Stoller, 1993, p. 29). A identidade de gênero nuclear consiste no resultado de uma força biológica, genética; da designação do sexo no nascimento, ou seja, a mensagem que a aparência dos genitais externos do bebê leva aos que irão designar o sexo dele; da influência das atitudes dos pais, principalmente das mães, sobre o sexo do bebê e as interpretações subsequentes; fenômenos bio-psíquicos, efeitos pós-natais causados pelo manejo do bebê; e do desenvolvimento do ego corporal, que confirma para o bebê as convicções dos pais a respeito do sexo do seu filho.

Stoller concebe a identidade de gênero, seja nuclear, seja fundamental, como um sentimento psíquico de ser homem ou de ser mulher, uma convicção construída em acordo com a atitude dos pais e da sociedade, embora tenha mencionado a contribuição de uma “força” biológica oriunda da vida fetal e o desenvolvimento do ego corporal a partir de sensações genitais. Esta última não seria uma contribuição imprescindível (Knudsen, 2007, p.34).

Em um trabalho posterior, *A experiência transexual* (1975), Stoller apresenta a ideia de que a primeira e principal parte da identidade de gênero - o núcleo da identidade de gênero - frequentemente se desenvolve sem traumas e conflitos psíquicos, de forma suave e silenciosa e que talvez seja justamente por isso que ela é tão fixa e imutável. Essa ausência de conflito estaria ligada ao processo de *imprinting* e à aprendizagem a partir do nascimento que podem ocupar as bases da identidade genérica.

Com a ideia de ausência de conflito, Stoller quer denotar uma espécie de aceitação passiva da criança frente a essas forças que atuam na definição de sua identidade. . . . Enfim, Stoller vê no mecanismo de designação do sexo da criança pelos pais a expressão de um gênero que, ao menos inicialmente, se formaria de maneira linear, criando o núcleo da identidade de gênero sobre o qual, então, se criariam os conflitos

edípicos na edificação da identidade de gênero final. (Lattanzio, 2011, p. 36)

O caso “básico”<sup>10</sup> para Stoller foi de um garoto muito feminino, no qual a situação analítica revelou a dinâmica que causaria essa condição, segundo o autor, mas que também estaria presente e esclareceria a dinâmica da masculinidade e da feminilidade em geral. Para ele:

Se um bebê do sexo masculino possui um relacionamento demasiadamente íntimo com a mãe (seu corpo e psique) e se ela tenta manter esta intimidade indefinidamente, em um ambiente de prazer sem traumas, sem frustrações, ele irá falhar (não estará bem motivado) em separar-se de seu corpo e psique do modo como os meninos usualmente fazem. Como resultado, desde o início ele é feminino. A hipótese consequente é que quanto menos estes fatores estiverem presentes, menos feminino ele será. Naquilo que é chamado de masculinidade normal, estes fatores devem ser mínimos. (Stoller, 1993, p. 24)

Stoller entende que a existência de um período de maior intimidade entre o bebê e a sua mãe é natural e necessário para o desenvolvimento sadio de sua identidade, mas que inevitavelmente essa proximidade deixa nos meninos um traço, um toque de incerteza de que a masculinidade esteja ileso. A partir do processo do *imprinting*, ocorre uma espécie de identificação precoce do bebê com a mãe na qual ambos encontram-se fundidos, e é somente alguns meses depois que a mãe se torna um objeto claramente separado, ou seja, o bebê sente por algum tempo a si próprio como parte integrante da mãe, o que estabelecerá o “fundamento para o sentido de feminilidade de um bebê.” (Stoller, 1993, p. 35) Diz o autor:

Isso coloca a menina firmemente no caminho para a feminilidade na idade adulta, mas põe o menino em risco de ter, em sua identidade de gênero nuclear, um sentido de unidade com a mãe (um sentido da qualidade de ser mulher). Dependendo de como e com qual intensidade a mãe permite ao filho separar-se, esta fase de fusão com ela deixará efeitos residuais que podem ser expressos como distúrbios na masculinidade. (Stoller, 1993, p. 35)

Para o autor, portanto, o *imprinting* tem um papel fundamental na transmissão da feminilidade e será importante que nos aprofundemos no entendimento desse mecanismo para prosseguir nosso estudo sobre os processos envolvidos no estabelecimento da identidade de gênero. Apesar de, no início de sua publicação sobre as questões de gênero, Stoller afirmar que o desenvolvimento da feminilidade em garotos “afeminados” ocorria a partir de processos

---

<sup>10</sup> Stoller, 1993, p. 23 - O autor se refere ao caso que serviu como referência para os seus estudos como sendo o seu “caso básico”.

de identificação (Stoller, 1975), as evidências clínicas apontaram que não havia quaisquer tipos de processos intra motivados, que seriam relacionados com a identificação, mas antes um processo de *imprinting*, numa forma não conflitual, como citado anteriormente. Recorremos novamente ao texto de Lattanzio que, ao comentar a noção de *imprinting* e seu caráter não conflitual, afirma:

Tal conceito se torna um pouco confuso quando é relacionado à identificação precoce com a mãe que, especialmente no caso dos meninos, torna a aquisição de um núcleo de masculinidade bastante conflituosa. Como dizer que o núcleo de identidade de gênero, nos meninos, é a-conflitual se, para conquistá-lo, empreende-se uma angustiante jornada de des-identificação da mãe? Mesmo de uma maneira geral, o fato de que as primeiras vivências de um bebê sejam de extrema passividade frente ao *imprinting* e à designação dos pais não significa que não haja conflito. (Lattanzio, 2011, p.36)

Concordamos com Lattanzio quando, neste ponto, afirma que Stoller se beneficiaria muito se pudesse ter mantido um diálogo com a psicanálise francesa, pensando na ideia de trauma em dois tempos. “A principal característica do conflito psíquico na psicanálise é o fato de que ele se dá numa temporalidade completamente diferente: a temporalidade do a posteriori” (Lattanzio, 2011, p.36). O trauma psíquico, portanto, só se configura enquanto tal num segundo momento, quando de sua revivescência, numa ocasião em que há uma nova experiência que entra em uma espécie de ressonância associativa com a cena do primeiro momento. O contexto do trauma em dois tempos será retomado posteriormente, ao tratarmos do aspecto traumático da sexualidade.

#### **1.4 - Joyce McDougall, a sexualidade, o gênero e as neo-sexualidades**

Joyce McDougall foi uma psicóloga e psicanalista neozelandesa, que no ano de 1950, acompanhando o marido em sua vida profissional, mudou-se para Londres, onde teve contato pessoal com Winnicott e Anna Freud e continuou sua formação de analista (Ceccarelli, 1997). Em 1953, mudou-se para França, sendo que em Paris retoma sua formação e a análise pessoal, momento no qual passa a divulgar o pensamento de autores anglo-saxões. McDougall, ao longo do percurso psicanalítico, não se filiou a nenhuma escola específica, mantendo seu pensamento aberto a diferentes autores. Suas principais influências foram as obras de Melanie Klein, Donald Winnicott, Pierre Marty (e seus colaboradores da escola de Psicossomática Psicanalítica), Margaret Mahler e principalmente Piera Aulagnier, sua amiga pessoal por mais

de três décadas. A autora é conhecida pelo seu comprometimento com a escuta clínica, denunciando o perigo de que as teorias de determinadas escolas se tornassem dogmas a serem seguidos sem a crítica e os cuidados necessários.

Julgamos ser importante trazer para a presente pesquisa algumas considerações sobre o pensamento da autora, haja vista a profundidade com que trata o tema da sexualidade humana e do gênero, bem como pela grande proximidade com as ideias de Stoller, para quem, inclusive, dedica seu livro *As múltiplas faces de Eros*<sup>11</sup>.

McDougall inicia esse livro afirmando que a sexualidade humana é inerentemente traumática. Segundo ela, existem três grandes traumas universais, a saber: a descoberta da alteridade, da diferença entre os sexos e da inevitabilidade da morte.

De acordo com ela, a descoberta da diferença sexual (que não estaria, como acreditava Freud, ligada primariamente a conflitos edipianos, mas ocorreria bem antes da fase edipiana clássica) contribui para a representação de um gênero nuclear, no sentido do termo cunhado por Stoller. A partir disso, para a autora, a criança se identificaria como "masculina" ou "feminina", através de representações mentais baseadas tanto nas impressões do inconsciente biparental quanto nos conceitos transmitidos pelo ambiente ao qual eles pertencem. Ou seja, McDougall concorda com Stoller no que diz respeito ao termo "gênero nuclear" e dele se utiliza para a busca de um entendimento sobre a construção da identidade sexual.

Nesse ponto, é interessante notar a semelhança do pensamento de McDougall ao de Laplanche quando se trata da ideia de designação (que será aprofundada mais adiante). Em linhas gerais, Laplanche entende que a designação é uma espécie de prescrição feita pelos outros sujeitos significativos do entorno do bebê - não apenas os cuidadores principais, mas o pequeno *socius* que o cerca. Essa designação seria algo que ocorre de forma contínua, como mensagens portadoras de ruídos provenientes do inconsciente desses outros. McDougall, ao discorrer sobre sua percepção a respeito de crianças que futuramente buscariam a transexualização, afirma que, na maior parte dos casos, o desejo de mudança de gênero não é da ordem da psicose, mas

a determinação de estar em conformidade com o desejo da mãe (e, frequentemente, do pai também) e, conseqüentemente, tais indivíduos irão procurar, ao longo de toda a infância e adolescência, os meios pelos quais uma reatribuição sexual possa ser realizada, a fim de interpretar o sexo anatômico em conformidade com a persistente

---

<sup>11</sup> A dedicatória na íntegra: “À memória de Robert Stoller, eminente escritor e pesquisador dos mistérios da sexualidade humana, com imorredoura gratidão, por suas ideias estimulantes e sua valiosa amizade ao longo de muitos anos.”



convicção de pertencer psiquicamente ao sexo oposto. Esta determinação é basicamente a expressão do profundo desejo de existir como um ser sexual aos olhos da mãe. Uma questão de sobrevivência psíquica! Nós não nascemos "homem" ou "mulher", mas nos tornamos "homem" ou "mulher" de acordo com o que for autorizado pelos medos e desejos de nossos pais e pelo discurso familiar. (McDougall, 1999, p. 17-18)

Sobre a bissexualidade psíquica, compreendida como identificação primária e secundária com os aspectos masculinos e femininos dos pais, a autora explica:

*A confusão a que os desejos bissexuais dão origem na organização inicial da estrutura psicosexual afeta consideravelmente muitas áreas da vida adulta. Embora a integração desses desejos seja fonte de enriquecimento psíquico, sua não-integração é causa frequente de sintomas e inibições em muitos aspectos da vida adulta. Assim, as múltiplas maneiras pelas quais tentamos lidar com o desejo impossível de ser e ter os dois sexos merecem consideração clínica e teórica (McDougall, 2001, p. XII, grifos da autora)*

Segundo McDougall (1999), em outro texto, a obrigação de desistir desses objetivos bissexuais requer um processo de luto penosamente realizado, que talvez seja uma das maiores feridas narcísicas da humanidade: a aceitação da monossexualidade. A criança estaria fadada, então, ao sentimento de frustração por perceber que será sempre apenas metade da constelação sexual, o que é sentido como uma afronta à megalomania e à onipotência infantil.

Freud, em seu texto *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, de 1925, ao tratar o tema da feminilidade e masculinidade, aponta que, por conta de nossa disposição bissexual e da herança cruzada, todos temos características tanto masculinas quanto femininas e que, portanto, a masculinidade ou a feminilidade puras seriam somente construções teóricas e de conteúdo impreciso. Poucos anos antes, em 1923, essa questão havia sido abordada por Freud no texto *Eu e o Id*:

Um estudo mais aprofundado geralmente revela o complexo de Édipo mais completo, o qual é dúplice, positivo e negativo, e devido à bissexualidade originalmente presente na criança. Isto equivale a dizer que um menino não tem simplesmente uma atitude ambivalente para com o pai e uma escolha objetal afetuosa pela mãe, mas que, ao mesmo tempo, também se comporta como uma menina e apresenta uma atitude afetuosa feminina para com o pai e um ciúme e uma hostilidade correspondentes em relação à mãe. É este elemento complicador introduzido pela bissexualidade que torna tão difícil obter uma visão clara dos fatos em vinculação com as primitivas escolhas de objeto e identificações, e ainda mais difícil descrevê-las inteligivelmente. Pode mesmo acontecer que a ambivalência demonstrada nas relações com os pais deva ser atribuída inteiramente à bissexualidade e que ela não se desenvolva, como representei acima, a partir da identificação em consequência da rivalidade. (Freud, 1923/2006, pp. 45-46)

Sobre a questão da bissexualidade psíquica, escreve Ribeiro, M.F.R. (2012, p.76): "Desejamos ter tanto a potência feminina da mãe, como a potência masculina do pai, sendo que essa composição não reconhece, até certo ponto, limites anatômicos, ou seja, anatomia não é destino, mas, convenhamos, faz história." McDougall (1999) acrescenta que os processos de incorporação identificatória presentes nessa trama implicam uma medida de destruição do outro, o que enreda possíveis sentimentos de culpa e depressão, ou seja, há um conjunto de emoções complexas envolvido nos desejos bissexuais e na tentativa de resolução desse processo.

McDougall (1999) entende que a corrente homossexual presente na bissexualidade psíquica infantil irá demandar soluções na sexualidade do adulto que ele irá se tornar e que, embora possa causar sofrimento, pode também ser um fator de enriquecimento psíquico, contribuindo para a atividade criativa, por exemplo. A bissexualidade psíquica serve também, segundo ela, para enriquecer e estabilizar os relacionamentos sociais e amorosos, desde que bem integrados no psiquismo do sujeito.

Em alguns de seus escritos, McDougall apresentou o interessante caso de Bénédicte, que ajuda a pensar questões clínicas e teóricas sobre as identificações e desidentificações com os objetos parentais no mundo psíquico e seus possíveis efeitos, particularmente no que diz respeito à criatividade. Pela proximidade com nosso tema, consideramos importante apresentar, ainda que sucintamente, esse instigante atendimento e alguns de seus desdobramentos.

A paciente de 40 anos procurou McDougall por conta de um bloqueio criativo - sentia-se impossibilitada de continuar a escrever o romance no qual até então estava trabalhando, apesar de ter experiência na área, visto que já havia construído e consolidado uma carreira como escritora. Inicialmente, Bénédicte se mostra bastante hesitante e tensa, com dificuldades para colocar em palavras o que estava vivenciando.

A paciente conta que, quando ela tinha 15 meses<sup>12</sup>, seu pai faleceu, mas ninguém contou para ela, diziam que ele estava no hospital e que voltaria a qualquer momento. Foi apenas quando estava com cinco anos que um vizinho acidentalmente contou a verdade. Dizia que não se sentia afetada por esses acontecimentos, já que nunca pensava no pai. McDougall se questiona se, na realidade, Bénédicte já sabia ou ao menos desconfiava do fato, já que uma

---

<sup>12</sup> Mais adiante em sua análise, Bénédicte descobre que ela tinha 18 meses, não 15 como pensava até então.

criança de cinco anos é tipicamente sensível aos mistérios familiares. Ao contar sobre sua mãe, Bénédicte descreve uma mulher irreal, superficial, que vive de aparências e com a qual não tem nada em comum - inclusive a feminilidade, tão valorizada pela mãe. Bénédicte se apresentava de forma mais “masculinizada”, por vezes ambígua, e se relacionava amorosamente com mulheres. Em seu percurso analítico, surgiram alguns questionamentos sobre seu corpo e sua sensação (ou falta dela) de ser mulher.

McDougall pensa em Bénédicte como uma espécie de órfã psíquica, já que seu mundo interno era habitado por uma mãe irreal, algo como um manequim, e um pai morto e que era vivenciado como nunca tendo existido.

A análise de Bénédicte durou mais de 8 anos, numa frequência de quatro vezes por semana. Após os primeiros encontros, McDougall fez (em suas anotações pessoais) três questionamentos sobre o caso. O primeiro dizia respeito ao motivo da análise. Seria a busca de um pai perdido? A necessidade de realizar um luto? O segundo questionamento era sobre a forma com que a paciente pôde construir sua identidade de gênero nuclear e sua identidade sexual, tendo em vista a forma com que o pai havia sido apresentado a ela - um sujeito vivo, porém invisível, e a presença de uma mãe que era sentida como falsa, incoerente e apenas superficialmente interessada na filha. O terceiro ponto tinha a ver com o que a paciente poderia eventualmente ajudar McDougall a aprofundar o entendimento sobre as inibições, especialmente da criatividade.

McDougall (2001) conta que a paciente se envolveu profundamente em seu tratamento, trazendo conteúdos importantes, sonhos, devaneios, sentimentos e incontáveis metáforas. Foi apenas após três anos de análise, a partir da interpretação de que ela tinha tanto medo das palavras quanto as crianças tinham de fantasmas, que Bénédicte pôde falar sobre o que soube a propósito do desaparecimento de seu pai: ele morrera vítima de um câncer retal. McDougall pensa sobre a situação de uma criança de 15 meses que, de forma geral, costuma voltar-se para o pai ao tentar se destacar do medo e do desejo de dependência da mãe. As crianças, segundo ela, conseguem fortalecer seu sentido de identidade subjetiva e sexual a partir desse movimento, que para a paciente ocorreu de forma bastante confusa. Pensando também sobre o papel das palavras e da linguagem, ela afirma:

No caso de Bénédicte, a paralisia de suas possibilidades criativas estava começando a revelar-se um modo imaginário de renunciar à ligação secreta com o pai por meio da linguagem e da construção de histórias, uma vez que essa ligação era sentida como proibida pela mãe. (McDougall, 2001, p. 91)

Foram trabalhadas também as fantasias de que ela havia sido a responsável pela morte do pai, derivadas do desejo natural de eliminar o pai para poder apossar-se plenamente da mãe. Em determinado momento, porém, a paciente se recorda de um casal de bonecos que havia ganhado aos três anos, sendo que gostava mais de brincar com o menino. Um dia sua mãe disse que eles precisavam de conserto e tinham que ir ao hospital, mas quando voltaram ela percebeu que agora eram duas meninas. Bénédicte sentia que a mãe havia assassinado o menino e nunca mais brincou com eles, o que despertou as fantasias de que a mãe havia assassinado o pai.

Em sua adolescência, a paciente tinha o hábito frequente de brincar (no antigo armário de seu pai) que sua profissão consistia em escolher e comprar roupas masculinas para uma empresa importante, ao passo que suas amigas adolescentes brincavam de ser mulheres escolhendo suas roupas ou de seus maridos. Para McDougall, isso representava uma tentativa de ligação sensual com seu pai, uma menina buscando pelo pai perdido através de suas roupas, seu cheiro. Pensando sobre a relação entre as identificações parentais e a construção da identidade sexual, McDougall entende que em Bénédicte essa inevitável tarefa foi mais difícil por conta do desaparecimento de seu pai, sendo que a própria mãe não soube lidar e realizar adequadamente o luto, ou seja, o trauma não foi elaborado psiquicamente. Para concluir, diz McDougall (2001, p. 99): “Na tentativa de apossar-se da representação mental de pai e mãe capaz de conferir-lhe o *status* de identidade tanto subjetiva quanto sexual, parecia que o preço a pagar era sua própria castração - a perda de sua feminilidade.”

A partir das questões apresentadas, McDougall se debruça sobre o conceito de perversão, questionando se o termo seria apropriado para descrever as "engenhosas e intrincadas invenções da confusa e aflita criança escondida no interior do adulto" (McDougall, 1999, p. 18). Ela relembra que, em sua formação psicanalítica, todas as soluções fora do padrão, incluindo as homossexualidades e, claro, as transexualidades, eram definidas como desvios e, portanto, marcadas como uma perversão sexual.

Porém, continua a autora, pensar em desvio pressupõe pensar numa norma, na qual existiriam impulsos com qualidades e formas de expressão pré-formadas, o que não existe no ser humano. Para ela, na prática clínica do psicanalista, apenas as situações nas quais a sexualidade do analisando pareça criar conflito e sofrimento psíquico, ou seja, que não estejam de acordo com o eu ideal do indivíduo, é que devem ser consideradas como um problema a ser tratado. As preferências sexuais classificadas como perversas, para ela, seriam

aquelas em que não são levadas em consideração as necessidades e os desejos do parceiro, como a pedofilia, exibicionismo e voyeurismo, estupro e necrofilia. Assim, depois de 25 anos estudando o tema, McDougall adota um ponto de vista crítico sobre o uso da terminologia “perversão”, que carrega uma conotação pejorativa, algo depreciativo e degradante. Ela percebe um viés moralista na ideia de perversão e questiona inclusive o uso das classificações psicanalíticas e o enquadramento de sujeitos como neuróticos, psicóticos, perversos ou psicossomáticos, já que as variações de estrutura psíquica dentro de cada categoria clínica são incontáveis.

Tendo em vista esse cenário de ideias, a autora propõe a noção de neo-sexualidades, que para ela não seria um conceito, mas uma determinada forma de escutar os analisandos quando abordam suas sexualidades e vidas sexuais.

Poderíamos dizer que "neo-sexuais", sejam de orientação homossexual ou heterossexual, foram obrigados a reinventar o erotismo sexual e as relações de amor, e que a obrigação de criar tais soluções está frequentemente ligada às transmissões parentais silenciosas ou às comunicações errôneas relacionadas à identidade sexual, à sexualidade adulta e às noções sobre qual seria a substância da "feminilidade" e da "masculinidade". (McDougall, 1999, p. 21)

McDougall entende que a erotização é um caminho para superar o trauma psíquico do início da vida, possibilitando que Eros triunfe sobre Tanatos, e que esses arranjos ou cenários incomuns – neo-sexuais – serviriam ao propósito de uma autocura frente aos ameaçadores conflitos neuróticos ou psicóticos subjacentes. Em outras palavras, os atos e escolhas diferentes do que costumamos entender como a "norma" servem tanto para consertar fraturas nos sentimentos de identidade subjetiva e sexual, quanto para proteger os objetos internos dos sentimentos de ódio inconsciente e destrutividade. A identidade sexual representa uma criação particular e singular que cada sujeito deve fazer na tentativa de dar soluções aos conflitos – reais ou imaginários – presentes desde o início da vida, uma forma de preservar a sobrevivência psíquica.

Indo além, a autora afirma que a liberação sexual ocorrida nas últimas décadas nos permitiu observar o gênero neutro e a identidade sexual que são frequentemente flutuantes, ou seja, não se pretendem entidades fixas na organização psicosssexual. Segundo ela, conforme mencionamos anteriormente, ninguém nasce "homem" ou "mulher", mas se torna "homem" ou "mulher" conforme o que os medos e desejos dos pais e do discurso familiar autorizarem.

A solução neo-sexual, esses cenários “incomuns”, de acordo com McDougall (1999),

servem tanto para consertar certas fraturas nos sentimentos de identidade sexual e subjetiva, como também para que os objetos internos sejam protegidos dos sentimentos de ódio inconsciente e da destrutividade, que podem estar ligados aos impulsos orais e anais que não foram elaborados. Assim, o que parecia sem sentido pode se tornar significativo e, mesmo que de forma pontual, um senso de vitalidade psíquica pode prevalecer sobre os sentimentos de morte interior. É uma capacidade de erotizar experiências insuportáveis.

Em suma, a fim de obter uma vida sexual e amorosa satisfatória, muitos indivíduos, tentando se conformar ao inconsciente parental, juntamente com as aterrorizantes e arcaicas fantasias pré-genitais e bissexuais, encontram-se obrigados a inventar os meios pelos quais os angustiantes sentimentos de castração, aniquilação, identidade sexual confusa, vazio, morte interior possam ser transformados através de criações eróticas (McDougall, 1999, p. 18)

Para McDougall, não haveria precisão em dizer que um sujeito é homossexual ou heterossexual, visto que há flutuações nos desejos. E se o analista se propõe a escutar seu analisando a partir de uma postura “heterossexista”, há o risco de que deixe de seguir escutando e entendendo tais flutuações - o que pode acontecer também ao escutar um paciente homossexual em que bloqueie a escuta dos aspectos heterossexuais.

Para finalizar esse tópico, a partir da discussão feita, gostaríamos de deixar em aberto uma pertinente indagação da autora: "finalmente, não se poderia propor, então, que a totalidade da sexualidade humana consistiria basicamente de *neo-sexualidade*?" (McDougall, 1999, p. 25).

Nos dedicaremos agora à teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche para, em seguida, chegarmos ao escopo teórico de Paulo de Carvalho Ribeiro e os conceitos de identificação feminina primária e identificação passiva.

## 2 - Jean Laplanche

### 2.1 - Breve história da teoria da sedução - De Freud a Laplanche

O livro *Novos fundamentos para Psicanálise* foi lançado em 1987 e é nele que Laplanche apresenta sua Teoria da Sedução Generalizada, retomando e reformulando a ideia freudiana de sedução e sua relação com o trauma (pensado em seu processo de dois tempos), com o aparecimento da pulsão sexual e as etapas do recalçamento originário e secundário. Laplanche não se propõe a apresentar uma nova psicanálise, mas revisitar e renovar certos fundamentos psicanalíticos.

Até o ano de 1897, Freud se baseava nas descobertas que Laplanche (1987) nomeia de “teoria da sedução restrita”, segundo a qual haveria uma sedução efetiva de uma criança por parte de um adulto, normalmente o pai (sedução infantil) concretizando-se em “cenas” que poderiam ser rememoradas e reconstruídas graças ao método analítico. São acontecimentos chamados de “experiência sexual prematura”, na qual uma criança pequena, ainda imatura, é confrontada com a sexualidade de um adulto. Esse adulto será tomado como um perverso, no duplo sentido estabelecido por Freud nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905, ou seja, como alguém que desvia tanto em relação ao objeto (tratando-se de um pedófilo) quanto à meta.

Freud, até a renegação em bloco de sua teoria (setembro de 1897), não desistirá do caráter perverso daquele a quem chama, de forma sistemática, o “pai da histérica”. As cenas incriminadas são abertamente descritas como patológicas, e não é gratuitamente que esse caráter *patológico* das cenas estará presente nos impasses em que vai se engajar a reflexão freudiana. (Laplanche, 1987, p. 116, grifos do autor)

Característica importante do entendimento da sedução infantil nesse momento da trajetória psicanalítica é a relação de passividade da criança em relação ao adulto, isto é, parte do adulto a sedução, que é vista como intrusão, violência e agressão. A teoria da sedução a que Laplanche se refere como restrita é elaborada por Freud em três dimensões complementares: temporal, tópica e “tradutiva”.

O aspecto temporal da teoria da sedução é a chamada teoria do *a posteriori*, do trauma em dois tempos, segundo a qual o que é inscrito no inconsciente o é sempre a partir de uma relação entre dois acontecimentos separados no tempo. São experiências separadas por um

momento a que Laplanche se refere como de mutação, que possibilita ao indivíduo ter uma reação diferente à lembrança do acontecimento daquela que teve ao acontecimento em si. Dito de outra forma, a experiência primeira não é patogênica ou traumatizante por si só, mas apenas será em sua revivescência posterior, num segundo momento de uma experiência que se associa ao primeiro momento. É o que Laplanche irá chamar de experiência autotraumatizante.

O indivíduo fica, então, à mercê de dois tipos de desamparo a respeito dos dois acontecimentos - o primeiro, externo e proveniente do adulto, quando a criança ainda não tem recursos e portanto não pode recalcar, mas apenas enquistar a lembrança; e o segundo, quando ela já tem os meios para lidar, compreender o que está acontecendo, mas se encontra “voltado [o indivíduo] para uma verdadeira guerra estratégica, agredido na face desarmada, ou seja, de dentro, atacado por uma lembrança e não por um acontecimento” (Laplanche, 1987, p. 120). Entre esses ataques surge o ego - eis o aspecto tópico dessa teoria.

A dimensão “tradutiva” ou “linguageira” a que Laplanche se refere, estaria localizada especialmente em uma carta endereçada a Fliess em dezembro de 1896, na qual Freud esboça algumas ideias sobre o recalçamento estar numa barreira que separa duas épocas psíquicas e ter relação com uma falha parcial de tradução das cenas de sedução.

Em 1897, Freud revê sua teoria: “confiar-lhe-ei de imediato o grande segredo que lentamente comecei a compreender nos últimos meses”, escreve a Fliess em setembro daquele ano, “não acredito mais em minha neurótica” (Freud, 1897, p. 309). Seria improvável, tendo em vista o grande número de histéricas presentes na clínica, que todas tivessem pais perversos sedutores. Além disso, Freud observa a dimensão da fantasia no inconsciente, ou seja, a dimensão factual, efetiva da sedução passa a ser questionada. Assim, Freud abandona a teoria da sedução e diz que as lembranças das histéricas seriam *fantasias* de sedução, e não experiências factuais.

Para Laplanche, houve um período de recalçamento do conceito de sedução dentro da teoria psicanalítica, principalmente no pensamento freudiano, mas também de seus discípulos e herdeiros, tomando como única exceção a proposta de Ferenczi (de uma “confusão de línguas” entre a criança e o adulto). A partir de 1897, a teoria da sedução sofre um cataclismo:

Cataclismo que começa por despedaçar, desarticular, suprimir passagens, antes de recalcar em seguida, e depois elaborar de maneira secundária os elementos restantes de modo a desfigurá-los. . . . Cada um dos elementos da teoria da sedução sofre, portanto, uma sorte diferente, evolui por si mesmo, procurando, eventualmente, outro contexto. É assim que o aspecto designado como “temporal” da teoria, o aspecto do a



*posteriori*, continua sendo uma linha importante, inclusive diretiva do pensamento psicanalítico. (Laplanche, 1987, p. 125)

No que diz respeito ao aspecto tópico da teoria, de acordo com Laplanche (1987), Freud passa a procurar o terreno de uma realidade mais “objetiva”, na qual “a fantasia deve encontrar sua origem na pulsão, e a pulsão, no biológico” (p.126). Assim, o sentido seria excitações somáticas -> pulsão -> fantasia, um movimento do somático para o psíquico. Já o aspecto “tradutivo” da teoria só reaparece com Ferenczi e seu artigo *Confusão de línguas entre a criança e o adulto*, originalmente publicado em 1933. Laplanche assinala que Ferenczi não teve acesso à carta 52 destinada a Fliess, na qual Freud ainda sustentava sua teoria da sedução. O autor se refere a esse artigo como uma espécie de prefácio à sua teoria da sedução generalizada.

Segundo Laplanche (1987), Freud progride consideravelmente na análise dos fatos e introduz à psicanálise a ideia de um outro tipo de sedução. Agora entraria em cena uma *sedução precoce*, na qual o pai, que na teoria da sedução infantil era o principal personagem, cede lugar à mãe, principalmente na relação pré-edipiana. Nos diz Freud, nos *Três ensaios sobre a sexualidade*, importante texto de 1905:

O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas, ainda mais que essa pessoa – usualmente, a mãe – contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como o substituto de um objeto sexual plenamente legítimo. A mãe provavelmente se horrorizaria se lhe fosse esclarecido que, com todas as suas expressões de ternura, ela está despertando a pulsão sexual de seu filho e preparando a intensidade posterior desta. Ela considera seu procedimento como um amor “puro”, assexual, já que evita cuidadosamente levar aos genitais da criança mais excitações do que as inevitáveis no cuidado com o corpo. Mas a pulsão sexual, como bem sabemos, não é despertada apenas pela excitação da zona genital; aquilo a que chamamos ternura um dia exercerá seus efeitos, infalivelmente, também sobre as zonas genitais. (p. 210)

Laplanche (1987) entende que Freud busca demonstrar, nos vários textos em que aborda essa nova versão, que nunca abandonou completamente a teoria da sedução, mas que a aprofundou até o que poderia ser considerado o essencial. Citamos aqui outro exemplo da nova teoria da sedução freudiana, presente no texto *Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise*, de 1933:

Fui forçado a reconhecer, por fim, que tais relatos eram inverídicos, e assim cheguei a compreender que os sintomas histéricos derivam de fantasias, e não de ocorrências reais. Apenas mais tarde pude reconhecer nessa fantasia de ser seduzida pelo pai a

expressão do típico complexo de Édipo nas mulheres. E agora encontramos mais uma vez a fantasia de sedução na pré-história pré-edípica das meninas; contudo, o sedutor é regularmente a mãe. Aqui, a fantasia toca o chão da realidade, pois foi realmente a mãe quem, por suas atividades concernentes à higiene corporal da criança, inevitavelmente estimulou e, talvez, até mesmo despertou, pela primeira vez, sensações prazerosas nos genitais da menina. (p. 162)

Nesse momento há uma mudança com relação à factualidade dessa sedução. Laplanche (1987, p. 128) explica que “aqui não se trata mais exatamente de *Realität*, termo que designa a realidade nos seus aspectos mais factuais, mas de efetividade (*Wirklichkeit*), realidade efetiva, categoria que nos leva além da contingência e da peripécia”. Porém, Laplanche entende que Freud não dá o devido valor a esse segundo nível da sedução, deixando de considerar o caráter universal e inexorável como um dado fundamental da experiência humana, além de se ater unicamente a zonas genitais, não levando em conta, portanto, que esse despertar envolve o corpo como um todo, assim abrangendo também as regiões anal e oral. O inconsciente da mãe, para Freud, também não entra em jogo nesse enredo, o que é criticado por Laplanche.

De maneira que esta nova descoberta, por mais que ela pudesse servir de base para se reavaliar o abandono prematuro da teoria, acabou ficando isolada e congelada, como que em estado de espera, até ser redescoberta pelo trabalho arqueológico de Laplanche para lhe render a merecida atenção e o devido valor. (Tarelho, 2012, p. 100)

## **2.2 - Teoria da sedução generalizada**

### **2.2.1 - A Situação antropológica fundamental**

Laplanche (1987) nos conta de uma situação originária da criança, sublinhando que, assim como Ferenczi formula, é o confronto entre a criança e o mundo adulto<sup>13</sup>, não necessariamente familiarista - não é fato universal que a criança seja cuidada por pais, nem por seus próprios pais. Um ser humano pode ser constituído sem uma família, mas jamais sem o confronto com o mundo dos adultos, mas isso não quer dizer que esse mundo dos adultos seria algo objetivo com o qual a criança deve aprender a lidar:

Caracteriza-se ele [o mundo adulto] por mensagens no sentido mais amplo do termo (linguísticas ou simplesmente languageiras: pré ou para linguísticas), que interrogam a

---

<sup>13</sup> Pequeno socius familiar, nas palavras de Laplanche. São as pessoas que tem uma convivência mais frequente e íntima com a criança.

criança antes que ela as compreenda e às quais deve dar sentido e resposta, o que é uma só e a mesma coisa. (Laplanche, 1987, p. 133)

Aqui, Laplanche se diferencia de Ferenczi, na medida em que este ignora que a linguagem do adulto (chamada por ele de “linguagem da paixão”, num contraponto à “linguagem da ternura” da criança) só assume um caráter traumático ao vincular um sentido por ele mesmo ignorado, a saber, a presença do inconsciente dos pais, que veicula o que ele chama de *enigmático*.

Laplanche parte da idéia de que somos marcados por uma condição antropológica fundamental, caracterizada pelo fato de que nascemos completamente expostos e desamparados, num mundo em que a própria sobrevivência da criança se dá em permanente confronto com os adultos, cujo psiquismo já está marcado pela clivagem e pela sexualidade inconsciente. (Lattanzio, 2011, p. 113)

O bebê é entendido como mergulhado em um profundo estado de desamparo, desadaptação e, acima de tudo, de prematuraçã, a qual Laplanche (1987) diferencia em dois tipos: a prematuraçã no sentido adaptativo, que estaria ligada ao tema da sobrevivência; e a prematuraçã no sentido sexual, que seria “o confronto com uma sexualidade para a qual a criança não tem reação adequada” (p.103). Seria o estado pré-sexual de que nos fala Freud.

Dessa forma, Laplanche entende o originário a partir da noção de uma criança “cujos comportamentos adaptativos, existentes mas imperfeitos, débeis, estão prestes a se deixarem desviar, e um adulto desviante, desviante em relação a qualquer norma concernente à sexualidade” (p. 110). É a partir dessa noção de uma profunda assimetria entre a criança e o adulto que Laplanche fundamenta sua teoria da seduçã generalizada.

### **2.2.2 - A seduçã originária**

A partir dos dois primeiros níveis da teoria freudiana da seduçã (infantil, com o protagonismo do pai e precoce, com a mãe como principal protagonista), Laplanche desenvolve o conceito de seduçã originária, terceiro e principal nível de seduçã e fundamento de sua teoria da seduçã generalizada. É importante ressaltar que Laplanche não propõe a exclusã dos dois primeiros níveis da seduçã em detrimento desse terceiro - ele apenas entende que é a seduçã originária que dá o fundamento para os outros níveis.

O confronto adulto-criança envolve uma relação essencial de atividade-passividade, ligada ao fato inelutável de que o psiquismo dos pais é mais “rico” que o da criança. . . . Por meio do termo *seduçã originária* qualificamos, portanto, essa situação fundamental em que o adulto propõe à criança significantes não verbais assim como

verbais, inclusive comportamentais, impregnados de significações sexuais inconscientes. (Laplanche, 1987, p. 134, grifos do autor)

E continua:

A sedução originária é a essência última das duas outras devido ao fato de que só ela introduz a dissimetria “atividade-passividade”. Os cuidados “maternos” ou o ataque “paterno” só são sedutores porque não são transparentes, mas opacos, veiculando o enigmático. (idem, p. 137)

Estão incluídas na sedução originária acontecimentos que não são da ordem do “ataque sexual”. “O *enigma*, aquele cujo móvel é inconsciente, é *sedução por si mesmo*” (p. 136, grifos do autor). São mensagens não restritas à linguagem verbal, especialmente no início da vida, quando a comunicação se dá por outros meios. Tais mensagens são enviadas pelo adulto (o lado ativo da relação), que dispõe do material inconsciente que torna a mensagem enigmática, à criança, que recebe de forma passiva, já que ainda não possui os recursos simbólicos, nem os meios físicos para dar conta desse enigma.

### **2.2.3 - O recalçamento originário, a constituição do inconsciente e a origem da pulsão**

A teoria da sedução generalizada, nos diz Laplanche, deve explicar por meio do mecanismo do recalçamento, a constituição do inconsciente e o efeito da pulsão, indissociável dele.

Freud, em seus textos metapsicológicos de 1915, menciona rapidamente a ideia de que haveria duas fases do recalçamento: uma primeira fase, o recalçamento originário, que consistiria em negar a entrada no consciente ao representante psíquico da pulsão e com isso estabelecer-se uma fixação. A segunda fase seria a repressão propriamente dita, que afetaria os derivados mentais do representante recalçado, que entrando em uma cadeia associativa com o já recalçado, sofreria uma espécie de atração. De acordo com Lattanzio, na obra freudiana “há apenas apontamentos sobre o recalque originário, e tal conceito ainda carecia de formulações mais precisas” (2011, p. 108).

Laplanche aponta que Freud procura explicações biologizantes e filogenéticas para fundamentar a existência das pulsões e o surgimento do inconsciente, porém discorda desse caminho e defende o realismo do inconsciente, buscando explicar como o recalçamento originário, em seu caráter real e não mítico, constitui o inconsciente e a pulsão.

Em 1959, o autor, de acordo com Lattanzio e Ribeiro (2012), iniciou seu distanciamento do pensamento lacaniano e apresentou pela primeira vez uma teoria sobre o recalque originário, ao qual denominou “metáfora constitutiva do inconsciente”, que seria o esquema do próprio recalque. Nesse modelo, os elementos recalcados, que se tornam inconscientes, são os significantes com os quais a criança se depara, veiculados principalmente por seus cuidadores, que estão, por sua vez, submetidos aos efeitos do inconsciente e por isso veiculam essas mensagens sexuais das quais não se dão conta. São as mensagens enigmáticas já aludidas acima, às quais a criança nem sempre consegue traduzir ou simbolizar. Os mesmos cuidadores que transmitem essas mensagens também transmitem os meios<sup>14</sup> para simbolizá-las, mas nunca inteiramente, já que são mensagens inconscientes, ou seja, obscuras também para os agentes da mensagem. “O bebê, então, recebe um a mais enigmático, que parasita, por assim dizer, as trocas que sua mãe estabelece com ele” (Lattanzio e Ribeiro, 2012, p. 509).

Nesse processo, as mensagens enigmáticas passam para o nível inconsciente, são coisificadas - tornam-se o que Laplanche denomina representação-coisa. Só remetem a eles mesmos e por isso são significantes-designificados: perderam seu caráter de comunicação. Lattanzio e Ribeiro (2012) fazem uma interessante analogia entre esses significantes-designificados e os buracos negros que, para a física, são

intensos aglomerados de matéria que criam para si uma gravidade tão grande que não deixa nada escapar de seu domínio, nem mesmo a luz. Por isso nunca se pode ver um buraco negro, mas somente deduzi-lo e concebê-lo a partir de seus efeitos. Tal seria o caso das representações inconscientes: elas não remetem a nada, todas as características comunicativas foram perdidas. No entanto, elas permanecem como polo de atração para os conteúdos psíquicos, assim como um buraco negro atrai os elementos que passam perto dele, dada a sua altíssima gravidade. (pp. 509-510)

Já em seu outro trabalho ao qual nos aludíamos anteriormente, *Novos fundamentos para a psicanálise*, Laplanche apresenta uma teoria tradutiva sobre o recalque, que complementa a que fora apresentada em 1959. Nesse modelo, os significantes-designificados correspondem aos resíduos de um processo tradutivo: “nessa concepção, Laplanche (1987/1992) considera que as mensagens veiculadas pelos adultos se tornam corpos estranhos (ou estrangeiros) internos ao psiquismo infantil, e só podem ser parcialmente tratadas por meio de um trabalho de tradução ou simbolização” (Lattanzio e Ribeiro, 2012, p. 510).

---

<sup>14</sup> “Aportes narcísicos”, de acordo com Lattanzio e Ribeiro (2012, p.512).

Esses resíduos do processo tradutivo iriam para o inconsciente, perdendo seu caráter de comunicação, transformando-se em significantes coisificados, dessignificados. Laplanche se refere a eles como “objetos-fonte da pulsão” e é por isso que, para ele, toda pulsão é sexual: está em sua base a inoculação do sexual pelo outro:

[A pulsão] é a confrontação de um indivíduo cujas montagens somatopsíquicas situam-se predominantemente no nível da necessidade, com significantes que emanam do adulto, ligados à satisfação dessas necessidades, mas veiculando consigo a potencialidade, a interrogação puramente potencial de outras mensagens - sexuais. Essas mensagens enigmáticas suscitam um trabalho de domínio e de simbolização difícil, para não dizer impossível, que necessariamente deixa para trás restos inconscientes, *fueros*, dizia Freud, a que chamamos “objetos-fonte” da pulsão. (Laplanche, 1987, p.138)

Laplanche retoma a ideia freudiana de recalçamento em dois tempos<sup>15</sup>, assinalando o caráter interdependente entre eles. Para o autor, o recalçamento originário teria dois tempos que, associados, permitem a criação do ego. O primeiro tempo do recalçamento originário seria o todo do indivíduo, ou seja, ainda não haveria um ego constituído, ele é o “ego-corpo”, nas palavras de Freud. É no segundo tempo do recalçamento originário que o ego enquanto instância começa se delinear.

O tempo de aparecimento do ego - que não deve ser concebido como um período único, separado do resto e fechado sobre si mesmo - os reiterados tempos de aparecimento do ego é que devem ser chamados de *narcisismo primário*, no sentido fundamental que Freud lhe dava em seu artigo inaugural, *Introdução ao narcisismo*. (Laplanche, 1987, p. 143, grifos do autor)

As mensagens enigmáticas que chegam no primeiro tempo do recalçamento originário fincam-se na periferia do ego, particularmente nos pontos que vamos chamar de zonas erógenas. Já no segundo tempo, o resto recalçado (objeto-fonte da pulsão) torna-se interno, é o tempo da primeira tradução. O recalçamento secundário, chamado de recalçamento propriamente dito ou *a posteriori*, é correlativo ao Édipo e ao complexo de castração, e é o que vem ratificar a constituição do inconsciente.

O *a posteriori*, que opera entre os dois tempos do recalçamento originário, intervém também *em relação ao* próprio recalçamento originário tomado em seu conjunto. O que significa, concretamente, que o recalçamento originário, necessita de uma chancela para ser mantido, *necessita do recalçamento secundário*. (Laplanche, 1987, p. 145, grifos do autor)

---

<sup>15</sup> Também pensada como *après-coup*.

Configura-se, assim, uma sexualidade traumática e invasiva que se associa à passividade originária dos seres humanos (Lattanzio, 2012). Para finalizar esse tópico, citamos agora uma passagem que resume o exposto até aqui, retirado de um artigo de Luiz Carlos Tarelho (2012, pp. 101-102) sobre a teoria da sedução generalizada de Laplanche:

O material inconsciente, que torna as mensagens enigmáticas, é composto, segundo o realismo defendido por Laplanche (1987/1992a, pp. 158-160), por “significantes-designificados”. Eles são frutos do recalçamento, que opera um corte na mensagem, excluindo aqueles componentes que são irreduzíveis ao trabalho de tradução-simbolização. Esses componentes perdem, assim, a capacidade de significação, pois, privados de seus contextos originais, eles não remetem a mais nada a não ser a eles mesmos e se tornam “representação-coisa”, isto é, “significantes-designificados”, que dão origem ao inconsciente e à pulsão sexual, uma vez que, para Laplanche, são eles os “objetos-fontes” da pulsão. (Laplanche, 1987/1992a, p. 144)

### 2.3 - O Sexual em Laplanche

Em seu texto *O gênero, o sexo e o Sexual*<sup>16</sup>, de 2003, Laplanche segue o que havia apresentado em seus *Novos fundamentos para a psicanálise*, introduzindo agora a noção de gênero como um fator envolvido na sedução generalizada. O texto faz o papel de uma breve síntese do que ele havia desenvolvido nos três anos anteriores, em seus seminários de ensino e pesquisa. Nele, aborda a chamada “identidade sexual” e busca explicitar como a designação do gênero pode ser tomada como uma forma passiva da identificação, a “identificação por”. Devido à importância das conceituações, iniciaremos esse tópico trazendo a seguir a transcrição dos primeiros parágrafos do texto:

O gênero é plural. É geralmente duplo, com o masculino-feminino, mas não o é por natureza. É muitas vezes plural, como na história das línguas e na evolução social.

O sexo é dual. Ele o é pela reprodução sexuada e também por sua simbolização humana, que fixa e engessa a dualidade em presença/ausência, fático/castrado.

O Sexual é múltiplo, polimorfo. Descoberta fundamental de Freud, ele fundamenta-se no recalque, no inconsciente, na fantasia. É o objeto da psicanálise.

Proposição: o Sexual é o resíduo inconsciente do recalque-simbolização do gênero pelo sexo. (Laplanche, 2003/2007, p. 155, grifos do autor)

Nesse texto Laplanche levanta alguns questionamentos importantes, a começar pela

---

<sup>16</sup> O texto faz parte do livro *Sexual - A sexualidade ampliada no sentido freudiano*, que reúne textos de Laplanche escritos entre 2000 e 2006 que representam seu último avanço no que denominou a “revolução copernicana inacabada”.

nomeação mais comum adotada atualmente de “identidade de gênero” tomando o lugar da “identidade sexual”, o que, para ele, pode ocultar um recalçamento na própria teoria - a ideia de que no desenvolvimento da teoria freudiana houve uma descoberta da sexualidade no sentido ampliado, o Sexual, o que não está do lado do gênero, sexo ou sexuado. O Sexual está presente do início ao fim da teoria psicanalítica e é de difícil conceituação. Seria o sexual perverso infantil, ligado muito mais às fantasias do que ao objeto, ou seja, não está ao lado da procriação nem ao lado do sexuado. O Sexual é oral, anal ou paragenital e tem um funcionamento econômico diferente do sexuado - ele procura mais a tensão, enquanto o sexuado busca o alívio pelo prazer. “O Sexual poderia ser definido como ‘o que é condenado pelo adulto’ . . . O Sexual é o recalçado, ele é recalçado por ser Sexual” (Laplanche, 2003/2007, p. 157-158).

O termo gênero, nos lembra Laplanche, é trazido para o pensamento psicanalítico a partir de Stoller,<sup>17</sup> que considera gênero como a soma de convicções de pertencer a um dos grupos socialmente concebidos como masculino ou feminino ou a sensação de que a designação (e esse é um termo importante para Laplanche, que será retomado posteriormente) feita a um dos grupos é correta. A partir desse momento, observa Laplanche, passa a existir a ideia de um par sexo/gênero, que considera o sexo como algo do biológico, enquanto gênero viria da cultura e da sociedade, trazendo aspectos mais ligados à subjetividade. Instala-se uma visão binária, quase como uma guerra entre o sexo e o gênero, o que para o autor pode funcionar como um aparato perigoso contra a descoberta freudiana do Sexual, da sexualidade ampliada.

Trazendo para a discussão algumas autoras feministas que se interessaram pelo tema, como Judith Butler, Nicole-Claude Matthieu e Simone de Beauvoir, Laplanche evidencia a visão corrente de que haveria uma ordem em que sexo viria antes do gênero, a natureza antes da cultura, uma visão que inclusive pode excluir o Sexual psicanalítico. A psicanálise faria parte de tais ideologias que pensam o gênero como uma espécie de tradução do sexo, ou seja, o gênero como subordinado ao sexo. "Introduzir o gênero em psicanálise seria estabelecer um pacto com aqueles que querem arrefecer a descoberta freudiana? Ou seria, paradoxalmente, um meio de reafirmar, ao contrário, o inimigo íntimo do gênero, o Sexual?" (Laplanche, 2003/2007, p. 162).

Para Laplanche, falar de gênero em psicanálise estaria justificado pelo fato de que

---

<sup>17</sup> Mais adiante abordaremos a crítica de Laplanche ao pensamento de Stoller.



Freud abordava a questão, mesmo que nas entrelinhas - sem usar o termo especificamente. Freud sustentava a existência de três pares de opostos nos sujeitos: ativo-passivo, fálico-castrado e masculino-feminino, sendo o terceiro o de mais difícil apreensão, um verdadeiro enigma de algo que não se coloca como puramente biológico, psicológico ou sociológico, mas como uma singular combinação dos três fatores. Laplanche lembra a clássica passagem presente no texto *Teorias sexuais infantis*, na qual Freud elabora uma parábola em que um viajante extra-planetário chegaria à Terra e ficaria curioso acerca da divisão feita entre os humanos em dois grupos, o dos homens e o das mulheres. Freud não fala em gênero<sup>18</sup>, mas seria pertinente pensar nesses termos já que são os hábitos desses dois grupos de seres humanos que os diferenciam, visto que os órgãos genitais não costumam ficar expostos e só são notados em um segundo momento. Ou seja, Freud observou a diferença entre os gêneros, apesar de não colocar essas palavras em seus textos.

Pensando na gênese infantil do ser humano, que envolve a tríade gênero-sexo-Sexual, Laplanche retoma a importância da alteridade na constituição do psiquismo e a simultaneidade criança-adulto, pensados como os elementos essenciais no *après-coup*. Laplanche coloca o gênero em primeiro lugar, invertendo a ordem e o primado da base sexuada, em que o gênero seria uma tradução do sexo. Cita estudos de autores como Person e Oversey (1983) e Roiphe e Galenson (1987), que sustentam a tese de que o gênero viria primeiro do que o sexo com relação ao tempo e à tomada de consciência, e que haveria uma estabilização da noção do próprio gênero por volta do final do primeiro ano. O gênero não seria, entretanto, uma marca como quis Stoller, nem um hábito ou uma impregnação hormonal, noções vistas como ipsocentristas<sup>19</sup> na visão de Laplanche.

A designação ocupa lugar central para Laplanche na questão da aquisição do gênero. A ideia de “designar” coloca o outro como parte fundamental no processo:

A designação é um conjunto complexo de atos que se prolongam na linguagem e nos comportamentos significativos do entorno. Poder-se-ia falar de uma designação contínua ou de uma verdadeira prescrição. Prescrição no sentido de que se fala de mensagens ditas “prescritivas”; logo, da ordem da mensagem, até mesmo do bombardeio de mensagens. (Laplanche, 2003/2007, pp. 166-167)

O “outro” que prescreve, que designa no gênero, é considerado por Laplanche como o

---

<sup>18</sup> Mesmo porque não existe a palavra em alemão, pois *Geschlecht* significa sexo e gênero ao mesmo tempo.

<sup>19</sup> Centradas somente no indivíduo, sem levar em conta a alteridade.

pequeno grupo social mais próximo ao bebê - a mãe, o pai, talvez um irmão ou um primo, e não como o social de forma geral - as instituições, o sociocultural, a sociedade num sentido mais amplo. Esse é um ponto importante na concepção de Laplanche, visto que passa a haver uma mudança de vetor na identificação: ao invés de existir uma identificação *com*, há uma identificação *por*. Assim, ao retomar a famosa frase freudiana “a identificação primitiva com o pai da pré-história pessoal”, Laplanche propõe pensarmos de forma diferente: “a identificação primitiva *pelo socius* da pré-história pessoal” (Laplanche, 2003/2007, p. 167).

Partindo da teoria da sedução generalizada (TSG), Laplanche explica a ideia de que o gênero precede o sexo e é organizado por ele. Como já citado anteriormente, essa teoria se baseia na ideia de mensagens vindas do outro. Nessas mensagens, pensadas também como a linguagem de base, existem códigos ou ondas transmissoras que são a linguagem pré-consciente-consciente. O inconsciente parental seria então percebido como contendo certos “ruídos”, que interferem e comprometem a linguagem pré-consciente-consciente.

Laplanche dá um passo a mais na TSG, acrescentando a ideia de que a comunicação não ocorre apenas através dos cuidados com o corpo do infante, mas que também circula através do código social, as mensagens do *socius*, que são principalmente as mensagens de designação do gênero que, impregnadas por ruídos trazidos pelos adultos mais próximos, trazem fantasias e expectativas de ordem inconsciente ou pré-consciente.

Esses desejos inconscientes também vêm infiltrar-se na designação do gênero. É, pois, o sexuado e principalmente o Sexual dos pais que vêm *provocar ruído* na designação. Digo “principalmente o Sexual”, pois prezo muito a ideia de que, em última instância, os adultos na presença da criança reativam, sobretudo, sua *sexualidade infantil*. (Laplanche, 2003/2007, p. 169, grifos do autor)

Dessa forma, entende-se que a alteridade é central no processo de designação de gênero, que se efetiva enquanto pluralidade, multiplicidade e não em dois termos que excluiriam um terceiro. O gênero carrega, portanto, a ideia de diversidade, mas é justamente a diversidade que deve ser dominada pela criança - é o que Laplanche denomina de *lógica fálica*, a lei do terceiro excluído, lógica da presença/ausência. Laplanche retoma os estudos de Roiphe e Galenson, que observaram de perto e por um longo tempo uma população de crianças e postularam a ideia de uma “fase genital precoce” e de uma “reação de castração”, que seria uma reação *pelo* complexo de castração que não está ligado ao Édipo num primeiro momento - ocorreria anteriormente a ele. É nessa fase genital precoce, que ocorre por volta do segundo ano de vida, que o sexo vem fixar e traduzir o gênero. Até então o gênero seria

designado e adquirido, porém ainda enigmático.

É a partir disso que Laplanche se questiona sobre a universalidade do complexo de castração em sua forma rígida e incontornável, ou seja, questiona se não existiriam outros modelos de simbolização mais múltiplos e flexíveis, questões que já havia abordado na ocasião de uma de suas Problemáticas chamada “Castração-simbolização”. Ele entende esse caráter incontornável da lógica fálica, a lógica do terceiro excluído presente na civilização ocidental (inclusive no universo tecnológico da computação, com a lógica do 0 e 1), mas indaga sobre a necessidade de ser atrelada ao complexo de castração ao se pensar na constituição do sujeito. Para ele, “a certeza do complexo de castração mantém-se com um fundo de ideologia e de ilusão” (Laplanche, 2003/2007, p. 169).

Partindo da famosa noção freudiana de que “o destino é a anatomia”, Laplanche afirma que o complexo de castração está baseado em uma anatomia que é popular e perceptiva, ou até mesmo ilusória. Pensando nos animais quadrúpedes, em que é possível perceber visual e olfativamente os dois conjuntos genitais externos, Laplanche entende que é possível afirmar ou perceber a existência de dois sexos. Porém ao pensar nos seres humanos, que possuem a posição ereta, o autor sustenta a ideia de que há uma dupla perda na percepção, tanto olfativa, quanto da visão dos órgãos sexuais externos femininos, que passam a ser perceptivamente inacessíveis: “No ser humano, a percepção dos órgãos genitais não é mais a percepção de dois órgãos genitais, mas a de um só. A diferença dos sexos torna-se ‘diferença de sexo’”. (Laplanche, 2003/2007, p. 170).

O gênero, então, segundo essa visão laplancheana, é simbolizado ou domesticado a partir do código da presença/ausência, fálico/castrado, que é visto por ele como um código simplificado e rígido, sendo que o que escapa à simbolização é essencialmente o sexual infantil, objeto da psicanálise.

#### **2.4 - Crítica de Laplanche à teoria de Stoller**

Ao final do texto ao qual nos referimos no tópico anterior, há dois suplementos, sendo o primeiro intitulado “O gênero e Stoller”, no qual Laplanche tece algumas considerações sobre o trabalho do autor. Inicialmente, elogia o ritmo de sua escrita e sua capacidade de autocrítica e reconsideração sobre suas próprias teorizações, porém passa a criticar algumas de suas proposições, como por exemplo o uso de explicações biológicas simplistas demais, e

também questiona a profundidade de seu estudo sobre Freud e a psicanálise. Laplanche considera que há uma falta de seriedade nesse ponto, avaliando que há uma redução nas explicações, buscando respostas demasiadamente simples, como na ideia de que a transexualidade estaria ligada unicamente à falta de uma figura paterna presente combinada com uma mãe excessivamente cuidadosa.

Pensando mais especificamente na questão do gênero, Laplanche diz que Stoller concorda em parte com o discurso de que este seria o aspecto subjetivo, a consciência do sexo, mas que, em sua obra *Masculinidade e feminilidade: apresentações de gênero*, há uma ideia mais interessante em que o autor afirma o gênero como “a crença ou sentimento de pertencer a um dos dois sexos. Assim, o transexual não acredita ser do sexo feminino, e sim do gênero feminino” (Laplanche, 2003/2007, p. 176, grifos do autor). Aqui, de acordo com Laplanche, há algumas compreensões convergentes entre eles, como a noção de “um elemento que se situa do lado do sujeito e do eu, e não do objeto ou da ‘escolha de objeto’”. (Laplanche, 2003/2007, p. 169)

No que concerne à etiologia da identidade de gênero, Laplanche explicita a concepção de Stoller à qual nos referimos no tópico “Robert Stoller, o transexualismo e as identificações”: uma força biológica, a designação do sexo, as atitudes parentais, fenômenos biopsíquicos e o eu corporal em desenvolvimento. Laplanche discute mais aprofundadamente a questão dos fenômenos biopsíquicos, retomando a ideia de “simbiose”, que é tão cara à Stoller. De acordo com Laplanche, essa noção está referenciada em Margaret Mahler, que observou crianças autísticas e simbióticas e inferiu que toda criança passaria por essas duas fases, necessariamente, sendo que poderia regredir posteriormente a elas. Sua teoria foi fortemente criticada tanto pelo que propunha quanto pela forte semelhança com a teoria freudiana do narcisismo originário, que aqui seria tomado no sentido literal.

Para Laplanche, Stoller aderiu de uma forma muito particular à teoria de Mahler, tanto por não se ocupar em seus trabalhos da “fase autística” proposta pela autora, quanto por entender que, diferente da simbiose geral, há uma espécie de simbiose especial, ligada apenas ao gênero, isto é, uma criança poderia separar-se completamente de sua mãe em todos os aspectos e tornar-se independente dela, sem conseguir separar-se, entretanto, apenas de sua feminilidade.

Laplanche critica ainda a busca de Stoller por uma previsibilidade, como por exemplo na noção de que “mãe demais e pai de menos” necessariamente levaria o filho para o caminho

da transexualidade:

Ora, essa previsibilidade esbarra, entre outros aspectos, no fato de que não se encontra praticamente nunca o caso exemplar do filho que seja “assim”, isto é, um puro “transexual primário”. Na página 80 [do livro “Masculinidade e feminilidade: apresentações de gênero”], Stoller confessa que: 1) os casos de “meninos muito femininos” são uma minoria, a não confundir com os homossexuais; 2) ele nunca conseguiu acompanhar um desses “meninos muito femininos” até vê-lo transformar-se em “transexual primário”; 3) nenhum dos casos acompanhados por Richard Green transformou-se em “transexual primário”. (Laplanche, 2003/2007, p. 179)

Os pontos positivos da teoria stolleriana, para Laplanche, além do ritmo de sua escrita como já citamos, seriam a importância dada à manifestação precoce da identidade de gênero e, por vezes, à noção de designação e influência das mensagens dos pais que são dirigidas à psique e ao corpo da criança. Nesse ponto Laplanche vê alguma convergência entre Stoller e a sua TSG.

### 3 - Paulo de Carvalho Ribeiro

#### 3.1 - A identificação feminina primária

O psicanalista Paulo de Carvalho Ribeiro parte das formulações teóricas de Laplanche, por quem foi orientado durante sua pesquisa de doutorado na França em 1992, revisando algumas conceituações (inclusive tecendo algumas críticas que serão abordadas em seguida), chegando à noção de identificação feminina primária. Em seu livro *O problema da identificação em Freud - o recalçamento da identificação feminina primária*, de 2000, o autor faz uma profunda e sistemática revisão de alguns importantes textos de Freud<sup>20</sup> para sustentar sua tese de uma identificação feminina primária recalçada, tanto nos sujeitos quanto na própria teoria freudiana, além de um desejo de castração, muito mais do que um complexo de castração. Além da teoria da sedução generalizada e a sedução originária, Ribeiro se apoia também no conceito de passividade pulsional de Jacques André.

As ideias expostas a seguir estão baseadas no livro citado que, conforme dito, foi escrito em 2000 a partir da tese de doutorado do autor. Em seguida serão apresentadas discordâncias de Ribeiro com relação a algumas críticas de Laplanche ao trabalho de Stoller, apresentadas no tópico anterior, e a alguns pontos da própria teorização laplancheana.<sup>21</sup> Além disso, faremos algumas ressalvas, apresentando as mudanças e alterações realizadas no pensamento e nas consequentes publicações de Ribeiro no decorrer dos anos no que concerne ao nosso tema.

A tese central de Ribeiro (2000, p. 47) é de que:

A identificação feminina primária funciona como uma formação narcísica ainda hesitante entre a unificação e a dispersão, mas ainda assim capaz de organizar parcialmente um auto-erotismo inteiramente marcado pela ação traumática e invasiva da sexualidade inconsciente do adulto sobre a criança. Essa “nova ação psíquica” que é a identificação primária, na medida em que é capaz de cobrir a totalidade do que foi vivenciado sob a forma auto-erótica, acarreta obrigatoriamente a formação de um resto constitutivo de um primeiro núcleo inconsciente e, conseqüentemente, inaugura a primeira oposição entre o recalçado e as forças recalçantes.

---

<sup>20</sup> Tais como *Psicologia das massas e análise do eu* (1921); *O eu e o isso* (1923); *Inibição, sintoma e angústia* (1925); e os casos do pequeno Hans e do homem dos lobos.

<sup>21</sup> Paulo de Carvalho Ribeiro foi um dos examinadores da banca de qualificação realizada em 28/03/2018, ocasião em que fez importantes sugestões para o trabalho e apontamentos sobre a necessidade de explorarmos tais desdobramentos.

Para o autor, há uma afinidade intransponível entre a sedução originária e a feminilidade, assim como uma identificação primária à mãe, que propiciam a identificação feminina primária.

Ribeiro (2000) comenta que seu interesse em formular uma teoria sobre a identificação primária que levasse em conta o papel da alteridade e o descentramento iniciado por Freud (a famosa revolução copernicana) são questões que Laplanche privilegiou em suas construções teóricas, o que propiciou uma profícua interlocução entre eles. Além disso,

A afirmação da constituição do eu, do inconsciente e da pulsão a partir do recalçamento originário, logo a recusa em restringir ao biológico a compreensão das origens do sujeito psíquico, é uma posição teórica que compartilhamos com Laplanche e da qual procuramos extrair todas as consequências. A participação do outro, ou seja, do adulto sedutor originário, na instauração do recalçamento originário nos interessa particularmente, já que esse nos parece ser o ponto de partida para a compreensão do papel das identificações na formação do eu (Ribeiro, 2000, p. 203-204).

Entretanto, como já citado, Ribeiro (2000) também tece algumas críticas à teoria da sedução generalizada, entre as quais destacamos a teoria tradutiva do recalçamento e o bebê tradutor, para depois passarmos para a teoria de identificação feminina primária propriamente dita.

### **3.1.1 - Crítica à teoria tradutiva do recalçamento e ao bebê tradutor**

Para Laplanche, como comentamos anteriormente, o inconsciente, assim como o trauma como efeito *a posteriori*, seria formado a partir dos restos não traduzidos das mensagens enigmáticas que o adulto, que não conhece sua própria sexualidade inconsciente, propõe à criança, em sua situação antropológica fundamental. O que escapa à tradução constitui o chamado objeto-fonte da pulsão, que Ribeiro (2000, p. 204) compara a uma espécie de “ruído sexual, de cartilagem ou osso pulsional não triturável pela máquina tradutiva”.

Ribeiro (2000) assinala nesse ponto da teoria laplancheana uma contradição, já que a criança ocuparia uma posição passiva na relação com o adulto que envia as mensagens enigmáticas, ao mesmo tempo em que deveria ser ativa o suficiente para tentar traduzi-las. O autor questiona a que tipo de sujeito está se referindo Laplanche ao tratar da constituição do sujeito psíquico, pois:

Que tipo de indivíduo poderia dispor dessa habilidade tradutiva antes do recalçamento

originário? . . . O fato de que, antes da tradução, tenha havido implantação não altera em nada a aporia, já que a atividade tradutiva que ela desencadeia pressupõe a preexistência da instância tradutora. (Ribeiro, 2000, p. 207)

Assim, Ribeiro (2000) questiona a capacidade de comunicação do bebê e sua suposta habilidade tradutiva. Para isso, procura situar cronologicamente o recalamento originário (e seus dois tempos), para entender se haveria a possibilidade de existir um tipo de comunicação compatível com a tradução mesmo anteriormente à constituição do eu. Retoma Laplanche, quando este afirma que antes do recalamento originário as mensagens enigmáticas são implantadas de forma concreta na periferia do indivíduo, sobretudo no que chamaremos de zonas erógenas - ou seja, constituem o eu-corpo.

É após as primeiras tentativas de tradução que passam a existir os restos não traduzidos, os objetos-fonte da pulsão, que se localizam na periferia do corpo e agem também a partir do eu-instância - entendido como “uma metáfora, uma transposição psíquica da unidade corporal” (Ribeiro, 2000, p. 216). A conclusão é a de que a primeira tradução coincidiria com a passagem do auto-erotismo ao narcisismo e que seria um fenômeno somatopsíquico em que o surgimento da representação psíquica do corpo e a unificação deste coincidiriam.

A partir disso, Ribeiro (2000) propõe que não é o bebê quem traduz, mas o adulto que “ao mesmo tempo em que implanta elementos excitantes e fragmentadores no corpo do lactente, propicia também elementos de contenção e organização que culminam na formação do eu” (Ribeiro, 2000, p. 216) e que antes de aparecer o eu-instância não haveria um eu-corpo. Dessa forma, Ribeiro aprofunda a discussão acerca do papel do outro como tradutor originário, além de questionar o próprio caráter enigmático das mensagens enviadas nos primeiros momentos da constituição do sujeito psíquico, já que não haveria ainda um sujeito capaz de formular questões sobre as excitações enviadas:

Por mais carregadas de sexualidade que os estímulos que as produzem possam ser, por maior que seja seu potencial enigmático, a excitação que eles produzem não pertence a ninguém capaz de interrogá-la. A suposição de Laplanche de um lactente capaz de detectar . . . o investimento sexual do qual o seio é objeto por parte da mãe e, por conseguinte, capaz “desse obscuro questionamento: o que ele quer de mim, além de me amamentar e, afinal, por que ele quer me amamentar?”<sup>22</sup>, nos parece então completamente improvável, pelo menos se ele se estiver referindo a um período anterior à percepção do objeto total, como parece indicar o fato de que o objeto interrogado é o seio e não a mãe. (Ribeiro, 2000, p. 222)

---

<sup>22</sup> Laplanche, 1987, p. 125 - Novos fundamentos para a psicanálise.



Para Ribeiro (2000), devemos compreender os primeiros estímulos impostos ao bebê como possuindo um caráter sexual-pré-sexual, não descartando o caráter inconscientemente sexual destes, já que de fato veiculam a sexualidade inconsciente do adulto, mas por constatar que a excitação só poderá se tornar sexual e traumatizante num segundo momento, no *a posteriori*.

### **3.1.2 - A identificação feminina primária**

Conforme já citado, a principal argumentação de Ribeiro (2000) é de que haveria uma identificação feminina primária recalcada em todos os sujeitos. O que vai nortear sua teorização é a ideia de que

O recalçamento secundário, do qual participam a formação da identidade de gênero e a escolha de objeto sexual, deverá conferir a posteriori ao “corpo” recalcado originário o caráter de feminilidade, consolidando, dessa maneira, o recalçamento originário e estabelecendo as bases sexuais e sexuadas do conflito psíquico. (Ribeiro, 2000, p. 238)

Ribeiro (2000) parte de algumas ideias de Jacques André sobre as origens femininas da sexualidade para formular sua teorização, e por isso consideramos importante fazer aqui uma breve exposição sobre o pensamento desse autor. Para tanto, nos apoiaremos nos trabalhos de M. F. R. Ribeiro (2011) e Lattanzio (2011), além de continuarmos com Ribeiro (2000).

### **3.1.3 - O pensamento de Jacques André**

Lattanzio (2011, p. 55) resume o pensamento de J. André da seguinte maneira:

Podemos dizer que a feminilidade, para Jacques André, é por excelência a principal simbolização dos momentos originários do psiquismo (marcados pela violência e pela penetração generalizada) e, por isso mesmo, torna-se o recalcado por excelência tanto nos homens quanto nas mulheres, sendo que a lógica fálica é o principal agente recalcante dessa feminilidade originária.

M. F. R. Ribeiro (2011) esclarece que J. André parte da teoria da sedução generalizada de Laplanche e da posição de passividade originária do bebê em relação ao adulto sedutor. Ele afirma que há uma dupla alteridade na qual o bebê se situa no momento inaugural da vida psicosssexual: a do adulto e a do inconsciente desse adulto. Nesse encontro há mais sedução do

que relação, já que na criança há muito mais questões “injetadas” do que sua capacidade de compreensão e elaboração poderiam alcançar. Assim, “a vida psicosssexual não começa pelo ‘eu introjeto’, mas por um ele implanta, ele intromete; e sem saber o que faz. . . . A criança é penetrada por efração” (M. F. R. Ribeiro, 2011, p. 64). Podemos pensar, de acordo com M. F. R. Ribeiro (2011), que a mãe ao mesmo tempo traumatiza e insere o bebê no mundo adulto sensualizado.

Para J. André, de acordo com Ribeiro (2000), a situação de sedução contém um adulto sedutor invasor e uma criança invadida: o seio na boca (amamentação), o supositório no ânus, o cochicho nas orelhas são exemplos dessa sedução que, para ele, ultrapassa a metáfora, passa pelo ato. É a inscrição do significante no corpo que remete à gênese das zonas erógenas.

O “ser invadido originário”, relativo à situação de sedução, e o “ser penetrado feminino” são articulados no pensamento de J. André.

A feminilidade primitiva seria uma primeira representação da passividade do bebê diante da sedução originária e, justamente por essa proximidade, objeto do recalçamento mais profundo em ambos os sexos. . . . A efração da sedução originária pode ter como primeira representação/elaboração o ser penetrado feminino. (M. F. R. Ribeiro, 2011, pp. 65-66)

Para J. André, de acordo com Ribeiro (2000), essa feminilidade primitiva estaria particularmente propensa ao recalçamento mais profundo por conta de sua proximidade com a sedução originária.

### **3.1.4 - Retomando o pensamento de Paulo de Carvalho Ribeiro**

Conforme já citamos, Ribeiro (2000) parte de algumas ideias de Jacques André sobre as origens femininas da sexualidade, isto é, de que a feminilidade primária é a primeira representação da passividade do bebê diante do adulto sedutor (M. F. R. Ribeiro, 2011), porém com algumas discordâncias. Os autores têm concepções diferentes sobre o mecanismo pelo qual a feminilidade é gerada tanto na menina quanto no menino. De acordo com Ribeiro, J. André não atribui o papel primordial da identificação à gênese da feminilidade, à qual ele confere uma função central.

Enquanto para Jacques André basta a fantasia paterna de penetração para que a vagina e o ânus sejam despertados eroticamente, induzindo assim a feminilidade na criança, nós sustentamos que a identificação com a mãe é imprescindível para o surgimento da

feminilidade. (Ribeiro, 2000, p. 247)

Ribeiro (2000) estabelece uma articulação entre a identificação feminina primária e os dois tempos do recalçamento secundário, conceito já trabalhado ao longo de nosso percurso sobre a teoria laplancheana. O autor retoma Laplanche ao situar o aparecimento da sexualidade no *a posteriori* que o recalçamento secundário produz sobre o originário: o recalçamento originário só poderá se instituir enquanto tal a partir do recalçamento secundário. Além disso, o recalçamento secundário também possui um caráter temporal, isto é, também é articulado em dois tempos. A feminilidade primária, para ele, é objeto do recalçamento secundário (seu primeiro tempo) e está sujeita aos mesmos mecanismos da temporalidade do inconsciente. Assim, diz Ribeiro:

Nossa hipótese é a seguinte: o primeiro tempo do recalçamento da feminilidade primária corresponde ao processo pelo qual a criança é moldada de acordo com a feminilidade consciente e inconsciente da mãe, sem que essa feminilidade, para a criança, se oponha à diferença anatômica entre os sexos ou com ela se relacione. Penetrar e ser penetrado, ter e ser o objeto, coalescem, nesse primeiro tempo, numa experiência única, na qual passivo e ativo, masoquista e sádico não são pares de opostos, mas vivências homogêneas de um gozo sem oposição. O segundo tempo coincide com a descoberta da diferença anatômica dos sexos, sua incidência sobre a diferença dos gêneros e o imperativo de se posicionar perante essas diferenças. Esse é o momento em que a feminilidade primária se sexualiza (nos dois sentidos do termo) e passa a ser comparada, avaliada e medida a partir do padrão fálico. . . . É essa, então, a feminilidade primária recalçada tanto nos meninos quanto nas meninas. Desse momento em diante, a feminilidade que passará a existir num e noutro sexo será secundária, irremediavelmente marcada pelo falo e, tanto quanto a masculinidade, permanentemente em prontidão contra seu protótipo recalçado. (2000, p. 257)

É a partir do exposto que Ribeiro (2000) passa a delinear o papel da identificação nesse processo de aquisição da feminilidade. A ideia de que a criança é moldada a partir da feminilidade consciente e inconsciente da mãe é um dos pontos principais dessa teorização. O autor retoma a clássica discussão entre imitação e identificação no processo de construção do sujeito psíquico, que na psicanálise costuma estar voltada ao objetivo de distinguir ao máximo um conceito do outro, guardando para si apenas o de identificação. Entretanto, para ele “imitação e identificação são fenômenos cujas fronteiras são imprecisas justamente por estarem implicados nos efeitos de *a posteriori* que regem a temporalidade do recalçamento” (Ribeiro, 2000, p. 262).

O autor se baseia no conceito de ecocinesias, de Henri Wallon, que seria um fenômeno que ocorre devido a uma espécie de “mimetismo afetivo”, no qual o que predomina é a

igualdade (ser o outro), e não a semelhança (ser como o outro). É a tendência do bebê a ter, pelo outro, modelados seus gestos e afetos, o que remete ao primeiro tempo do recalçamento originário. A suposição é a de que:

essas ecocinesias participam de forma determinante da primeira configuração do eu corporal, à medida que induzem simultaneidade de movimentos em diferentes partes do corpo e forjam, assim, coordenações involuntárias, que culminam numa precária ligação funcional do corpo, à qual vem se somar a imagem do outro total. (Ribeiro, 2000, p. 263)

No segundo tempo do recalçamento originário, ocorre a própria unificação, surgem as primeiras representações do corpo unificado. Após o recalçamento originário e antes do estabelecimento da capacidade de representar e imitar intencionalmente, um fenômeno chamado *mímesis* ocorre e passa a substituir a ecocinesia (imitação automática).

Para descrever o conceito de *mímesis*, Ribeiro (2000) recorre à teoria de Stoller, cujo desenvolvimento foi descrito anteriormente em nosso trabalho. O recorte de Ribeiro aqui se dá numa mudança que Stoller fez de uma posição teórica para outra durante suas publicações.

No início de seus trabalhos, Stoller presumia que seria através de uma identificação com suas mães que os meninos transexuais desenvolveriam a feminilidade, porém ele passa a questionar essa suposição, pensando que para haver uma identificação seria necessário haver uma estrutura psíquica, o desenvolvimento da memória e da fantasia, para que a criança sentisse estar incorporando sua mãe, para então sentir que seriam seus próprios aspectos (identificação). Dessa forma, ele questiona a existência de uma rica vida fantasmática nos primeiros meses, sugerindo que nesse momento ocorreriam condicionamento e provavelmente o *imprinting*.

Identificação é um processo internamente motivado e uma instância do princípio do prazer em operação. Acredito, porém, que, nos estágios precoces, esses meninos não buscam a feminilidade (eles não são motivados a buscá-la), mas recebem-na passivamente, por via da excessiva imposição dos corpos demasiadamente ternos de suas mães. . . . Uma vez que essa matriz esteja assentada, no entanto, a identificação desempenhará um papel cada vez maior; esses meninos, por volta do fim do primeiro ano, são como aspiradores de pó, sugando tudo de feminino que lhes aparece no caminho. (Stoller, 1975, p. 54-55 apud Ribeiro, 2000, p. 270)

Ribeiro (2000) faz uma relação entre as teorias de Stoller e Laplanche, sugerindo que haveria, nas noções de identificação feminina primária (que, pare ele, deveria ser denominada *imprinting* feminino primário) e de sedução originária, uma certa ressonância. Ele aponta que, sendo o *imprinting* um processo em que “a mãe imprime elementos de sua feminilidade no

‘proto-psiquismo’ da criança” (Ribeiro, 2000, p. 271), podemos observar uma semelhança entre esse conceito e a ideia de que haveria um caráter identificatório na sedução originária.

A diferença estaria na noção de Stoller de que a identificação e o *imprinting* não são compatíveis, pois ele se baseia em uma concepção restrita da identificação, a qual estaria completamente ligada ao princípio do prazer e teria um caráter ativo no processo de incorporação e transformação fantasmática da mãe gratificadora. Diz Ribeiro (2000, p. 271): “de fato, incorporar, introjetar e se identificar (na voz ativa) são sempre secundários à implantação/impressão: como afirma Laplanche, são tentativas de retomar ativamente o que foi inicialmente uma experiência passiva”.

Buscando desenvolver o processo pelo qual a experiência passiva irá resultar na identificação feminina primária, além da relação com a imitação, Ribeiro (2000) afirma que há uma “relação de penetração” no contato corporal entre mães e filhos, que apresenta duas faces. A primeira face seria um prolongamento da sedução originária e ocorreria posteriormente à primeira noção de eu, a partir do que, cada sensação na pele, odor sentido, som escutado, irá adquirir uma potencialidade de representação em termos de penetração, levando em conta o caráter epidérmico do eu incipiente, a posição passiva do bebê em relação ao adulto e a força das fantasias inconscientes desses adultos, em que habitam representações de penetração. A outra face estaria ligada à mãe, no sentido de que ela envolve o corpo da criança (o *holding* de que nos fala Winnicott), num movimento de acolhimento que pode ser relacionado à uma boca, reservando à criança um espaço interior metafórico, e por isso a ideia da criança enquanto objeto penetrante da mãe.

Toda a linguagem corporal que domina a relação da mãe com a criança e que, na maioria das vezes, faz parte de uma intimidade exercida na privacidade de recintos reclusos, é uma linguagem profundamente marcada pela sexualidade inconsciente da mãe, na qual se encontram todas as marcas da sedução que ela própria sofreu e cujos restos pulsionais transpiram nos cuidados prodigados e no amor onipotente que ela derrama sobre sua cria. (Ribeiro, 2000, p. 273)

Assim, é estabelecida uma relação em que mãe e criança são duas faces que se penetram: não é possível distinguir penetrante e penetrado, pois a criança se imita ao imitar a mãe. A mãe transmite a feminilidade pela imitação que faz do infantil, através da tradução corporal (gestos, toques, afetos) que o contato com o bebê induz nela, mas que ela não sabe que é um derivado de sua própria sexualidade antes recalcada. Esse jogo especular nos traz de volta à ideia de mimesis:

Nos primeiros momentos da relação mãe/criança após o recalçamento originário, ainda não há imitação ativa e diferida, mediada por uma representação da mãe presente no psiquismo da criança. Acima de tudo, há *mimesis* de uma relação a partir da qual o eu incipiente da criança é modelado por algo que não é exatamente nem o eu nem o corpo da mãe, mas a afetação desse corpo e desse eu pelo objeto-fonte da pulsão que a presença da criança faz ressoar. *Mimesis*, então, e não imitação, porque se trata de uma relação entre duas produções de estados subjetivos e não entre duas pessoas devidamente representadas no psiquismo uma da outra: a criança é modelada ao ser identificada à potência modeladora que ela própria involuntariamente induz no corpo e psiquismo da mãe. Nesse registro mimético, a distinção entre objeto de amor e objeto de identificação perde completamente o sentido, uma vez que o objeto libidinalmente investido participa da produção desse investimento, pelo qual ele é, ao mesmo tempo, profundamente afetado. (Ribeiro, 2000, p. 274, grifos do autor)

Para o autor, é dessa forma que ocorre a relação do bebê com sua mãe na fase de consolidação do eu, logo após o recalçamento originário. “Ela contém todos os ingredientes da identificação e da feminilidade, assim como toda predisposição ao recalçamento e resultará numa identificação feminina primária recalçada, a partir da descoberta da diferença anatômica dos sexos e do efeito a posteriori que essa descoberta produz.” (p. 275)

### 3.2 - A imitação

No tópico anterior o tema da imitação foi abordado a partir do ponto de vista de Ribeiro naquele momento de sua trajetória teórica, tema que permaneceu em constante aprimoramento, tendo culminado, em 2011, em um livro intitulado *Imitação: seu lugar na psicanálise*. Nele, o autor se propõe a traçar a longa história da imitação desde a filosofia com o conceito de mimesis, passando pela apropriação da imitação pela psicologia do desenvolvimento, da sociologia, linguística, teoria da aprendizagem social e as de fundamentação fenomenológica, até chegar ao lugar da imitação na teoria psicanalítica. Aqui, nosso foco será o capítulo de apresentação do livro.

A principal tese defendida por Ribeiro é a da passividade como marca das origens do sujeito psíquico, isto é, a noção de que os bebês não nascem portadores de uma instância psíquica capaz de ter algum tipo de iniciativa, mas que a imitação precoce teria um papel fundamental nesse processo de constituição psíquica.

Partindo das concepções da TSG de Laplanche, Ribeiro ratifica a importância da compreensão do originário tanto enquanto constructo teórico quanto por sua utilidade clínica, como por exemplo, na compreensão de fenômenos transferenciais que podem conservar

aspectos arcaicos desses momentos de constituição psíquica. O autor retoma sua crítica ao bebê tradutor<sup>23</sup>, ideia na qual considera-se existir uma capacidade de registro e tradução das mensagens do outro por parte do bebê. O problema, para ele, é a concepção de um bebê que pode traduzir as mensagens antes mesmo do surgimento do eu, instância psíquica que teria a função de perceber e representar o objeto no psiquismo, ou seja, a ideia de que haveria algum tipo de consciência reflexiva: “de fato, já não podemos mais nos permitir a facilidade de teorizar a importância do objeto na constituição do psiquismo sem nos perguntarmos sobre as condições de percepção e utilização do objeto pelo bebê” (Ribeiro, 2011, p. 15).

Ribeiro nos apresenta a questão dos estados iniciais do funcionamento psíquico do ponto de vista das teorias cognitivas e seus principais autores, mostrando que há uma tensão entre os partidários da ideia de construção social da subjetividade e os que têm uma concepção mais inatista e concebem a ideia de uma intersubjetividade primária. Porém, argumenta Ribeiro, mesmo entre os que procuram explicações não inatistas sobre a questão, há uma certa tendência a formular teorias que acabam concebendo estados mentais pré-subjetivos no bebê, ou seja, há um caráter insidioso na teorização de cunho inatista. É buscando fazer face a isso que o autor se debruça sobre a questão da imitação precoce e a passividade nas origens do psiquismo.

O psicanalista italiano Eugenio Gaddini é trazido por Ribeiro para a discussão por sustentar a tese de que:

As modificações corporais vivenciadas pelo bebê devido a estímulos provenientes do meio externo induzem processos mentais correspondentes, de tal maneira que os fenômenos de imitação involuntários, desencadeados pelos estímulos do adulto, funcionam como um substrato físico dos primeiros processos psíquicos. (Gaddini, 2001, *apud* Ribeiro, 2011, p.20)

Para Gaddini, portanto, a percepção está ligada à imitação, o que abre a possibilidade de se pensar em uma associação entre imitação precoce e a ideia de uma consciência primária não reflexiva, que é trazida por alguns autores da psicanálise. Ribeiro busca avançar a ideia de Gaddini a partir de uma noção de imitação precoce que viabilize uma inversão no vetor da constituição psíquica, passando a se pensar na consciência primária como um processo exterior ao bebê e que ele inicialmente apenas reflete (no sentido especular) para, num segundo momento, passar a se apropriar do processo, isto é, passa a existir a possibilidade de autorrepresentação. Para tanto, diz Ribeiro, é necessário pensar na imitação como um

<sup>23</sup> Que foi abordada no tópico “Crítica à teoria tradutiva do recalçamento e ao bebê tradutor”

mecanismo não intencional, mas automático, e não no sentido de um reflexo medular, mas algo entre a ação reflexa e o ato de vontade.

Os achados sobre os neurônios-espelho, feitos por uma equipe de pesquisadores italianos liderados por Giacomo Rizzolatti (2000) são apresentados por Ribeiro por terem trazido novas formas de compreensão dos fenômenos especulares de forma geral e particularmente da imitação. O principal interesse de Ribeiro por esses estudos é a descoberta de que existem sistemas neurais acionados tanto no momento da execução de determinadas ações (tanto motoras quanto reflexas) como também durante a simples observação de outras pessoas executando essas ações. Ou seja, são neurônios que possuem caracteres audiovisuais e motores e que por isso podem desempenhar um importante papel na imitação.

Diversos desdobramentos no campo dos estudos das relações interpessoais vieram a partir dessas descobertas, como por exemplo o interesse sobre o papel desempenhado por esses sistemas neurais na aquisição de linguagem e outras habilidades motoras, na capacidade de empatia ou de apreensão das emoções e intenções alheias. A que mais interessa a Ribeiro é a noção de “simulação corporificada” de Vittorio Gallese (2003), que seria um mecanismo que pode produzir uma espécie de vínculo de experiência entre um protagonista e um observador, mesmo que a observação seja automática, involuntária e não consciente, isto é, mesmo que tenha um caráter passivo: “tratar-se-ia, nesse caso, muito mais de uma penetração de estímulos audiovisuais, como Gallese (2003) chega a sugerir, do que uma atividade voluntária de observação” (Ribeiro, 2011, p.24).

É importante ressaltar que a “simulação corporificada” não leva o observador a ter as mesmas reações musculares ou mecânicas de quem ele estava observando, e, com relação a isso, a hipótese é de que, apesar de os neurônios serem os mesmos, seus disparos são interpretados de forma diferente, isto é, há menor intensidade de resposta neural.

Outra interessante pesquisa nesse campo trazida por Ribeiro é sobre a capacidade de recém-nascidos para reproduzir movimentos do rosto e da boca feitos por um adulto diante deles, mesmo sem jamais terem visto seu próprio rosto no espelho, o que leva a pensar que existe uma suscetibilidade à imitação. De acordo com o autor, os fenômenos de imitação precoce e a descoberta dos neurônios-espelho propiciam que consideremos de uma forma diferente o papel do outro no processo de constituição psíquica, alterando o vetor na situação entre o bebê e o objeto.

Em vez de pensarmos que a mãe espelha os estados internos do bebê, não seria o caso de pensarmos que os bebês espelham, no sentido de uma imitação precoce



generalizada, os estados mentais das mães? Não seria algum tipo de capacidade automática e inata de espelhamento ou imitação que asseguraria o surgimento do Eu nos bebês? (Ribeiro, 2011, p. 31)

O inato, nesse caso, não seria uma suposta capacidade de autorrepresentação, mas “o mecanismo capaz de introduzir o outro no psiquismo em via de construção” (Ribeiro, 2011, p. 31).

### 3.3 - Algumas discordâncias de Paulo de Carvalho Ribeiro

Seguindo a trajetória do pensamento de Ribeiro, chegamos ao importante artigo *Identificação passiva e a Teoria da Sedução Generalizada de Jean Laplanche*, publicado em 2010 na revista *Percurso*, no qual o autor se dedica à explanação do caminho que o levou ao conceito de identificação passiva a partir das ideias da TSG. Além disso, Ribeiro tece algumas críticas ao que foi dito por Laplanche em seu texto *O gênero, o sexo e o Sexual* acerca do trabalho de Stoller sobre o conceito de gênero, o que já foi abordado no tópico “Crítica de Laplanche à teoria de Stoller”. Aqui, nosso foco será discorrer sobre essas discordâncias.

De acordo com Ribeiro, Laplanche toma o escopo teórico de Stoller como partindo de uma concepção ipsocentrista, especialmente se tratando da ideia de *imprinting*. Ribeiro considera essa análise equivocada, até mesmo contraditória, visto que Laplanche em sua TSG considera as mensagens endereçadas ao corpo do infante como uma noção copernicana, ou seja, que não tem o sujeito como centro, a descentralização a que tanto o autor se refere em sua obra. Indaga Ribeiro: “porque o *imprinting* seria ipsocentrista, enquanto as mensagens endereçadas ao corpo não seriam?” (2010, p. 84). Apesar disso, Laplanche chega a afirmar em seu texto que é mérito de Stoller a importância dada à designação do gênero pelos outros do entorno do infante.

Outra crítica de Ribeiro aos apontamentos de Laplanche diz respeito ao uso de Stoller das teorias da separação-individuação e da simbiose mãe-criança de Margareth Mahler. Para Laplanche (2003/2007, p. 246), a teoria de Stoller “desmorona por todos os lados” pelo fato de o autor se apoiar, em alguma medida, em tais teorias mahlerianas. Porém, conforme já mencionado anteriormente, Laplanche reconhece o uso “particular” de tais ideias por parte de Stoller, já que o autor considera a simbiose de um modo específico, relacionada ao gênero e diferente da simbiose em geral. Ou seja, para Ribeiro existe uma contradição nessas críticas

de Laplanche endereçadas a Stoller.

Stoller dá ênfase ao olhar da mãe na relação mãe/criança, “os olhos nos olhos, como nos apaixonados”, argumento que, para Laplanche, é um estratagema ou ainda um sinal de falta de seriedade no tratamento da teoria psicanalítica. Contudo, argumenta Ribeiro:

Este rigor crítico de Laplanche talvez não merecesse muita atenção e pudesse ser parcialmente contrabalançado pelo reconhecimento de alguns méritos de Stoller, não fosse o grande interesse demonstrado por Laplanche pela questão do olhar e a importância que ele pode adquirir na sedução originária. (2010, p. 84)

Ribeiro cita um texto de Laplanche que foi apresentado pela primeira vez na Universidade de Atenas em 1999, no qual o autor compara a importância dada ao olhar na criação artística de Giacometti, à ideia de Leonardo Da Vinci de que os olhos seriam as janelas da alma, o que pode ser pensado como uma abertura da alma ao trauma que vem do outro. Para Laplanche, em Giacometti, o olhar do outro é um enigma por excelência. Ao comentar uma foto do artista com sua mãe, Laplanche afirma que a troca de olhares entre eles “ultrapassa qualquer descrição”, relacionando-a ao “poder enigmático do sorriso em Leonardo, confirmando assim que o rosto humano, sobretudo o olhar, é um instrumento importante de implantação de enigmas” (p. 85).

No mesmo texto, Ribeiro retoma a proposta laplancheana de um Complexo de Castração não edipiano, feita no texto *O gênero, o sexo e o Sexual* e sobre o qual já nos ocupamos anteriormente. Para Ribeiro, ao propor a castração não edipiana, é necessário que se aponte uma alternativa para explicar a sua origem, o que é feito por Laplanche ao questionar a questão da oposição entre anatomia e biologia. Para ele, a anatomia que interessa à psicanálise não é a que se preocupa com a descrição dos sistemas ou estruturas, uma anatomia biologicista, mas a anatomia dita popular, aquela que se baseia apenas na percepção e até mesmo na ilusão. Ele entende que isso se dá a partir da conquista da posição ereta pela humanidade, a qual acarretaria na anulação da percepção dos órgãos genitais femininos, ou seja, a diferença de sexos se transforma em diferença de sexo e é a partir disso que ocorre a lógica do terceiro excluído, do zero e do um. Nesse ponto há discordâncias importantes entre Ribeiro e Laplanche.

Ribeiro lembra das brincadeiras infantis de subjulgação, medo e susto, para argumentar que as crianças, ao se depararem com a diferença anatômica, não fazem uma oposição simples entre presença e ausência ou fálico e castrado, mas entre penetrante e penetrado, dominador e dominado. Há um jogo entre passividade e atividade, algo da teoria

psicanalítica que ele considera ser alvo de recalque.

A inequívoca inspeção dos órgãos genitais feita pelas crianças pequenas é o primeiro ponto de discordância de Ribeiro com Laplanche nessa questão. Diz Ribeiro: “A inspeção não precisa ter a profundidade de um exame ginecológico ou proctológico para que uma criança descubra a natureza orificial dos órgãos genitais femininos e do ânus” (p. 88). Ribeiro também critica a proposta de que, a partir do momento em que a mulher conquista a posição ereta, seus órgãos genitais estão completamente escondidos, isto é, não exalam odores, não aparecem durante a caça ou a colheita, ou nas atividades mais cotidianas, como apanhar algo do chão. Esse ponto de vista, que aponta na direção de uma completa inacessibilidade dos órgãos genitais femininos, parece, para Ribeiro, uma ideia “descabida e improvável” (p. 88) e efeito do recalque na teorização.

Buscando uma possível interpretação para a adoção desse ponto de vista por Laplanche, Ribeiro destaca dois aspectos que considera importantes. Em primeiro lugar, o autor lembra da ideia de Galeno sobre a existência de um único sexo, o masculino, que seria uma espécie de calor vital e que estaria retido nas mulheres e se expressaria integralmente nos homens. Em seguida, lembra que a ideia da percepção e existência apenas do pênis e do clitóris para a criança está presente desde Freud. A diferença é que em Freud, a questão da descoberta tardia da vagina está ligada ao despertar erógeno dessa região apenas na puberdade, enquanto para Laplanche a descoberta é dificultada por conta da posição ereta. Entretanto, diz Ribeiro, os dois pontos de vista se cruzam em um aspecto importante, que é a restrição dos órgãos genitais femininos a uma negatividade que contrasta com a positividade do pênis.

Para finalizar esse tópico, consideramos importante transcrever a conclusão a que chega Ribeiro (2010), tanto por sua relevância teórica quanto pela relação com o que será exposto no item seguinte sobre o orificial e o caráter penetrante observado pelo autor na TSG:

Podemos dizer que a impossibilidade de reconhecer o caráter eminentemente penetrável dos genitais femininos guarda uma estreita relação com a impossibilidade de reconhecer o caráter anti-ipsocentrista da noção stolleriana de imprinting e com a admissão tardia de uma forma de identificação que tem o outro como origem. Estes dois últimos pontos têm em comum o fato de evocarem a ideia e a imagem de uma situação antropológica fundamental na qual a sedução generalizada se confunde com uma verdadeira penetração generalizada da criança pelo outro. (p. 89)

### 3.4 - Algumas alterações e atualizações do pensamento de Paulo de Carvalho Ribeiro

Conforme já dito, o autor continuou produzindo conhecimento e teorias psicanalíticas, publicando artigos e atualizando seu pensamento e o entendimento sobre os fenômenos clínicos. Nesse tópico, nosso objetivo será elucidar algumas dessas atualizações - as que dizem respeito ao nosso tema de pesquisa.

Em um artigo intitulado *O sexual, o fálico e o orifício a partir da teoria da sedução generalizada*, publicado pela revista *Percurso* em 2016, numa edição dupla dedicada ao Laplanche, Ribeiro tem como objetivo evidenciar algo da teoria de Laplanche sobre a castração que poderia, de acordo com ele, ter propiciado a construção de uma teoria do sexual mais condizente com a ideia da situação antropológica fundamental, base da TSG laplancheana.

Considerando que os orifícios corporais estão presentes em todos os seres humanos [...], seria possível propor, em lugar de "feminilidade orifício", uma sexualidade orifício. Mas isso seria apenas um subterfúgio, visto que o problema é exatamente este: o Sexual vem sendo afetado pelo sexo provavelmente desde a pré-história. Ao estabelecer a situação antropológica fundamental como posição inteiramente assentada na passividade radical do infante perante o caráter involuntariamente invasivo do inconsciente sexual do adulto, Laplanche não só coloca em primeiro plano os efeitos psíquicos e pulsionais da oposição interno-externo inerente à delimitação do corpo e sua projeção no psiquismo, como também estabelece que a tradução da passividade originária se dê, invariavelmente, em termos de penetração, de intrusão, de rompimento de barreiras, de arrombamento de orifícios. (pp. 110-111)

O autor aponta uma importante questão: como seria possível não considerar o impacto da diferença entre os sexos sobre a simbolização dessa penetração originária? Retomando a noção de trauma em dois tempos e a interdependência entre os dois fenômenos, ele coloca que o primeiro tempo é o que propicia a criação da tópica psíquica, enquanto o segundo, para ele, tem mais a ver com o que a resignificação que o gênero e a diferença entre os sexos acarretam ao eu, do que com as interdições edípicas e o parricídio. Assim, torna-se necessário reconhecer que “a tradução do trauma inerente à situação antropológica fundamental não tem como escapar da referência à penetração, que, por sua vez, não tem como não convocar a penetrabilidade do corpo e principalmente dos orifícios corporais e o poder penetrante das protuberâncias e apêndices corporais” (Ribeiro, 2016, p. 111).

Ribeiro explica que, em Laplanche, a ideia da passividade do infante e a inevitável

inoculação do sexual pelo adulto são teses fundamentais da TSG. O sexual é o resultado do trauma, da sedução e da tradução simbolizante, prescindindo ou não do Complexo de Édipo e de castração. Ele ressalta que a partir do seu próprio ponto de vista, o sexual é sempre gerido pelas fantasias de penetração, sejam na forma ativa ou passiva, e por pulsões impelidas à penetração, assim como por mecanismos que visam a contenção dessas pulsões.

Em 2017, foi lançado o livro *Por que Laplanche?*, parte da Coleção Grandes Psicanalistas<sup>24</sup>, no qual diversos autores versam sobre a obra de Laplanche. De autoria de Ribeiro, consta o texto *Gênero, Sexo e Enigma no Sexual de Jean Laplanche*, em que ele expõe algumas ideias da TSG, se aprofunda nas questões da feminilidade e do gênero em Laplanche, retomando também a teoria de Jacques Andre, além de ocupar-se das noções de orifício e do penetrável e do lugar da passividade na teoria e na clínica psicanalítica.

Ao relembrar a crítica ao bebê tradutor, um dos grandes entraves da teoria laplancheana<sup>25</sup>, Ribeiro destaca o fato de que, no texto de 2003, *O gênero, o sexo e o Sexual*, ao acrescentar a noção de gênero como participante do processo da sedução generalizada, Laplanche expande a categoria da mensagem enigmática (conceito presente em toda a TSG), que passa então a abarcar também o código social - além dos cuidados corporais e a linguagem do corpo. A partir desse momento, a designação do gênero é considerada uma forma passiva da identificação (nomeada por Laplanche como “identificação por”), que também carrega um enigma, já que é portadora de ruídos inconscientes dos integrantes desse grupo social. Essa identificação passiva, assim, ao mesmo tempo em que produz um efeito enigmático, também está ligada ao “narcisismo transvazante<sup>26</sup>” dos membros do pequeno socius, e pode ajudar a responder a problemática do bebê tradutor. Para Ribeiro, “a designação do gênero, que faz parte do processo de identificação do bebê pelo adulto, confunde-se com outros aportes narcísicos responsáveis pela unificação do corpo fragmentado do bebê e pelo surgimento concomitante do Eu e do recalco originário” (2017, p. 113).

Ribeiro (2017) retoma a ideia de que os cuidados inerentes à situação de apego (tanto a alimentação e a higiene quanto as carícias, os sons, as imagens) e que veiculam as mensagens enigmáticas também tem um caráter penetrante e, portanto, não escapam à

<sup>24</sup> Coleção Grandes Psicanalistas, da editora Zagodoni, apresenta alguns dos principais autores psicanalíticos e procura situar sua obra na contemporaneidade.

<sup>25</sup> Como apresentado anteriormente no presente trabalho.

<sup>26</sup> Conceito de Silvia Bleichmar, que busca resolver a questão do bebê tradutor afirmando que as primeiras traduções vêm do adulto - o narcisismo transvazante seria o narcisismo dos pais projetado no bebê.

tradução em termos de gênero e sexo.

Procurando responder alguns questionamentos que Laplanche deixa em aberto no texto de 2003, Ribeiro (2017) retoma a noção de Jacques André sobre as origens femininas da psicosexualidade, ou seja, a ideia de que para todos os sujeitos, o sexo feminino sempre será o outro sexo, já que “está pré-inscrito no psicossoma da criança pela efração sedutora originária do outro (do adulto), e porque, por ser ser-penetrado, ele repete o gesto dessa efração e dela mantém o enigma” (André, 1995, citado por Ribeiro, 2017, p.115, tradução do autor).

Assim, em André há uma associação entre o feminino e a alteridade, entre o feminino e o ser penetrado, embora Ribeiro considere mais prudente fazer uma associação entre a posição penetrada e a sedução originária, ou seja, entre a passividade e a penetração do corpo do infante pelas mensagens do adulto. Para ele, é necessário reconhecer que o recalçamento tende sempre a incidir sobre o que remete à posição passiva, já que ser colocado nessa posição e sofrer a penetração por algo “que pode agir autonomamente no interior do corpo sempre será uma experiência potencialmente perturbadora pelo poder que tem de reativar a efração sedutora originária” (p. 118).

Sobre a questão da castração e sua relação com o recalçamento, Ribeiro (2017) lembra a pontuação de Laplanche sobre a lógica fálica da presença/ausência, que estabelece a inexistência da vagina, reconhecendo uma diferença *de* sexo. Para ele, há uma tradução recalçante do gênero pelo sexo, na qual a diversidade dos gêneros é substituída por esse código de presença ou ausência. A vagina, “*órgão orifical, penetrável e excitável por excelência*” (2017, p. 119) se torna um dos restos não traduzidos desse processo de recalçamento que, como já abordamos em tópicos anteriores, de acordo com a teoria tradutiva, responde pelo surgimento do objeto-fonte da pulsão. Assim, sugere Ribeiro (2017), é possível pensar em uma equivalência, ou ao menos em uma relação muito próxima entre a fonte da pulsão sexual e a posição penetrada, “com a virtualidade dos orifícios tornada real pela penetração, por diferentes tipos de efetividade da mensagem que vem do outro e terminam por produzir restos que agem no interior do corpo e do Eu” (p.119).

Ribeiro (2017) se questiona a cerca da tese de André sobre as origens femininas da sexualidade, pois associar a posição feminina à posição penetrada e à passividade poderia implicar a existência “de uma posição masculina inteiramente identificada ao poder penetrante” (p. 121). Essa questão se relaciona com a indagação feita por Laplanche sobre

uma possível ligação entre a ideia de *identificação por* e o ideal do eu, a qual, para Ribeiro, levanta o questionamento sobre a independência ou não da formação do eu com relação à designação do gênero. Pensando nisso, Ribeiro (2017) indaga se haveria a possibilidade de se pensar que o ideal do eu tem sempre algo a ver com a negação da situação passiva e penetrada na sedução originária.

Ao finalizar esse importante texto, o autor elabora a sua posição a respeito do que foi apresentado até então, sendo uma atualização de sua teoria:

As correntes do apego e do social se confundem, uma vez que promovem, simultaneamente, a constituição do Eu, da identidade de gênero, do inconsciente recalçado e da pulsão; criando também tanto a ilusão quase universalmente compartilhada de que a posição passiva e penetrada (que pode ser aproximada da situação antropológica fundamental) é feminina, quanto a idealização defensiva, com o mesmo apelo universal e sustentada pela lógica fálica, de uma posição masculina, ativa e penetrante. Nesta perspectiva, o recalçamento do gênero pelo sexo equivale à criação de relações de oposição nas quais categorias duais como fálico/castrado, masculino/feminino, ativo/passivo, penetrante/penetrado e outras correlatas vêm se contrapor à grande diversidade de posições subjetivas não marcadas por oposições, deixando um resto que não pode ser reconhecido como próprio, embora seja percebido como interno, impositivo e excitante, isto é: Sexual. (Ribeiro, 2017, pp. 122-123)

## CAPÍTULO 2

### 4.1 -Filme *Eu, Mamãe e os Meninos*

É genial. Acabei de descobrir algo incrível! De fato, o que mais distingue as mulheres é a sua forma de respirar. É mais macia, mais variável. Menos linear, menos uniforme. É isso! A respiração de uma mulher varia o tempo todo! Depende se está emocionada ou concentrada, ou sedutora, ou charmosa. A partir de então aprendi com elas. Cada respiro, cada respiração dessas que faziam meu coração bater em sincronia com as mulheres.<sup>27</sup>

Pretendemos nesta seção, conforme abordado anteriormente, analisar o filme *Eu, Mamãe e os Meninos*, a partir de uma modalidade de interpretação proposta por Metz (1975/1982), na qual estuda-se psicanaliticamente o *script* fílmico, baseando-se nas associações do pesquisador-analista, observando-se os personagens, os diálogos, as experiências vividas, ou seja, transformando o complexo fílmico em um fenômeno interpretável e, finalmente, em uma narrativa própria.

Como afirma Laplanche (1992), a psicanálise não pretende ser uma ciência "aplicável" como no trabalho de um engenheiro, em que certos conhecimentos sobre física e mecânica são agrupados e aplicados para construir uma ponte, por exemplo. Buscamos, partindo desse ponto de vista, "fazer o texto trabalhar", dirigindo a psicanálise "para fora", num movimento extramuros. Assim, trata-se de uma tentativa de aproximação e ilustração de alguns dos conceitos estudados durante a pesquisa, e não uma simples aplicação de teorias aos fenômenos observados.

O filme *Eu, Mamãe e os Meninos* é uma comédia franco-belga que estreou em 2013, baseada em peça teatral solo homônima e consiste em um relato autobiográfico da peculiar vida Guillaume Galliene, que é também diretor e roteirista da obra. Galliene interpreta a si mesmo enquanto criança, jovem e adulto, além de sua própria mãe (até certo ponto do filme)

---

<sup>27</sup> Fala presente no filme *Eu, Mamãe e os Meninos* (2013).



e outros personagens em sua imaginação. Tanto peça quanto filme foram vastamente premiados, sendo o filme indicado em 10 categorias do César, considerado o Oscar francês, vencendo inclusive os prêmios de melhor filme e melhor ator em 2014.

É interessante pensar que tanto a peça quanto o filme podem ter funcionado para Galliene como um processo de elaboração, ou seja, um processo de retradução e de auto-simbolização, ainda mais se nos atentarmos para o fato de que ele se apresenta para uma plateia em que sua mãe, tão importante e presente na narrativa contada, faz parte.

O título do filme<sup>28</sup> já nos dá alguma pista sobre a história de Guillaume: ele não é tratado como um dos “meninos”, como os outros dois filhos de seus pais, mas é chamado pelo seu nome, como se pertencesse a uma “categoria” à parte - uma menina, talvez. Essa frase aparece no filme quando a mãe chama a família para almoçar: “meninos e Guillaume, está na mesa!”, sendo que, ao final do filme, como será tratado mais adiante, tal frase é modificada e desempenha um papel de suma importância na história do protagonista.

Guillaume ama as mulheres e em especial, sua mãe. Desde o início do filme observamos o protagonista se confundindo com ela, tentando agradá-la ou a imitando. Também podemos notar o tratamento confuso que sua mãe desenvolve com Guillaume, ora se dirigindo a ele como menino, ora não. São verdadeiras mensagens enigmáticas a serem identificadas pelo personagem.

A primeira cena do filme apresenta Guillaume em um camarim de teatro se preparando para uma apresentação, olhando-se no espelho e retirando a maquiagem branca que cobria seu rosto até então - como a maquiagem de gueixas ou palhaços. Podemos pensar que esse gesto é uma forma de deixar claro e destacar que a história a ser contada a seguir não seria sobre um outro personagem, uma terceira pessoa. Não há a necessidade de se esconder atrás de uma máscara: o espectador estará diante da apresentação da trajetória de vida do próprio Guillaume.

Na cena seguinte, encontramos uma intrigante representação de um estado fusional entre mãe e filho - ouvimos a primeira palavra do filme: “mamãe”, repetida por Guillaume várias vezes, até que ela responda, ao que ele diz que estava com dor de cabeça, e a mãe diz que também estava sentindo essa dor. Em seguida, o protagonista diz que encontrou seu primeiro amor da infância, Anna e sua mãe pergunta “como vai ele?”, negando - ou confundindo - o gênero da pessoa em questão.

---

<sup>28</sup> A tradução literal do título seria "Meninos e Guillaume, está na mesa!".

São mostradas diversas cenas em que o protagonista elogia a mãe, dizendo o quanto ela é genial e discorrendo sobre seus atributos. A imitação, presente em todo o filme, nesse ponto é bastante clara, de forma consciente para ele: “Imito a minha mãe super bem! Seus gestos, a maneira de falar... é genial!” Há uma cena em que sua avó materna confunde Guillaume e, estando virada de costas, conversa com ele achando que seria sua filha, mas quando se dá conta de que é o neto, ela fica espantada. Situação semelhante acontece com o pai de Guillaume que, de costas, conversa com o filho como se fosse sua esposa e se assusta ao ver que quem estava ali era seu filho que, por sua vez, se alivia ao pensar “vi em seus olhos que compreendera que sou menina!”. Contente, vai contar para sua mãe, que não parece querer ouvir, o que confunde Guillaume: “Porque mamãe não gostou? Agora sou menina, como ela. Mas como sou bobo! Eu pareço demais com ela, é isso! Mas é claro, devo imitar outras mulheres e não ela! Devo me inspirar em outras mulheres que gosto!”.

Começa então a reparar mais nos gestos, nos modos de olhar e nas manias de outras mulheres de seu círculo social, chegando a conclusão de que o que mais distingue as mulheres é a forma de respirar, que é mais macia, variável. Varia com as emoções. Sente que seu próprio coração bate em sincronia com os das mulheres. Vemos aqui Guillaume tentando compreender o que é ser homem e o que é ser mulher.

Nesse ponto podemos pensar um pouco mais sobre o conceito de imitação, principalmente sobre o que diz Paulo Ribeiro em seu livro sobre o assunto. Nesse livro, ele defende a tese da passividade como marca das origens do sujeito psíquico, isto é, a noção de que os bebês não nascem portadores de uma instância psíquica capaz de ter algum tipo de iniciativa, mas que a imitação precoce teria um papel fundamental nesse processo de constituição psíquica.

Ribeiro vai falar da impossibilidade de uma tradução das mensagens enigmáticas por parte do bebê e também de uma alteração no vetor na situação entre o bebê e o objeto.

Em vez de pensarmos que a mãe espelha os estados internos do bebê, não seria o caso de pensarmos que os bebês espelham, no sentido de uma imitação precoce generalizada, os estados mentais das mães? Não seria algum tipo de capacidade automática e inata de espelhamento ou imitação que asseguraria o surgimento do Eu nos bebês? (Ribeiro, 2011, p.31)

No filme acompanhamos a vida adulta de Guillaume, portanto é evidente que não testemunhamos esse processo imitativo inicial de forma literal, mas, em se tratando de uma obra de arte, podemos buscar uma aproximação mais livre e aberta dos aspectos estudados.

O protagonista pede para que sua mãe o envie à Espanha, para que aprenda a falar espanhol, algo que admira quando sua mãe faz - o que nos faz novamente pensar na questão da imitação. Lá é recebido e acolhido por algumas semanas na casa de uma espanhola que faz questão de ensiná-lo a dança chamada Sevilhana<sup>29</sup>. Em determinado momento, outra mulher explica para ele que os passos ensinados foram os que as mulheres devem fazer, e não os homens, o que o deixa surpreso, porém satisfeito, ao perceber que era visto como uma mulher. Essa passagem do filme nos remete à ideia da constituição das primeiras identificações na criança e à constituição da identidade de gênero. Guillaume é visto como uma garota pela mulher que o acolheu em sua casa - não é à toa que a dança ensinada a ele é a feminina, enquanto que outras pessoas ao redor estranham esse fato, já que o veem como um rapaz.

Do ponto de vista de Stoller (1975), o núcleo da identidade de gênero é construído de forma não conflitual e silenciosa, levando em conta o processo de *imprinting* e a designação do sexo feita pelos pais. Seria então dessa trama de identificações que os conflitos edípicos surgiriam posteriormente. Para ele, é natural e saudável que exista um período inicial de grande intimidade entre a mãe e o bebê, mas que por conta dessa fase, existe para o menino um toque de incerteza a respeito de sua masculinidade, ao contrário do que acontece com as meninas.

Stoller (1975) entende que decorre do *imprinting* uma espécie de identificação precoce entre mãe e bebê, em que eles acham-se fundidos e é pelo fato de o bebê se sentir, por um certo período, parte integrante da sua mãe, que existe um sentido de feminilidade no bebê: “Dependendo de como e com qual intensidade a mãe permite ao filho separar-se, esta fase de fusão com ela deixará efeitos residuais que podem ser expressos como distúrbios na masculinidade” (Stoller, 1993, p. 35).

Podemos pensar que Guillaume e sua mãe construíram uma relação fusional muito profunda, o que foi assinalado inclusive na primeira cena do filme, mas também podemos observar os efeitos desse tipo de relação em outros momentos de sua história. É possível que a mãe tenha tido dificuldades no processo de separação de Guillaume, assim como Guillaume parece ter tido dificuldade para se des-identificar dela, questões que serão tratadas adiante com mais profundidade.

O pai de Guillaume não concorda com o tipo de criação que seu filho recebe e gostaria que ele fosse mais viril e praticasse esportes, como fazem seus irmãos. Ao contrário,

---

<sup>29</sup> Que é uma dança popular que surgiu a partir da dança flamenca.

Guillaume é delicado e vaidoso, gosta de arte, história e música. Em determinado momento, o pai entra em seu quarto e o flagra brincando de interpretar a arquiduquesa Sissi, usando um cobertor como vestido e um pullover que faz as vezes de um longo cabelo. Decepcionado, o pai manda Guillaume para um colégio interno francês e religioso, exclusivo para meninos, no qual é perseguido pelos colegas por conta de seu jeito mais feminino. Em seguida, é enviado para outra escola, desta vez na Inglaterra, onde se sente muito mais livre para se comportar de forma natural. É lá que conhece Jeremy, colega de turma pelo qual se apaixona e logo se decepciona quando o vê envolvido com uma garota.

Estando muito triste com a conclusão de que Jeremy não se interessa por ele, Guillaume chora e conta para sua mãe que não é correspondido e pede algum conselho. Visivelmente desconfortável, ela diz “há muitos que vivem bem e felizes!”, mas o protagonista não entende sobre o que ela está falando e insiste na pergunta, até que ela diz que existem muitos gays, homens homossexuais, que vivem bem e felizes. Guillaume fica confuso: “do que ela estava falando? Não sou homossexual. Se sou sua filha, apaixonada por um garoto... O que há de mais correto? Uma garota apaixonada por um rapaz... Mas... E agora? Se não sou de verdade uma garota, quer dizer que terei que... Terei que servir o exército!”

Nesse momento do filme há uma grande mudança, pois Guillaume passa a se perceber enquanto homem homossexual. Parece que até então ele era designado por sua mãe enquanto um sujeito não pertencente ao mundo masculino<sup>30</sup>, mas há esse ponto uma transformação: a mãe passa a designá-lo enquanto um homem homossexual. A designação ocupa lugar central para Laplanche na questão da aquisição do gênero. *No texto O gênero, o sexo e o Sexual* de 2003, Laplanche afirma que a ideia de “designar” coloca o outro como parte fundamental no processo:

A designação é um conjunto complexo de atos que se prolongam na linguagem e nos comportamentos significativos do entorno. Poder-se-ia falar de uma designação contínua ou de uma verdadeira prescrição. Prescrição no sentido de que se fala de mensagens ditas “prescritivas”; logo, da ordem da mensagem, até mesmo do bombardeio de mensagens. (Laplanche, 2003/2007, p. 166 - 167)

---

<sup>30</sup> Não podemos dizer que ela o colocava na "categoria menina", já que isso não aparece no filme. Ao mesmo tempo, a mãe o separava da "categoria menino", ao dizer "meninos e Guillaume". Ora, se ela o enxergasse como menino, não haveria motivo para citar apenas o nome dele nessa frase.

O “outro” que prescreve, que designa no gênero, é considerado por Laplanche como o pequeno grupo social mais próximo ao bebê - a mãe, o pai, talvez um irmão ou um primo, e não como o social de forma geral - as instituições, o sociocultural, a sociedade num sentido mais amplo. Esse é um ponto importante na concepção de Laplanche, visto que passa a haver uma mudança de vetor na identificação: em vez de existir uma identificação *com*, há uma identificação *por*. Para Ribeiro, esse processo seria melhor denominado como identificação passiva.

Laplanche dá um passo a mais na TSG, acrescentando a ideia de que a comunicação não ocorre apenas através dos cuidados com o corpo do infante, mas que também circula através do código social, as mensagens do *socius*, que são principalmente as mensagens de designação do gênero que, impregnadas por ruídos trazidos pelos adultos mais próximos, trazem fantasias e expectativas de ordem inconsciente ou pré-consciente. Assim, fica clara a ideia laplancheana de que o gênero precede o sexo e, mais do que isso, é organizado por ele.

A partir da ideia de uma fase genital precoce, postulada por Roiphe e Galenson e adotada também por Laplanche, seria por volta do segundo ano de vida que o sexo viria a traduzir o gênero, e que haveria uma estabilização da noção do próprio gênero. Porém, estamos aqui tratando de uma obra de ficção e, por isso, podemos pensar que a mudança de designação do gênero de Guillaume por parte de sua mãe pode ter afetado sua forma de entender seu próprio gênero. Quando ela passa a dizer que ele seria um garoto homossexual, apesar de tê-lo tratado em muitas ocasiões de forma confusa, talvez como uma garota, Guillaume repensa sua história e passa a se enxergar agora dessa maneira. É interessante notar como há uma mudança clara na forma com que sua mãe trata Guillaume. Até aquele momento as mensagens que ela passava davam a entender que ele pertencia a uma categoria separada da de "menino", talvez uma garota, mas agora ela diz claramente o contrário. Parece que a mãe finalmente tem que se deparar com a questão, é a primeira vez em que os dois falam abertamente sobre como ela vê o filho.

Pensamos que até esse momento, o protagonista parece ir fazendo algumas descobertas em relação a sua forma de se relacionar com sua mãe e quais os destinos que poderia dar para a sua sexualidade, quais seriam as alternativas que ele teria de lançar mão para poder lidar com essas questões.

A parte cômica do filme fica mais acentuada e são mostradas situações em que ele busca por experiências homossexuais, afinal de contas acatou a fala de sua mãe, a designação

agora é outra<sup>31</sup>. Também assistimos algumas cenas engraçadas em que ele é analisado por alguns psicanalistas, apresentados de forma quase caricatural. Ao questionar uma de suas tias sobre como saber se é homossexual ou não, ela diz que até que ele experimente, não irá saber. Assim, ele busca experienciar sua suposta homossexualidade, mas são todas tentativas frustradas.

Em uma cena com um segundo rapaz estando nu em sua frente, Guillaume vê um cavalo no lugar do pênis. Em seguida, tem uma visão de sua mãe dizendo que ele sempre teve medo de cavalos e que aquilo obviamente não iria funcionar. Algo importante acontece nesse momento: Guillaume percebe que sempre fez tudo por medo, principalmente de desapontar sua mãe, e que a única forma de superar seu medo seria domar a coisa que mete medo, no caso, o cavalo (apontando para o pênis de seu interlocutor) - em seguida, começa a fazer aulas de equitação.

Em uma cena sensível e delicada, Guillaume aparece cavalgando enquanto ouvimos a voz de seu professor dizendo: “Não se preocupe, você vai conseguir, mas com uma condição: você não é mais um menino de 8 anos e meio, está bem?”. Em seguida, o professor passa a dizer o que ele deve fazer - amarrar as rédeas, depois largá-las, tirar os pés dos estribos e depois fechar os olhos, instruções às quais Guillaume segue com alguma hesitação. O professor diz “confie no animal”, que começa a se movimentar mais rapidamente, ao passo que o protagonista se sente livre e cavalga de forma triunfante aos olhos do professor. Podemos pensar aqui numa simbologia (que beira a obviedade) pênis-cavalo, na qual essa cena poderia representar a conquista de certa confiança em seu órgão, percebido agora como uma parte importante de seu corpo e não mais um alvo de seu medo. O professor, enquanto uma figura masculina que pode servir como objeto para sua identificação: torna-se homem aos olhos de outro homem. Seu pai, durante todo o filme, não parece se oferecer como objeto de identificação para o protagonista, não se aproxima dele - pelo contrário, o manda para mais longe, nos colégios internos em outros países. Agora parece que o professor pôde ocupar esse lugar.

---

<sup>31</sup> De acordo com Laplanche (2003/2007), não existem mensagens inconscientes dos pais, mas mensagens conscientes-pré-conscientes que portam ruídos, esses sim inconscientes, que podem interferir ou comprometer as mensagens conscientes-pré-conscientes. As mensagens não circulam apenas pela linguagem do corpo e cuidados corporais, já que existem também as mensagens do *socius*, como citado anteriormente, que são principalmente mensagens de designação do gênero. “Mas são também portadoras de muitos ‘ruídos’, todos aqueles trazidos pelos adultos próximos - pais, avós, irmãos -, suas fantasias, suas expectativas inconscientes ou pré-conscientes” (Laplanche, 2003/2007, p. 231).

Aqui encontramos uma grande similaridade com o caso Lance, anteriormente apresentado. Trata-se de um garoto transexual de 5 anos e meio atendido por Greenson, em que ele observou uma grande identificação do filho com a mãe e uma dificuldade no processo de des-identificação. Segundo o autor, o garoto confundia o desejo de possuir a mãe com o de tornar-se essa mãe, algo que se assemelha ao que assistimos acontecer com Guillaume. De acordo com Greenson, o menino, para chegar a um sentimento saudável de virilidade, deve substituir o objeto primário de identificação, a mãe, e se identificar com o pai. Para ele, o desenvolvimento da masculinidade carregaria uma dificuldade especial, e o fato de os homens terem mais insegurança acerca de sua masculinidade teria relação com esse processo, o que nos faz pensar na história de Guillaume e em sua busca por entender sua própria sexualidade, e integrar seus aspectos masculinos e femininos.

Greenson explica que a des-identificação desempenha um importante papel na luta que a criança trava para liberar-se da fusão simbiótica infantil que foi estabelecida com a mãe, e que uma identificação contínua do menino com a mãe pode dificultar ou até mesmo impedir a estruturação de uma identidade de gênero masculina. No menino, sua capacidade de des-identificação com a mãe irá definir o fracasso ou o êxito da posterior identificação com o pai, ou seja, os dois processos são interdependentes e complementares. Esses processos, segundo o autor, sofrem também influência dos comportamentos da mãe e do pai, que podem favorecê-los ou dificultá-los.

Na vida de Guillaume, o pai parece ocupar um lugar de pouco afeto, sempre ao lado dos irmãos do protagonista ou criticando sua forma de ser, seus gestos mais delicados ou seu gosto por história e arte, como na cena aludida anteriormente, em que Guillaume está em seu quarto brincando e se fantasiando como a Arquiduquesa Sissi, ou ainda quando Guillaume encontra a família que o aguarda em um restaurante e está usando uma echarpe, algo que seu pai claramente desaprova, questionando se aquela seria uma nova forma de se vestir, o que deixa Guillaume constrangido. Em outras cenas, podemos notar a expressão de reprovação no rosto do pai ao observar seu jeito mais delicado de agir, ou muito parecido com o jeito da mãe, como por exemplo ao ajeitar o cabelo. Não vemos o pai se aproximando de Guillaume em nenhum momento. Assim, podemos pensar que provavelmente o pai não se oferecia como uma grande alternativa de identificação para o filho, o que, segundo Greenson, seria importante para que esse processo identificatório pudesse acontecer. O autor afirma que é

necessário que o pai ofereça motivos para que a criança se des-identifique da mãe para se identificar com ele.

Permanecendo no tema das identificações, consideramos que na história de Guillaume a identificação feminina primária, conceito desenvolvido por Paulo de Carvalho Ribeiro, também desempenha um importante papel. Apesar das reformulações feitas pelo autor ao longo de sua trajetória acadêmica, pensamos que tal conceito não deve ser completamente abandonado, apesar da ideia de identificação passiva se sobrepor à da identificação feminina primária.

Do ponto de vista da identificação feminina primária elaborada por Ribeiro a partir de algumas ideias de Jacques André, a feminilidade primária é a primeira representação da passividade do bebê diante do adulto sedutor. A criança é moldada a partir da feminilidade, tanto consciente quanto inconsciente da mãe. E aqui estamos nos referindo ao sentido mais próximo da fenomenologia da feminilidade, ou seja, a forma mesmo com que a mãe se apresenta aos filhos, sua forma de ser mulher no mundo, o que nos remete às questões da imitação, que também estiveram no escopo teórico de Ribeiro durante toda a sua trajetória, culminando no livro *Imitação*, sobre o qual nos debruçamos anteriormente e cujas formulações nos ajudarão na compreensão da construção da identidade de gênero em Guillaume.

No livro citado, Ribeiro apresenta os estudos de Gaddini sobre os aspectos da imitação, concordando com a tese de que a incorporação seria “o modelo físico de base para a introjeção, que, em conjunto com a imitação, constitui a forma mais primitiva da identificação” (2011, p. 171). A incorporação estaria no registro da atividade psico-oral, enquanto a introjeção teria um valor mais metafórico, no registro psicossensorial - seria a base oral das identificações. Importante ter em mente que no inconsciente todos os órgãos dos sentidos seriam como bocas, ou seja, a oralidade não se limita a zona bucal. Assim, ao se pensar nas introjeções primitivas, a ideia de “colocar dentro da boca” e de “imitar para perceber” seriam equivalentes, seriam duas formas de fantasia de fusão com o objeto e estariam, portanto, na base das duas vertentes de atitudes em relação ao objeto: “o que gostaria de ter” e “o que gostaria de ser”.

Dessa forma, Ribeiro explica que, para Gaddini, a imitação está ao lado da introjeção, e que elas constituem a base dos processos identificatórios. A imitação desempenha um papel importante na formação das identificações. Para ele:



Imitações e introjeções mais ou menos evoluídas permanecem continuamente ativas, independentemente do fato de representarem os principais elementos constitutivos da identificação. Esta última não pode acontecer sem as primeiras, mas introjeções e imitações, ao contrário, podem ocorrer sem que conduzam à identificação (Gaddini, 1969, p. 479 apud Ribeiro, 2011, p. 174, tradução do autor)

No mesmo livro, Ribeiro retoma o caso Lance, garoto atendido por Greenson, para tratar das questões da identificação e da imitação no que concerne à identidade de gênero. Ribeiro aponta que Greenson observou em Lance uma enorme capacidade de mimetizar gestos e comportamentos de outras pessoas, tendo preferência por imitar modelos femininos, chegando a comentar sobre a roupa ou a forma com que a esposa de Greenson se arrumava ou se vestia. Para Greenson, Lance demonstrava uma forma oral de lidar com o mundo externo e uma grande dificuldade no desenvolvimento de sua individuação, mantendo uma noção de que ser e ter seriam equivalentes. Podemos observar um movimento psíquico bastante parecido em Guillaume, pensando tanto nos momentos em que ele explicitamente imita sua mãe, quanto naqueles em que isso acontecia sem que houvesse uma motivação consciente. Assim como Lance, Guillaume parece ter sido exposto em demasia ao corpo de sua mãe, numa intensidade que trouxe efeitos identificatórios profundos, inclusive acarretando numa busca por ser como sua mãe, muito mais do que ter sua mãe.

Nesse ponto, é possível fazer uma relação entre as ideias de Gaddini sobre a imitação e a identificação e o caráter oral das relações de Guillaume, assim como fez Ribeiro sobre o caso Lance. Conforme apresentamos anteriormente, Gaddini postula que existem dois registros psíquicos diferentes envolvidos nas formas de apreensão do objeto, o sensorial e o oral:

No registro oral, a forma de se ter o objeto é colocá-lo dentro do corpo, por meio de fantasias de incorporação. No registro sensorial, tenta-se reviver a satisfação gerada pela presença do objeto por meio da modificação do próprio corpo, o que resulta nas percepções imitativas. O mecanismo de incorporação e as percepções imitativas evoluem para dar origem, respectivamente, à introjeção e à imitação, que formam, em conjunto, as bases da identificação. (Ribeiro, 2011, p. 208)

Mais adiante, acompanhamos Guillaume em uma “reunião de meninas”, organizada por uma amiga, à qual ele se convida. Ele relembra algumas frases que escutou ao longo de sua vida, como “este rapaz é muito feminino!”, “Você é tão homossexual que se tornou uma lésbica!” e “Meninos e Guillaume, está na mesa!”. Pela primeira vez, ouve alguém dizer “Meninas e Guillaume, está na mesa!” e adora a frase, repetindo algumas vezes e pensando

que nunca imaginou ouvir aquilo - agora já não é confundido ou designado com uma garota. Na reunião conhece Amandine e sorri para ela, se interessa e se deixa conhecer, sem sentir medo, pois agora parece estar mais identificado com sua masculinidade.

Meses depois, Guillaume vai conversar com sua mãe e diz que tem duas notícias para anunciar. A primeira é que decidiu escrever uma peça de teatro sobre um rapaz que aprende a aceitar sua heterossexualidade numa família em que diziam que ele era homossexual, em uma óbvia alusão à sua própria história, o que é questionado pela mãe: "como sabiam que o rapaz era 100% heterossexual, onde estaria a prova, já que toda a família acredita que ele é homossexual?". Confiante, Guillaume responde que não é questão de porcentagem e que a prova é ele poder estar apaixonado por uma mulher. Irritada, a mãe diz que "isso é bicha arrependida, mas e concretamente?" A partir dessa reação de sua mãe, Guillaume tem um *insight* e percebe que é ela quem tem medo: o medo de que ele ame outra mulher além dela. Surpreso com sua constatação, Guillaume faz um discurso tocante e lúcido, que resume sua trajetória até aquele momento:

Queria dizer a ela que sempre a amei. Não é por eu amar Amandine que vou deixar de amá-la. Queria dizer a ela que é por causa dela que eu amo tanto as mulheres. É por causa dela que aprendi a olhar para as mulheres, e principalmente a ouvi-las. Queria dizer a ela que foi o seu pudor que me deu as palavras. A sua elegância que me deu uma boa postura. O seu humor que me deu vontade de rir de fazer rir os outros. O seu aprumo que me deu coragem. Queria dizer a ela que é graças a ela que eu estou aqui. Queria, mas não posso, porque se lhe disser vou começar a chorar e os rapazes não choram. E como eu a conheço, se eu lhe disser ela vai ficar constrangida. Porque ela é muito honesta, a minha mãe. Mesmo quando ela me chama de "querida" de vez em quando, ela sabe que sou um rapaz. Embora fingíssemos o contrário, eu e ela. Porque nos convinha aos dois. Ela para ter uma filha e eu para ser diferente dos meus irmãos, para me distinguir. Mas isso acabou porque eu amo Amandine. E Amandine me ama.

É interessante observar que essa é a primeira vez que sua mãe aparece sendo interpretada por uma atriz, já que até esse momento era Galliene quem dava vida à ela. Esse é um fato importante, que parece simbolizar a recém adquirida capacidade de separação, de des-identificação de Guillaume dessa mãe.

Retornando à cena com sua mãe, Guillaume diz que a segunda notícia é que ele e Amandine iriam casar, ao passo que sua mãe responde "com quem?", mostrando que, aparentemente, para ela nada havia mudado.

Com esse questionamento da mãe de Guillaume, encerramos nosso percurso de análise de sua história. Podemos especular que, apesar de Guillaume agora se perceber como um

rapaz heterossexual, tendo elaborado suas questões acerca de sua própria sexualidade e sua identidade de gênero, para a mãe isso não pareceu um caminho possível. Levantamos a hipótese de que ela não tenha recursos para lidar com a sexualidade ou especificamente com a identidade de gênero desse filho com o qual construiu uma relação peculiar. Ou, ainda, para essa mãe isso não é uma questão e ela continua identificada com seu Guillaume. Essa fala expressa sentimentos confusos mesmo depois de Guillaume deixar claro para ela o que havia podido, ele mesmo, compreender sobre sua própria identidade.

#### 4.2 - Fato clínico: Ariel em busca de um lugar psíquico

Quem procurou atendimento psicológico para Ariel<sup>32</sup> foram seu pai, João, e sua madrasta, Fernanda, com quem a adolescente morava há alguns anos. Na mesma casa moravam também um irmão mais novo (filho do pai e da madrasta) e os filhos do primeiro casamento da madrasta. Quando buscaram o atendimento, a demanda era para que os três fizessem psicoterapia, mas naquele momento houve vaga apenas para Ariel, que tinha o desejo de começar um processo terapêutico. Fui convidada para fazer os atendimentos da adolescente por estar interessada no tema das identidades de gênero, já que naquele momento estava realizando minha pesquisa de mestrado sobre o assunto.

Os primeiros dados de Ariel com os quais entrei em contato estavam em um breve relatório realizado por outra psicóloga. Nele, Ariel relatou sentir-se muito mal em suas relações familiares, tanto com o pai e a madrasta quanto com a mãe e o padrasto. Desde o ano anterior havia passado a se perceber como um garoto transexual, ou seja, uma pessoa que tem o corpo feminino, mas se sente pertencendo ao gênero masculino, o que passou a causar muitos conflitos com sua família. Outro fato importante observado no relatório e que voltou a aparecer em nossos encontros era o hábito de a adolescente usar uma lâmina para fazer cortes em seu corpo: coxas e barriga eram os locais mais frequentes pela possibilidade de esconder, mas não eram raras as vezes em que mostrava-me cortes nos braços também, sempre cobertos por um moletom ou camiseta de manga longa para que João e Fernanda não vissem.

Nosso primeiro encontro foi peculiar. Nos momentos que antecederam a primeira entrevista, eu me sentia nervosa e aflita: mãos suando, rosto avermelhado e uma sensação de ansiedade, muito diferente de como costumo me sentir com outros pacientes. Recebo Ariel e percebo que ela também está avermelhada e inquieta, tendo inclusive alguns acessos de tosse durante a conversa, o que a levou a precisar de um copo d'água para conseguir falar. Também pude observar em nossos encontros seguintes que esse não era seu modo habitual de ser. Penso que foi como se chegássemos uma a outra e nos impactássemos mesmo antes de estarmos fisicamente juntas, talvez por imaginarmos a potência desse nosso encontro.

Ariel passou a me relatar o que a levou até ali: sentia-se muito sozinha, inclusive em sua casa, distante dos pais e irmãos, largada e incompreendida por todos. Sentia que estava

---

<sup>32</sup> Nomes fictícios. A escolha do nome e do pronome feminino utilizados será justificada mais adiante.

apenas sobrevivendo, sem poder existir de fato. Sua experiência era de não pertencimento. Não sentia que a casa do pai era também sua casa, menos ainda a casa de sua mãe ou de seus avós, a quem recorria com certa frequência quando se percebia mais vulnerável. Foram muitas as queixas de que seus responsáveis deveriam ser seus pais, mas que sentia-se "empurrada" para a casa dos avós. Em alguns momentos, pude entender que tais queixas serviam como um pedido para que eu me ocupasse dela, para que assim ela pudesse pertencer a algum lugar. É interessante notar que de fato isso aconteceu: eu me sentia ocupada por ela em alguns momentos anteriores e também posteriores aos nossos encontros, sua presença parecia viva dentro de mim e várias situações me remetiam às nossas conversas.

Desde muito nova se lembrava de ser mais próxima de seu pai do que de sua mãe, de gostar mais de estar com ele, cujo trabalho em escola infantil parecia propiciar uma maior compreensão do mundo infantil. Quando os pais se separaram, Ariel ainda era criança e foi uma situação bastante confusa para ela, pois envolveu traição por parte do pai, sendo que Ariel soube disso antes de sua mãe, que a envolvia nos problemas do casal. Ela se percebia "no meio", sendo envolvida em uma história que não era sua. Os discursos da mãe e do pai eram sentidos como tentativas de justificar suas atitudes, provar que estavam certos nas situações que decorreram da separação, o que a deixava bastante confusa.

Após a separação, Ariel quis morar com o pai, justamente pela proximidade com este. Na casa também moravam a madrasta e seus filhos, que se revezavam entre a casa da mãe e do pai. Com essa nova esposa, o pai teve mais um filho, que na época estava com quatro anos, e com quem Ariel gostava de brincar. No início sentia que se relacionava bem com Fernanda, mas passou a sentir-se perseguida por ela ao longo do tempo. Chegou a voltar a morar com a mãe, num episódio a que se refere como uma fuga. Sentiu-se obrigada por Fernanda a encerrar um relacionamento amoroso que mantinha com uma garota, o que a deixou bastante magoada e motivou essa fuga para a casa da mãe, que, nesse momento, já estava casada com outro homem. Porém, com eles também se desentendeu e voltou a morar com a nova família do pai.

Ariel parecia estar constantemente angustiada, buscando encontrar um lugar psíquico, um casal parental que pudesse verdadeiramente olhá-la e desejá-la, o que nos faz pensar numa possível precariedade no processo que Bleichmar denomina de narcisismo transvazante:

Essa dupla posição do outro, que poderíamos caracterizar como o outro da ternura e o outro da paixão, mantém uma espécie de homotesia com a constituição da tópica psíquica na criança. Isto quer dizer que o adulto sedutor implanta mensagens sexuais,

cuja tradução depende da oferta que o próprio adulto faz à criança, dos recursos de simbolização, contenção e apaziguamento que acompanham sua ternura e seu acolhimento narcísico. Trata-se aqui do que Bleichmar designou, de forma tão apropriada, como o “narcisismo transvazante” dos pais e demais pessoas que tomam a criança como objeto de cuidado e amor. (Carvalho e Ribeiro, 2007, p.16).

Na época em que os nossos encontros aconteciam, estava sendo televisionada no horário nobre da Globo a novela *A força do querer*, que trazia Ivana, uma personagem adolescente que ao longo da trama se percebeu como um garoto, passando por um difícil processo de transexualização, que culminou inclusive numa cirurgia de readequação genital. Para Ariel, foi muito importante poder se ver representada em uma produção cultural de tamanho alcance. Alguns membros de sua família, como seus avós e seu tio, começaram a fazer uma relação entre ela e a personagem, conseguiam respeitar e entender um pouco mais sobre o que estava acontecendo com Ariel. A novela ajudou a nomear a experiência para a família e nesses momentos ela se sentia vista de uma outra forma, sentia que tinha um lugar naquela família que não era apenas de uma "adolescente confusa", como eles diziam, mas que, aos menos parte de suas vivências tinham algum sentido para eles.

Na novela, a personagem se "transforma" em Ivan, e a família de Ariel passou a fazer algumas brincadeiras com isso, chamando-a por esse nome. A questão do nome nos parece bastante importante para nos ajudar a entender o que se passava com ela. Quando passou a se questionar sobre seu próprio gênero, escolheu um nome social ambíguo, ou seja, que é frequentemente usado tanto para homens quanto para mulheres. A escolha do nome fictício “Ariel” no presente trabalho nos pareceu contundente por guardar a mesma ambiguidade. Além disso, Ariel é o nome da personagem principal do filme de animação *A pequena Sereia* (1989), no qual a personagem principal, uma sereia adolescente, passa grande parte da história sonhando em ser humana e procurando um lugar no qual pudesse sentir-se pertencendo, algo similar ao que observamos na trajetória de Ariel. Durante as sessões, Ariel remetia a si mesma ora no gênero masculino, ora no feminino, o que me levou a referir-me a ela dessa mesma forma. O nome social que escolheu remete, em outro idioma, ao mundo das vestimentas, o que nos fez pensar novamente na busca de Ariel por um contorno ou um continente.

Os cortes que fazia em sua pele também nos colocam a pensar sobre sua angústia de "não caber em si mesma", como dizia. Essa prática acontecia em momentos de intensa angústia, nos quais sentia que precisava extravasar de alguma forma - relatava a sensação de que a dor física pudesse aplacar sua dor psíquica. Não caberia aqui entrar nos pormenores das

situações de autolesões, tão frequentes na população adolescente da contemporaneidade, mas uma das falas de Ariel ao relatar uma situação na qual havia se machucado após uma discussão familiar pode ajudar a entender o que esse comportamento significava para ela: “É uma coisa que eu não sei explicar. Falei que cortei meu cabelo, né? Foi porque tava com raiva, mas no dia seguinte me cortei nos braços. Só tava procurando alguma fuga. Não queria mais sentir aquilo, queria sentir qualquer outra coisa”.

Em muitos de nossos encontros, Ariel trazia os conflitos com Fernanda e o desejo de que João se separasse dela para que os dois fossem morar juntos, uma ideia que o pai reforçava quando conversavam, mas ela não sentia que poderia acontecer, pois suas atitudes mostravam o contrário. Contradições eram muito relatadas por ela, tanto por parte de seu pai quanto de sua mãe, que ora aceitava sua identidade de gênero, dizendo que não concordava mas que iria respeitar e chamá-la por seu nome social, ora dizia que aquilo não estava certo aos olhos de Deus. Ariel não sabia o que esperar dos adultos que a rodeavam, o que lhe causava grande angústia - na relação familiar sentia estar mergulhada numa vivência constantemente enigmática.

A relação com o pai é uma questão que nos chama atenção no caso de Ariel. No decorrer do nosso percurso, foi se tornando claro para mim que havia um investimento objetal exclusivo ou quase exclusivo no pai e, ao mesmo tempo, uma indiferença com relação à mãe. A forte ligação com o pai oferecia um lugar de possível acolhimento e sustentação, enquanto com a mãe a experiência era de um vazio afetivo, uma mãe emocionalmente ausente. Assim, pensamos numa fragilidade identificatória em Ariel, questão trabalhada em nosso percurso.

Pensando nas questões das primeiras identificações, nossa hipótese é de que houve uma precariedade na constituição da identificação feminina primária, conceito desenvolvido por Paulo de Carvalho Ribeiro e já apresentada no capítulo teórico da presente pesquisa e também na análise do filme *Eu, Mamãe e os Meninos*. Novamente achamos importante salientar que, apesar das reformulações feitas pelo autor, pensamos que tal conceito não deve ser completamente abandonado, ainda que a ideia de identificação passiva possa se sobrepor à da identificação feminina primária. Como o conceito já foi anteriormente trabalhado em profundidade, partiremos da premissa de que o leitor está familiarizado e, por isso, retomaremos apenas o essencial para que possamos apresentar a discussão sobre nossa hipótese acerca da inconsistente identificação feminina primária em Ariel.

A noção de identificação feminina primária foi formulada por Ribeiro a partir de

algumas ideias de Jacques André sobre as origens femininas da sexualidade. De acordo com Ribeiro, M. F. R. (2011), J. André parte da teoria da sedução generalizada de Laplanche e da posição de passividade originária do bebê em relação ao adulto sedutor para afirmar que há uma dupla alteridade na qual o bebê se situa no momento inicial da vida psicosssexual: a do adulto e a do inconsciente desse adulto. Nesse encontro há mais sedução do que relação, já que na criança há muito mais questões “injetadas” do que sua capacidade de compreensão e elaboração poderiam alcançar. Deste modo, “a vida psicosssexual não começa pelo ‘eu introjeto’, mas por um ele implanta, ele intromete; e sem saber o que faz. . . . A criança é penetrada por efração” (M. F. R. Ribeiro, 2011, p. 64). A autora entende, a partir desse ponto de vista, que, ao mesmo tempo em que traumatiza, a mãe introduz o bebê no mundo adulto sensualizado.

Para Ribeiro (2000), retomando a questão dos dois tempos do recalçamento, a hipótese sobre a identificação feminina primária é a seguinte:

O primeiro tempo do recalçamento da feminilidade primária corresponde ao processo pelo qual a criança é moldada de acordo com a feminilidade consciente e inconsciente da mãe, sem que essa feminilidade, para a criança, se oponha à diferença anatômica entre os sexos ou com ela se relacione. Penetrar e ser penetrado, ter e ser o objeto, coalescem, nesse primeiro tempo, numa experiência única, na qual passivo e ativo, masoquista e sádico não são pares de opostos, mas vivências homogêneas de um gozo sem oposição. O segundo tempo coincide com a descoberta da diferença anatômica dos sexos, sua incidência sobre a diferença dos gêneros e o imperativo de se posicionar perante essas diferenças. Esse é o momento em que a feminilidade primária se sexualiza (nos dois sentidos do termo) e passa a ser comparada, avaliada e medida a partir do padrão fálico. . . . É essa, então, a feminilidade primária recalçada tanto nos meninos quanto nas meninas. Desse momento em diante, a feminilidade que passará a existir num e noutro sexo será secundária, irremediavelmente marcada pelo falo e, tanto quanto a masculinidade, permanentemente em prontidão contra seu protótipo recalçado. (Ribeiro, 2000, p. 257)

É a partir disso que o autor traz para a cena o papel da identificação na aquisição da feminilidade, sendo ponto fundamental a noção de que a criança é moldada a partir da feminilidade consciente e inconsciente da mãe. Retomando a discussão entre imitação e identificação, ele entende que “imitação e identificação são fenômenos cujas fronteiras são imprecisas justamente por estarem implicados nos efeitos de *a posteriori* que regem a temporalidade do recalçamento.” (Ribeiro, 2000, p. 262) Em trabalho posterior, o autor (2011) se debruça sobre o tema da imitação e afirma, a partir dos estudos de Gaddini, que a incorporação seria “o modelo físico de base para a introjeção, que, em conjunto com a



imitação, constitui a forma mais primitiva da identificação” (p. 171). No entendimento de Ribeiro, o mecanismo de incorporação e as percepções imitativas dão origem, respectivamente, à introjeção e à imitação, que irão formar as bases da identificação (Ribeiro, 2011).

Na história de Ariel podemos pensar no modo de presença da mãe, principalmente nos momentos iniciais da constituição de seu psiquismo. Talvez tenha ocorrido uma fragilidade na identificação, o que pode ter dificultado uma possível transmissão da feminilidade de mãe para filha. Nos questionamos sobre qual terá sido a forma de cuidado possível para a mãe naquele momento, de que maneira ela pôde entrar em contato com as necessidades de Ariel e como foi o encontro com o desamparo inicial de sua filha. Lembrando as ideias de Laplanche nas palavras de Lattanzio:

somos marcados por uma condição antropológica fundamental, caracterizada pelo fato de que nascemos completamente expostos e desamparados, num mundo em que a própria sobrevivência da criança se dá em permanente confronto com os adultos, cujo psiquismo já está marcado pela clivagem e pela sexualidade inconsciente. (Lattanzio, 2011, p. 113)

Há um confronto inicial entre o adulto e a criança, que envolve uma relação essencial de atividade-passividade e que está ligada ao fato inevitável de que o psiquismo dos pais é mais “rico” que o da criança. Aqui, pensamos na sedução originária, situação "fundamental em que o adulto propõe à criança significantes não verbais assim como verbais, inclusive comportamentais, impregnados de significações sexuais inconscientes" (Laplanche, 1987, p. 134). Os cuidados despendidos pela mãe só são sedutores porque não são transparentes, mas opacos, ou seja, veiculam o enigmático. O enigma é aqui entendido como as mensagens sexuais enviadas ativamente, ainda que de forma inconsciente, pelo adulto para o infante, que as recebe de forma passiva. Tais mensagens são enviadas não pela forma verbal, já que se trata de um bebê, mas pela via dos cuidados. “O bebê, então, recebe um a mais enigmático, que parasita, por assim dizer, as trocas que sua mãe estabelece com ele” (Lattanzio e Ribeiro, 2012, p. 509).

Para Ribeiro, há duas faces na relação de penetração que ocorre no contato corporal entre mãe e filho. A primeira face consiste numa espécie de prolongamento da sedução originária e, portanto, seria posterior à primeira noção de eu. Nesse momento, considerando a condição epidérmica do eu ainda incipiente, assim como a posição passiva do bebê em relação ao adulto e à potência das fantasias inconscientes desses adultos - nas quais existem

representações de penetração - as sensações físicas experimentadas, os odores e os sons captados adquirem uma potencialidade de representação em termos de penetração. A outra face teria a ver com o envolvimento da mãe com o corpo da criança, a noção de *holding* que Winnicott introduz na psicanálise. Seria o acolhimento, em que à criança é reservado um espaço interior metafórico, como uma boca e, por isso é possível pensar na ideia da criança como objeto penetrante da mãe.

Toda a linguagem corporal que domina a relação da mãe com a criança e que, na maioria das vezes, faz parte de uma intimidade exercida na privacidade de recintos reclusos, é uma linguagem profundamente marcada pela sexualidade inconsciente da mãe, na qual se encontram todas as marcas da sedução que ela própria sofreu e cujos restos pulsionais transpiram nos cuidados prodigados e no amor onipotente que ela derrama sobre sua cria. (Ribeiro, 2000, p. 273)

Dessa forma, para Ribeiro, a identificação com a mãe é indispensável para o surgimento da feminilidade, tanto nos meninos quanto nas meninas. É justamente por essa compreensão que o conceito de identificação feminina primária nos parece continuar sendo importante ferramenta para nos auxiliar no entendimento da transmissão da feminilidade.

Talvez Ariel tenha se identificado precocemente com a masculinidade como uma forma de defesa da fragilidade do vínculo com a feminilidade da mãe. Como forma de sobrevivência psíquica, ligou-se ao pai, lugar mais seguro e onde podia sentir a existência de algum desejo. Do lado da mãe, parecia haver um branco, um estado de não presença. A mãe não habitava o psiquismo de Ariel. A relação com a mãe parecia ser morna, sem vida, desvitalizada. Os momentos nos quais a relação parecia se vitalizar um pouco, diziam respeito a conflitos sobre a identidade de gênero de Ariel, já que a mãe tinha uma ligação forte com uma religião que, de forma geral, não aceita a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero.

Ao pensar na gênese infantil do ser humano, que envolve a tríade gênero-sexo-Sexual, Laplanche reafirma a importância da alteridade na constituição do psiquismo e a simultaneidade criança-adulto, pensados como os elementos essenciais no *après-coup*. O autor coloca o gênero em primeiro lugar, invertendo a ordem e o primado da base sexuada, em que o gênero seria uma tradução do sexo. Para ele, a designação ocupa lugar central no processo de aquisição do gênero. A ideia de “designar” coloca o outro como parte fundamental no processo:

A designação é um conjunto complexo de atos que se prolongam na linguagem e nos comportamentos significativos do entorno. Poder-se-ia falar de uma designação

contínua ou de uma verdadeira prescrição. Prescrição no sentido de que se fala de mensagens ditas “prescritivas”; logo, da ordem da mensagem, até mesmo do bombardeio de mensagens. (Laplanche, 2003/2007, pp. 166-167)

Conforme já exposto anteriormente, Laplanche entende esse "outro" que prescreve e faz parte da designação do gênero como o pequeno grupo social próximo ao bebê, ou seja, a mãe, o pai, um irmão ou um primo, ou seja, não fazem parte as instituições e a sociedade num sentido mais amplo. É importante ressaltar que nesse ponto há uma inversão no vetor da identificação para o autor: passa a existir uma identificação *por*, no lugar de uma identificação *com*. Laplanche propõe o pensamento de que “a identificação primitiva [é feita] *pelo socius* da pré-história pessoal” (Laplanche, 2003/2007, p. 167). Assim, a partir da teoria da sedução generalizada (TSG), Laplanche propõe a ideia de que o gênero precede o sexo e é organizado por ele, baseando-se na noção das mensagens vindas do outro, que carregam códigos ou ondas transmissoras, que são a linguagem pré-consciente-consciente. O inconsciente parental contém, portanto, certos “ruídos”, que interferem e comprometem essa linguagem pré-consciente-consciente.

Indo além na TSG, Laplanche acrescenta a noção de que a comunicação vai além dos cuidados corporais com o bebê, circulando também através do código social, as mensagens do *socius*, que são principalmente as mensagens de designação do gênero que, impregnadas por ruídos trazidos pelos adultos mais próximos, trazem fantasias e expectativas de ordem inconsciente ou pré-consciente.

Esses desejos inconscientes também vêm infiltrar-se na designação do gênero. É, pois, o sexuado e principalmente o Sexual dos pais que vêm *provocar ruído* na designação. Digo “principalmente o Sexual”, pois prezo muito a ideia de que, em última instância, os adultos na presença da criança reativam, sobretudo, sua *sexualidade infantil*. (Laplanche, 2003/2007, p. 169, grifos do autor)

Ao retomar os estudos de Roiphe e Galenson, que propuseram a ideia de uma “fase genital precoce” e de uma “reação de castração”, Laplanche afirma que é nessa fase genital precoce, que ocorre por volta do segundo ano de vida, que o sexo vem fixar e traduzir o gênero. Até então o gênero seria designado e adquirido, porém ainda enigmático.

Ariel desde muito nova sentia-se diferente das outras meninas, mas isso não era um problema para ela. Era mais masculina em gestos e atitudes, gostava de esportes e brincadeiras mais típicas dos garotos de sua escola. Lembra que certa vez ganhou uma boneca e não sentiu desprezo ou raiva, apenas não fazia sentido para ela brincar com aquilo - preferia

uma bola de futebol, entendida por ela como fazendo parte do universo dos meninos. Cerca de quatro meses após o início de nossos encontros, Ariel relatou que na família circulava a ideia de que seu pai sempre quis ter um filho, de preferência que fosse do sexo masculino, ao passo que sua mãe ainda não se sentia pronta para a maternidade. Mesmo assim acabou engravidando de Ariel e no primeiro ultrassom realizado, o médico informou que se tratava de um menino, pensamento que permaneceu até o segundo exame de imagem que mostrou tratar-se de uma menina. Quando questionado por Ariel, o pai nega a história, mesmo que a mãe e o resto da família continuem confirmando.

A partir do exposto e retomando as questões da identificação *por* e o papel da designação na constituição da identidade de gênero elaborada por Laplanche, podemos nos questionar sobre qual terá sido o desejo inconsciente desse pai, quais mensagens podem ter sido enviadas nos momentos primitivos de constituição psíquica de Ariel, afinal o inconsciente parental contém certos “ruídos”, que vão interferir e comprometer a linguagem pré-consciente-consciente.

Não queremos cair na ideia stolleriana de que a presença de "mãe demais e pai de menos" (ou o seu contrário) seria a fórmula para entender os desarranjos a respeito do gênero, o que nos traria o risco de incorrer numa essencialização e em um determinismo com os quais não concordamos. Porém, seguindo o pensamento de Laplanche, podemos nos questionar sobre o que terá sido reativado no inconsciente desses pais na presença de Ariel, principalmente no que se refere à própria sexualidade infantil desses pais. Qual terá sido o impacto que as fantasias e as expectativas geradas pelo primeiro ultrassom e, claro, pelo possível desejo anterior de que Ariel fosse um garoto, tiveram em sua história? A seguinte passagem pode ajudar a esclarecer a questão:

Um pai pode designar conscientemente o gênero masculino ao filho, mas pode ter esperado uma filha ou mesmo desejar inconscientemente penetrar uma filha. É afinal muito mal explorado esse campo da relação inconsciente dos pais com seus filhos; e penso que ele não se infiltra apenas nos cuidados corporais, nas primeiras mensagens, geralmente maternas (mas não necessariamente só maternas). Esses desejos inconscientes também vem a infiltrar-se na designação do gênero. (Laplanche, 2003, p. 169)

Em alguns de nossos encontros, Ariel relatava o sentimento de ter sido deixada de lado quando seu pai finalmente teve um filho homem com sua nova esposa. A fantasia de Ariel era de que o pai a tratava "como menino" em determinados momentos de sua infância por conta desse desejo, negando sua feminilidade, inclusive ao lhe dar de presente roupas

masculinas de esporte iguais às que usava. Ariel mantinha um corte de cabelo que, de acordo com ela, não deixava claro seu gênero, e em algumas situações em que jogava futebol com seu pai em um parque, por exemplo, a chamavam de menino, o que não a incomodava, nem ao seu pai. Ao contrário, sentia que ele ficava satisfeito. Para Ariel, o pai se afastou quando esse outro filho nasceu e hoje é com ele que brinca mais, pratica esportes e dá roupas iguais às dele. Assim, fica claro o sentimento de ter sido trocada, de ter perdido o amor paterno. Parece que houve o fortalecimento ou incremento dessa construção identitária masculina como uma tentativa de manter uma proximidade emocional com o pai, numa busca para não perder esse objeto tão intensamente investido.

Cerca de dois anos antes do início de nossos encontros, Ariel viu na mídia e também em uma palestra em sua escola, informações sobre a transexualidade e “se viu ali”, sentiu que era aquilo que acontecia com ela. Até então imaginava que seria uma garota lésbica, já que se sentia atraída por outras garotas, porém percebeu que não era exatamente isso, mas que “o corpo é que estava errado”. Como ainda não tinha independência financeira, eram seus pais ou sua madrasta que compravam suas roupas, o que era motivo de bastante atrito, pois Ariel gostava de roupas mais largas, bermudas e tênis, enquanto os outros queriam que usasse saia, vestido ou roupas mais justas. Em nossos encontros, ela costumava ir vestindo roupas de times de futebol ou basquete, esportes que gostava de praticar e que pareciam lhe garantir um sentimento de segurança e autenticidade, isto é, certa proximidade com o universo masculino, pois mesmo as roupas femininas próprias para esses esportes, dizia ela, costumavam ser mais largas do que as outras.

Assim como a história de Guillaume nos remeteu, na seção anterior, ao caso de Lance, atendido por Greenson, Ariel nos remete ao caso de Bénédicte, atendido por McDougall e apresentado no primeiro capítulo, bem como a algumas formulações teóricas feitas pela autora. As grandes semelhanças nos parecem ser os questionamentos sobre seus corpos e seus gêneros, além da busca de ambas pelo pai. Nos parece interessante a ideia de órfã psíquica, usada por McDougall na análise de sua paciente, que contava com uma mãe psiquicamente ausente e um pai morto. Apesar de ambos os pais de Ariel estarem efetivamente vivos, sua sensação de ser “jogada” e “largada” nos faz pensar em uma condição parecida, além do fato de Ariel também perceber sua mãe como emocionalmente ausente, distanciada, sem desejo.

A brincadeira adolescente de Bénédicte, que consistia em fingir escolher roupas masculinas por ser funcionária de uma importante empresa, foi interpretada por McDougall

como uma tentativa de buscar e manter um contato erótico com o pai:

A imagem da menininha tentando desesperadamente encontrar seu pai perdido por intermédio de significantes pré-verbais - mesmo assim identificadores - começou a estampar-se em minha mente. As jaquetas, com seu cheiro de homem, pareciam ter adquirido a importância de objetos transicionais para a criança enlutada. (McDougall, 2001, p. 93)

Em Ariel, parece existir uma busca parecida: é como se ela buscasse pelo amor do pai identificando-se com ele e com suas características. Os casos de Ariel e Benédicte nos fazem pensar na ideia freudiana de que o objeto perdido pode transformar-se em objeto de identificação, pensamento presente em *Luto e Melancolia*, texto de 1917.

Nos chama a atenção o fato de que seu pai era professor de esportes e de que Ariel gostava de usar roupas largas e masculinas justamente do mesmo estilo que ele e que era incentivada por ele na infância. Talvez ela continuasse procurando que ele visse nela as qualidades que sentia que ele queria ver, o que nos parece funcionar novamente como uma busca por identificar-se com esse pai.

Outra conceituação que nos parece bastante pertinente e que nos ajuda a pensar o caso de Ariel é a noção de neo-sexualidades formulada por McDougall.

Poderíamos dizer que "neo-sexuais", sejam de orientação homossexual ou heterossexual, foram obrigados a reinventar o erotismo sexual e as relações de amor, e que a obrigação de criar tais soluções está frequentemente ligada às transmissões parentais silenciosas ou às comunicações errôneas relacionadas à identidade sexual, à sexualidade adulta e às noções sobre qual seria a substância da "feminilidade" e da "masculinidade". (McDougall, 1999, p. 21)

Para a autora, a erotização seria um caminho possível para superar o trauma psíquico do início da vida, possibilitando que Eros triunfe sobre Tanatos, e esses arranjos ou cenários incomuns – neo-sexuais – serviriam ao propósito de uma autocura frente aos ameaçadores conflitos neuróticos ou psicóticos latentes. Dito de outra maneira, as formas de ser que destoam do que costumamos entender como a "norma", aquilo que é esperado, servem tanto para consertar fraturas nos sentimentos de identidade subjetiva e sexual, quanto para proteger os objetos internos dos sentimentos de ódio inconsciente e destrutividade. Para ela, a identidade sexual representa uma criação particular e singular que cada sujeito faz ao tentar dar soluções aos conflitos presentes desde o início da vida, uma forma de preservar a sobrevivência psíquica. É uma capacidade de erotizar experiências insuportáveis.

Para McDougall (2001), a liberação sexual que começa a ocorrer a partir do séc. XX

nos permite observar o gênero neutro e a identidade sexual que são frequentemente flutuantes, ou seja, não se pretendem entidades fixas na organização psicosexual. De acordo com ela, ninguém nasce "homem" ou "mulher", mas se torna "homem" ou "mulher" conforme o que os medos e desejos dos pais e do discurso familiar autorizarem.

Em suma, a fim de obter uma vida sexual e amorosa satisfatória, muitos indivíduos, tentando se conformar ao inconsciente parental, juntamente com as aterrorizantes e arcaicas fantasias pré-genitais e bissexuais, encontram-se obrigados a inventar os meios pelos quais os angustiantes sentimentos de castração, aniquilação, identidade sexual confusa, vazio, morte interior possam ser transformados através de criações eróticas (McDougall, 1999, p. 18)

Podemos pensar que, para dar conta da fragilidade identificatória vivenciada em seus primeiros anos de vida, Ariel encontrou em uma solução neo-sexual algo que pudesse dar sentido às suas experiências e manter vivo seu psiquismo. Como diz McDougall (2001), as identidades sexuais flutuantes não se pretendem entidades fixas na organização psicosexual, e o fato de Ariel se referir a ela mesma ora como pertencente ao gênero masculino, ora ao feminino, me fez pensar que era essa a solução possível para ela naquele momento.

Trabalhamos as relações que ela estabelecia com os familiares, as sensações de não pertencer a nenhum lugar (muitas vezes ia para a casa da avó e demorava mais do que o esperado para voltar à casa do pai) e de ser perseguida pela madrasta e pelo padrasto. Percebemos que para ela era muito difícil ver seus pais com novos companheiros, principalmente o pai, com quem estabeleceu uma identificação intensa, conforme exposto anteriormente.

Ao final de nosso breve percurso, Ariel foi morar com a mãe e a tia em outra cidade e por isso foi necessário encerrarmos nossos encontros. Nessa época os cortes auto-infligidos foram diminuindo, apesar de não terem desaparecido. Pensamos que nesse processo terapêutico, Ariel pôde ter comigo a experiência de um vínculo emocional seguro e constante, muito diferente de suas experiências até então. Sentia que minha escuta aliviava sua angústia e, mais ainda, possibilitava dar forma e significado ao que pensava e sentia. Grande parte do trabalho era que eu pudesse me colocar como continente para a paciente, podendo traduzir em palavras suas vivências. O pertencimento que ela tanto buscava pôde ser vivenciado na experiência analítica comigo. Um encontro breve e transformador.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo da presente pesquisa, procurei delinear o aparecimento do conceito de gênero no campo da psicanálise e alguns de seus desdobramentos teóricos e clínicos, bem como estudar as construções identificatórias femininas e masculinas, traçando um panorama conceitual que nos ajudasse a entender o que a psicanálise tem a dizer sobre tais temáticas.

Inicialmente, pontuei os primeiros momentos nos quais o termo *gênero* foi utilizado por pensadores da psicanálise, o que me levou ao importante e original trabalho de Robert Stoller (1968/1993), autor indispensável àquele que se dedica a estudar de que forma a psicanálise pode pensar as questões de gênero. Desde o início desse percurso havia me interessado pela inovadora noção de neo-sexualidades de Joyce McDougall (1999; 2001), que se mostrou bastante pertinente para pensarmos alguns dos novos fenômenos observados no campo da sexualidade humana.

O aprofundamento da pesquisa me levou ao profícuo pensamento de Jean Laplanche (1987; 2003) e sua Teoria da Sedução Generalizada, chegando ao seus últimos escritos, nos quais se dedicou a ampliar a noção do gênero, do sexo e do Sexual na psicanálise. Somados a isso, a compreensão de Paulo de Carvalho Ribeiro (2000; 2010; 2011; 2016; 2017) acerca da identificação feminina primária, a imitação e o debate a respeito dos pensamentos de Stoller e Laplanche foram importantes ferramentas teóricas que ajudaram a sustentar a discussão e a análise do filme e dos fatos clínicos apresentados.

No segundo capítulo da dissertação, portanto, procurei analisar e discutir dois fenômenos humanos: uma produção cinematográfica que traz como personagem principal um rapaz às voltas com questões sobre sua sexualidade e sua identidade de gênero; e o fato clínico de uma adolescente que também se angustiava por conta de questionamentos em relação ao mesmo tema. Considerei interessante trazer para o debate duas situações tão diferentes, mas que ao mesmo tempo conservavam importantes semelhanças, o que me permitiu trabalhar diferentes aspectos teóricos através dos interlocutores apresentados no primeiro capítulo. Pudemos acompanhar e refletir sobre diferentes movimentos: enquanto Guillaume parecia encantado pelos aspectos da feminilidade, buscando aproximar-se desse universo, Ariel mostrava-se ligada às questões do masculino, distanciada das dimensões da feminilidade.

Reitero que o conceito de identificação feminina primária se mostrou essencial como referencial teórico para ajudar a pensar ambas as discussões, seja pela intensidade, algo que



pensamos ter ocorrido no caso de Guillaume, seja pela precariedade observada no caso de Ariel. Penso ter sido importante trabalhar a noção de neo-sexualidades elaborada por McDougall, que é ainda pouco conhecida e abordada, principalmente em trabalhos acadêmicos, mas que considero muito interessante e espero ter contribuído para sua sustentação e difusão.

O objetivo de uma dissertação dessa natureza não é encontrar conclusões e fechamentos, mas contribuir para o debate e para a abertura de novas reflexões e discussões acerca da temática trabalhada. Assim, ao final dessa trajetória, espero ter trazido contribuições para o campo de estudo das identidades de gênero sob o ponto de vista da psicanálise, que possam ajudar no entendimento da construção das subjetividades dos sujeitos que não se encaixam no papel de gênero esperado pelo entorno. Empenhei-me para que fosse possível, como diria Laplanche, colocar a teoria psicanalítica para trabalhar, ou seja, para expandir o campo das interpretações acerca das identidades de gênero, buscando dar continuidade ao movimento copernicano inaugurado por Freud.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Butler, J. (1990) *Problemas de gênero – Feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- Carvalho, M. T. M & Ribeiro, P. C. (2007) Silvia Bleichmar e a teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche in *Boletim formação em psicanálise / Instituto Sedes Sapientiae, Departamento Formação em Psicanálise*. Ano XV, v.15, (Edição Especial 2007)
- Ceccarelli, P. R. (1997) *Joyce McDougall: uma apresentação*. in *Percursos*, São Paulo, Vol.18, p.104-106.
- Ceccarelli, P. R. (2010) Psicanálise, sexo e gênero: algumas reflexões. in *Diversidades: Dimensões de gênero e sexualidade*. org: Carmen Rial, Joana Maria Pedro e Silvia Maria Fávero Arend. Ed: Mulheres, Ilha de Santa Catarina.
- Clements, R. & Musker, J. (Diretores) (1989) *A pequena sereia* [DVD] Disney/Buena Vista.
- Costa, J. F. (2001) *O sexo segundo Laqueur*. Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2503200105.htm>
- Dallazen, L., Giacobone, R. V., Macedo, M. M. K. & Kupperman, D. (2012) Sobre a ética em Pesquisa na Psicanálise. *Rev. PSICO*, v.43(1), pp. 47-54.
- Freud, S. (2006). Três ensaios sobre a sexualidade. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume VII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2006). O Ego e o Id. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XIX* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2006). Dois verbetes de Enciclopédia. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XVIII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2006). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XIX* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (2006). Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XXII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2006). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XIX* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925)

- Gallienne, G. (Direção) (2013) *Eu, Mamã e os Meninos*. Produção: Europa filmes, França.
- Greenson, R. R. (1968) *Dis-identifying from mother*. International Journal of Psychoanalysis, vol. 49, pp. 370-374.
- Horney, K. A. (1923/1991) Gênese do complexo de castração nas mulheres. In: *Psicologia Feminina*. Rio de Janeiro: Bertrand, pp. 35-50.
- Knudsen, P.P.P. S. (2007) *Gênero, psicanálise e Judith Butler: do transexualismo à política* (Tese Doutorado. Psicologia Clínica) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Laplanche, J. (1987/1992) *Novos Fundamentos para a Psicanálise*. (Cláudia Berliner, trad.). São Paulo: Martins Fontes
- Laplanche, J. (1992b) *Problemáticas IV: O inconsciente e o id*. (Álvaro Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1993) *Problemáticas V: A tina: a transcendência da transferência*. (Álvaro Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (2005/2015) O gênero, o sexo e o Sexual. In: *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano*. Trad. Vanise Dresch e Marcelo Marques. Porto Alegre, Dublinense, pp. 154 – 189.
- Lattanzio, F. F. (2011) O lugar do gênero na psicanálise: Da metapsicologia às novas formas de subjetivação (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas)
- Lattanzio, F. F. & Ribeiro, P. C. (2012) *Recalque originário, gênero e sofrimento psíquico*. Psicologia em Estudo, Maringá. v.17(3) pp. 507-517.
- Laqueur, T. W. (2001) *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Machado Jr, P. R. (2014) *Psicanálise, cinema e fantasia: a análise de filmes pela perspectiva de Melanie Klein e autores pós-kleinianos*. (Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo).
- McDougall, J. (1999). Teoria sexual e psicanálise. In *Diferenças sexuais*. Org. Ceccarelli. (Carmem Lucia Villaça de Cerqueira Cesar, trad.). São Paulo: Ed. Escuta.
- McDougall, J. (2001). *As múltiplas faces de Eros. Uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo, SP: Martins Fontes. Trad. Pedro Henrique Bernardes Rondon.
- Money, J. (1955) *Hermaphroditism, gender and precocity in hyperadrenocorticism: psychological findings*. Bull. Johns Hopkins Hosp., n. 96, pp. 253-264.

Person, E. & Ovesey, L. (1999). Teorias psicanalíticas da identidade de gênero. In *Diferenças sexuais*. Org. Ceccarelli. (Carmem Lucia Villaça de Cerqueira Cesar, trad.). São Paulo: Ed. Escuta.(pp. 121-150)

Perucchi, J. (2009). Dos estudos de gênero às teorias queer: desdobramentos do feminismo e do movimento LGBT na psicologia social [Trabalho completo]. In Associação Brasileira de Psicologia Social (Org.), *Anais* [Online]. Maceió: ABRAPSO.

Ribeiro, M.F.R. (2011). *De mãe em filha. A transmissão da feminilidade*. São Paulo, SP: Ed. Escuta.

Ribeiro, M.F.R. (2012). O Gênero do analista: reflexão necessária?! Um elogio ao conceito de bissexualidade psíquica. *Boletim Formação em Psicanálise*, São Paulo, SP. V. 20, p. 71-81.

Ribeiro, P. C. (2000) O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária. São Paulo: Escuta.

Ribeiro, P. C. (2005) Gênero e identificação feminina primária. *Psicol. rev. (Belo Horizonte)* [online] vol.11, n.18, pp. 238-256. ISSN 1677-1168.

Ribeiro, P. C. (2010) *Identificação passiva e a Teoria da Sedução Generalizada de Jean Laplanche*. Percurso (São Paulo), v. 44, pp. 79-90. Recuperado de: [http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo\\_view&ida=103&ori=edicao&id\\_edicao=44](http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=103&ori=edicao&id_edicao=44)

Ribeiro, P. C. (2011) *Imitação: seu lugar na psicanálise*. São Paulo: Casa do psicólogo (Coleção clínica psicanalítica)

Ribeiro, P. C. (2016) *O sexual, o fálico e o orifical a partir da teoria da sedução generalizada*. Percurso (São Paulo) v.56-57, pp. 105-112. Recuperado de: [http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo\\_view&ida=1222&ori=autor&letra=R](http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=1222&ori=autor&letra=R)

Ribeiro, P. C. (2017) Gênero, Sexo e Enigma no Sexual de Jean Laplanche in P. C. Ribeiro (Org.) *Por que Laplanche?*(pp.105-124) São Paulo: Zagodoni.

Silva, M. E. (1993) Pensar em psicanálise. In: SILVA, M. E. *Investigação e psicanálise*. Campinas: Papirus.

Silva, C. M. & Macedo, M. M. K. (2016) *O Método Psicanalítico de Pesquisa e a Potencialidade dos Fatos Clínicos*. Psicologia: Ciência e Profissão v.36(3), pp.520-533.

Stoller, R.J. (1993) *Masculinidade e feminilidade: apresentações de gênero*. Porto Alegre, Artes Médicas.

Stoller, R. J. (1975) *A experiência transexual*. Rio de Janeiro: imago (1982)

Tarelho, L. C. (2012) A teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche e o descentramento do ser humano. *Jornal de psicanálise* v 45(83) pp. 97-108.

Turato, E. R. (2008) *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-metodológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. 3a ed. Petrópolis, RJ: Vozes.